

Relatório da 155ª Conferência Geral
Anual de A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias, abril de 1985

A Liahona

Julho de 1985

A Liahona

Julho de 1985 - Volume 38 - Nº 5
PBMA0595PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos
Últimos Dias, apresentando material das
revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Spencer W. Kimball, Marion G. Romney,
Gordon B. Hinckley.

Conselho dos Doze:
Ezra Taft Benson, Howard W. Hunter,
Thomas S. Monson, Boyd K. Packer,
Marvin J. Ashton, L. Tom Perry,
David B. Haight, James E. Faust,
Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson,
Dallin H. Oaks.

Comitê de Supervisão: M. Russell
Ballard, Loren C. Dunn, Rex D. Pinegar,
Charles Didier, George P. Lee.

Editor: M. Russell Ballard

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller
Editor Associado: David Mitchell
Seção Infantil: Lois Richardson
Desenhista: Mary A. Hodson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto
Editor: Paulo Dias Machado
Assinaturas: Victor Hugo da C. Pires
Supervisor de Produção: Elias Nelson
Munhoz Dias

Capa: Praça do Templo, Cidade do Lago
Salgado, Utah. Os pináculos do Templo
de Lago Salgado iluminados por holofotes
erguem-se acima das árvores. O topo do
Edifício dos Escritórios da Igreja pode ser
visto mais além, à direita do Templo. O
Tabernáculo, onde se realiza a
Conferência Geral, está à esquerda.
Fotografia de John Snyder.

Fotos deste número ficam a cargo dos
Serviços Fotográficos de Comunicações
Públicas da Igreja: Eldon K. Linschoten,
fotógrafo-chefe; Michael M. McConkie e
Wes Taylor.



Donald Ripplinger dirige o Coro do Tabernáculo Mormom numa sessão da conferência.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS,
do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as
normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre
assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de
Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço
da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 6.000,00; para
Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa,
Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa.
Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples:
US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em
nossa agência: Cr\$ 750,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas
indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente
de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos
Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do
"International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o
número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas
Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o
Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International
Magazine" é publicado sob outros títulos, também em
alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol,
finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês,
norueguês, samoano, sueco e tonganês.

Composição: HOMART Fotocomposição e Artes
Gráficas Ltda - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone:
289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua
Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 -
Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação
seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de
publicar somente os artigos solicitados pela redação.
Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para
apreciação da redação e da equipe internacional do
"International Magazine". Colaborações espontâneas e
matérias dos correspondentes estarão sujeitas a
adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato,
2.430 - Telefone (011) 814-2277.

RELATÓRIO DA 155.^a CONFERÊNCIA GERAL ANUAL DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

*Sermões e procedimentos dos dias 6 e 7 de abril de 1985,
no Tabernáculo da Praça do Templo, Cidade de Lago Salgado, Utah.*

Os membros da Igreja "corresponderam magnificamente, compartilhando sua abundância com aqueles que nada têm" disse o Presidente Gordon B. Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência ao falar na sessão matutina de domingo, 7 de abril, da 155.^a Conferência Geral Anual da Igreja.

"Quando corações no mundo inteiro foram tocados pela notícia da fome reinante na África, pedimos aos membros da Igreja nos Estados Unidos e no Canadá que observassem um dia de jejum especial, abstendo-se de duas refeições e doando o equivalente em dinheiro, ou mais, para ajudar a esses povos famintos," dizia ele.

A reação dos que participaram foi maravilhosa e muito gratificante... Vossas contribuições alcançaram a soma de US\$ 6.025.656."

O Presidente Hinckley informou que US\$ 4.400.000 já foram repassados a organizações como a Cruz Vermelha Americana, Serviços de Assistência Católica, Africare e CARE.

"Quão gratos somos pela inspiração do Todo-Poderoso em estabelecer um programa simples, mas tão eficaz para aliviar sofrimento e necessidade", dizia ele em seu relatório aos membros da Igreja. A conferência geral de dois dias foi presidida pelo Presidente Spencer W. Kimball,

que compareceu às quatro sessões gerais e que, dez dias antes da conferência, festejou seu nonagésimo aniversário.

Uma das sessões teve a presença do Pres. Marion G. Romney, primeiro conselheiro na Primeira Presidência. As sessões foram dirigidas pelo Pres. Hinckley e Pres. Ezra T. Benson, presidente do Quorum dos Doze, estando presentes todas as Autoridades Gerais, com exceção do Élder Paul H. Dunn, do Primeiro Quorum dos Setenta, que se encontra em convalescença de recente problema cardíaco.

Durante a conferência houve quatro importantes atos administrativos. O Élder Wm. Grant Bangerter, do Primeiro Quorum dos Setenta, foi apoiado como membro da Presidência deste Quorum, preenchendo a vaga deixada pela morte, em janeiro último, do Élder G. Homer Durham. Segundo, foram desobrigados os membros do Bispado Presidente — Bispo Victor L. Brown, H. Burke Peterson, primeiro conselheiro e J. Richard Clarke, segundo conselheiro — e apoiados membros do Primeiro Quorum dos Setenta. Foi anunciada a designação do Élder Brown como presidente do Templo de Salt Lake City, do Élder Peterson como presidente do Templo de Jordan River, e do Élder Clarke como presidente da Missão África do Sul Cape Town.

Terceiro, mais outros três irmãos foram apoiados como membros do Primeiro Quorum dos Setenta: Élder Hans B. Ringger, da Suíça; Élder Waldo Pratt Call Sr. do México; e Élder Hélio da Rocha Camargo, do Brasil, elevando o total de membros ativos do Quorum a cinqüenta e três. Quarto, foi apoiado o novo Bispado Presidente; o Élder Robert D. Hales foi desobrigado como membro do Primeiro Quorum dos Setenta e apoiado Bispo Presidente; Henry B. Eyring, Comissário de Educação da Igreja, como primeiro conselheiro; e Glenn L. Pace, diretor-administrativo do Departamento de Serviços de Bem-Estar da Igreja, como segundo conselheiro.

As sessões da conferência foram televisionadas via satélite para mais de mil grupos de membros da Igreja reunidos em alas e centros de estaca dos EUA e Canadá.

Nos dias 3, 4 e 8 de abril houve reuniões especiais para os atuais cento e oitenta presidentes de Missão e esposas, o que aconteceu pela primeira vez numa conferência desde 1961. Na sexta-feira, dia 5, realizou-se durante o dia o seminário dos Representantes Regionais, para o qual foram igualmente convidados os presidentes de Missão, e à noite, uma reunião de liderança para Representantes Regionais, presidentes de estaca e de Missão.

— Os Editores

ÍNDICE POR ASSUNTO

Os assuntos abaixo são tratados em discursos iniciados nas páginas indicadas:

Aborto 12
Altruísmo 73
Amor 58, 93
Arbítrio 16
Autoridade 31, 37
Beleza 30
Bispos 31
Discipulado 34
Espírito Santo 76
Etiópia 46, 62
Excelência 43
Exemplo 83
Expição 9
Família 24
Gratidão 93
Jesus Cristo 9, 19, 34, 62, 67
Metas 56
Obediência 16, 79
Obra Missionária 6, 27, 41, 70
Ordenanças 89
Ouvir 85
Poder de Deus 94
Responsabilidade 16
Ressurreição 9, 34, 62, 67
Sacerdócio 37
Sacramento 89
Sacrifício 19, 87
Serviço 29, 46, 85, 87, 92, 95
Spencer W. Kimball 48
Testemunho 29

Os oradores desta conferência são indicados abaixo em ordem alfabética

Ashton, Marvin J. 48
Ballard, M. Russell 46
Bangerter, Wm. Grant 70
Benson, Ezra Taft 6, 41
Brown, Victor L. 16
Call, Waldo P. 93
Camargo, Hélio R. 94
Clarke, J. Richard 83
Eyring, Henry B. 85
Faust, James E. 34
Haight, David B. 67
Hales, Robert D. 31
Hinckley, Gordon B. 4, 58, 62, 95,
Hunter, Howard W. 19
Kay, F. Arthur 29
Kimball, Spencer W. 56
Maxwell, Neal A. 79
McConkie, Bruce R. 9
Monson, Thomas S. 76
Nelson, Russell M. 12
Oaks, Dallin H. 89
Pace, Glenn L. 87
Packer, Boyd K. 37
Perry, L. Tom 24
Peterson, H. Burke 73
Ringer, Hans B. 92
Sonnenberg, John 27
Vidmar, Peter 43
Wilcox, Keith W. 30

ÍNDICE

- 1 RELATÓRIO DA 155ª CONFERÊNCIA
GERAL ANUAL DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS
SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

SESSÃO MATUTINA DE SÁBADO

- 4 APOIO AOS OFICIAIS DA IGREJA
Presidente Gordon B. Hinckley
- 6 NOSSA RESPONSABILIDADE DE COMPARTILHAR O
EVANGELHO *Presidente Ezra Taft Benson*
- 9 O PODER PURIFICADOR DO GETSÊMANI
Élder Bruce R. McConkie
- 12 REVERÊNCIA PELA VIDA *Élder Russel M. Nelson*
- 16 ARBITRÍO E RESPONSABILIDADE
Élder Victor L. Brown
- 19 CRISTO, NOSSO CORDEIRO PASCAL
Élder Howard W. Hunter

SESSÃO VESPERTINA DE SÁBADO

- 22 RELATÓRIO DO COMITÊ DE AUDITORIA DA IGREJA
- 23 RELATÓRIO ESTATÍSTICO DE 1984
- 24 "NASCIDO DE BOA FAMÍLIA" *Élder L. Tom Perry*
- 27 O CONVITE DO MESTRE *Élder John Sonnemberg*
- 29 A ALEGRIA DE SERVIR *Élder F. Arthur Kay*
- 30 BUSCAR O BELO *Élder Keith W. Wilcox*
- 31 O MANTO DE BISPO *Bispo Robert D. Hales*
- 34 A RESSURREIÇÃO *Élder James E. Faust*
- 37 "DESTES AFASTA-TE" *Élder Boyd K. Packer*

SESSÃO DO SACERDÓCIO

- 41 PREPARAÇÃO PARA O SERVIÇO
MISSIONÁRIO *Presidente Ezra Taft Benson*
- 43 A BUSCA DA EXCELÊNCIA *Peter Vidmar*
- 46 PREPARAR-SE PARA SERVIR
Élder M. Russell Ballard
- 48 SPENCER W. KIMBALL: UM AUTÊNTICO DISCÍPULO
DE CRISTO *Élder Marvin J. Ashton*
- 56 ESTABELECEMETAS E PROGREDIR
Presidente Spencer W. Kimball
- 58 AGRADAR AO NOSSO PAI CELESTIAL
Presidente Gordon B. Hinckley

SESSÃO MATUTINA DE DOMINGO

- 62 A VITÓRIA SOBRE A MORTE
Presidente Gordon B. Hinckley
- 67 O CRISTO RESSURRETO *Élder David B. Haight*
- 70 O ESPÍRITO DE COLIGAÇÃO
Élder Wm. Grant Bangerter
- 73 ALTRUIZMO: RECEITA DE FELICIDADE
Élder H. Burke Peterson
- 76 O ESPÍRITO VIVIFICA *Élder Thomas S. Monson*

SESSÃO VESPERTINA DE DOMINGO

- 79 "DISPOSTO A SE SUBMETER"
Élder Neal A. Maxwell
- 83 LEVANTAI VOSSA LUZ *Élder J. Richard Clarke*
- 85 "OUVIDOS PARA OUVIR" *Bispo Henry B. Eyring*
- 87 CONFIANÇA NO SENHOR *Bispo Glenn L. Pace*
- 89 TOMAR SOBRE SI O NOME DE JESUS CRISTO
Élder Dallin H. Oaks
- 92 AS RESPOSTAS VIRÃO *Élder Hans B. Ringger*
- 93 ESTA É A OBRA DO SENHOR *Élder Waldo P. Call*
- 94 ELE ESTÁ NO COMANDO *Élder Hélio R. Camargo*
- 95 DEUS TEM UM TRABALHO PARA NÓS
Presidente Gordon B. Hinckley
- 52 AUTORIDADES GERAIS DE A IGREJA DE
JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS
- 96 NOTÍCIAS DA IGREJA

Participação Adicional: Orações proferidas na sessão matutina de sábado pelos Élderes A. Theodore Tuttle e Yoshihiro Kikuchi, na sessão vespertina de sábado pelos Élderes Theodore M. Burton e Derek A. Cuthbert; na sessão do sacerdócio pelos Élderes Robert L. Simpson e Ronald E. Poelman; na sessão matutina de domingo pelos Élderes Robert E. Wells e Rex C. Reeve; e na sessão vespertina de domingo pelos Élderes Vaughn J. Featherstone e Robert L. Backman.

APOIO DOS OFICIAIS DA IGREJA

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo conselheiro na Primeira Presidência



Meus amados irmãos e irmãs, nós vos saudamos reunidos em conferência geral, nesta linda manhã, no vale das montanhas, nesta gloriosa época da Páscoa. Estamos reunidos no Tabernáculo da Praça do Templo, na Cidade de Lago Salgado, para a primeira sessão geral da centésima quinquagésima quinta Conferência Geral Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Estamos muito felizes que o presidente da Igreja, Presidente Spencer W. Kimball, esteja conosco nesta bela manhã, sentado junto ao púlpito.

Damos as boas-vindas a todos os participantes desta conferência, quer sentados aqui no Tabernáculo ou acomodados no Assembly Hall ao lado, presididos pelos Élderes J. Thomas Fyans e Rex D. Pinegar, bem como aos que participam por transmissão via satélite, rádio, cabo ou televisão. Esta conferência está sendo transmitida via satélite para mais de setecentas e cinquenta estacas dos Estados Unidos, Canadá e Porto Rico. Reconhecemos a presença das Autoridades Gerais da Igreja, da presidência geral da Sociedade de

Socorro, das Moças e da Primária, e do Comitê de Atividades, aqui ao lado. Apresentamos nossa saudação especial aos líderes governamentais, educacionais e cívicos presentes.

Meus queridos irmãos e irmãs, onde quer que estejais, meu coração vos abraça a todos com transbordante espírito de gratidão. Essa imensa congregação abarca os continentes do mundo ao nos reunirmos nesta maravilhosa conferência geral.

Estamos encantados que o Presidente Kimball, que recentemente comemorou seu nonagésimo aniversário, esteja conosco esta manhã. Embora não possa nos dirigir a palavra hoje, sua simples presença desperta em cada um de nós um apreço maior pelo Senhor, que tem preservado sua vida nesses noventa anos. É uma existência bastante longa para um homem desta geração. Ele está aqui pelo manifesto poder do Senhor. Asseguro-vos que nos reunimos com ele freqüentemente e que, sem sua aprovação, não tomamos nenhuma atitude para a qual não exista uma disposição explicitamente estabelecida. Ele costuma estar conosco nas reuniões semanais da Primeira Presidência e do Quorum dos Doze no templo. Sua presença é uma bênção e inspiração para todos nós. Unidos, invocamos sobre ele os favores do Senhor, para que o preserve em conforto e bem-estar.

Lamentamos a ausência do Presidente Romney, afligido por problemas de saúde e idade avançada. Esperamos que esteja conosco em pelo menos uma das sessões desta conferência.

Lembramo-nos com sincero apreço do competente e amado companheiro e amigo, Élder G. Homer Durham, da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, que faleceu em janeiro próximo passado.

A Igreja segue avante com extraordinária força e união. Os fardos da responsabilidade são muitos e graves, mas são aliviados pela absoluta certeza de que esta é a obra de Deus, que ele a dirige e zela por ela. Oramos para que ele nos dirija constantemente, que nos faça sensíveis aos influxos do Santo Espírito em todos os momentos e circunstâncias, que seja feita a sua vontade na terra como nos céus. Esses fardos são igualmente aliviados pela patente união dos irmãos e irmãs, entre todas as Autoridades Gerais que se mostram notável e maravilhosamente unidas, entre os oficiais e juntas das organizações auxiliares, dos oficiais locais no mundo inteiro e, com relativamente raras exceções, dos membros. Aprecio mais do que consigo expressar em palavras vossas preces, vossas cartas de confiança, o poder sustentador de vossa vida e fé, e vossa reação positiva a cada solicitação nossa.

O Bispado Presidente, particularmente, tem arcado com um fardo extremamente pesado, desde que o Bispo Victor L. Brown o assumiu há vinte e quatro anos. Ele foi nomeado bispo presidente, e o Bispo Peterson tornou-se seu conselheiro treze anos atrás. O Bispo Clarke está em seu nono ano de serviço. Nunca antes na existência da Igreja foram construídos tantos novos edifícios: Capelas, templos e outras edificações de porte, como o novo Museu da Igreja e o Edifício de Genealogia. Com a obra de construção prosseguindo em mais de noventa países, estes irmãos que são responsáveis por ele e muitos outros setores, estão há muito sobrecarregados com obrigações administrativas e um rigoroso esquema de viagens para supervisionar esses vastos e muito dispersos programas. Não tenho palavras para elogiar o que eles têm feito. Merecem ser aliviados dos fardos que vêm carregando tão galhardamente há tanto tempo.

Com grande apreço por tudo o que fizeram e com nosso sincero afeto e bênção, desobrigamos honrosamente o Bispo Victor L. Brown como bispo presidente da Igreja, bem como o primeiro conselheiro, Bispo H. Burke Peterson, e o Bispo J. Richard Clarke, segundo conselheiro. Todos os que quiserem juntar-se a nós num voto de agradecimento a



esses dedicados e competentes irmãos, poderão fazê-lo, levantando a mão.

Apresentar-vos-ei agora as Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja para vosso voto de apoio.

É proposto que apoiemos o Presidente Spencer W. Kimball como profeta, vidente, revelador e presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos a favor, queiram manifestar-se. Se houver alguém contrário, manifeste-se pelo mesmo sinal. Marion G. Romney como primeiro conselheiro na Primeira Presidência, e Gordon B. Hinckley como segundo conselheiro na Primeira Presidência. Todos a favor, queiram manifestar-se. Se houver alguém contrário, pelo mesmo sinal.

Como Conselho dos Doze Apóstolos: Ezra Taft Benson, presidente; Howard W. Hunter, Thomas S. Monson, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, Bruce R. McConkie, L. Tom Perry, David

B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson e Dallin H. Oaks. É proposto que apoiemos os conselheiros na Primeira Presidência e os Doze Apóstolos como profetas, videntes e reveladores. Todos a favor, queiram manifestar-se. Alguém contrário, pelo mesmo sinal.

Como presidência do Primeiro Quorum dos Setenta: J. Thomas Fyans, Carlos E. Asay, M. Russell Ballard, Dean L. Larsen, Richard G. Scott, Marion D. Hanks e W. Grant Bangerter. Como novos membros do Primeiro Quorum dos Setenta: Victor L. Brown, H. Burke Peterson, J. Richard Clarke; e mais Hans B. Ringger, Waldo Pratt Call, Sênior, e Hélio da Rocha Camargo, para servirem como novos membros deste quorum. Todos os membros do Primeiro Quorum dos Setenta e irmãos eméritos conforme presentemente constituídos. Todos os que os apóiam, queiram manifestar-se. Se houver alguém contra, manifeste-se pelo mesmo sinal.

É proposto que apoiemos Robert D. Hales como Bispo Presidente, tendo Henry Bennion Eyring como primeiro conselheiro, e Glenn Leroy Pace como segundo conselheiro. Simultaneamente, desobrigamos, agradecidos, o Élder Hales como membro do Primeiro Quorum dos Setenta. Todos os que os apóiam, manifestem-se. Os que forem contra, manifestem-se.

É proposto que apoiemos Dean L. Larsen como historiador e registrador da Igreja. Todos os que apóiam esta proposição, manifestem-se. Os que forem contra, pelo mesmo sinal.

Para vossa informação, o Élder Ringger é suíço, tendo servido fielmente por muito tempo em muitos cargos da Igreja, inclusive como presidente de estaca e Representante Regional. O Élder Call é de nacionalidade mexicana e serviu como presidente da Estaca Juárez México. Atualmente preside a Missão Uruguaí Montevidéu. O Élder Camargo é do Brasil, onde em várias ocasiões serviu como

presidente de estaca, presidente de Missão e Representante Regional. Ainda para vossa informação, em consonância com o princípio adotado de chamar alguns membros do Primeiro Quorum dos Setenta para servir como presidentes de Templo e de Missão, o Élder Victor L. Brown foi chamado para presidir o Templo de Salt Lake, a partir de primeiro de junho; o Élder Peterson para servir como presidente do Templo de Jordan River, a partir da mesma data; e o Élder Clarke para presidir a Missão África do Sul Capetown, lugar e designação que adora, desde que serviu como missionário nesse país.

À guisa de anúncio, gostaríamos de informar-vos de decisões a respeito da administração de Área. Em três Áreas internacionais, fizemos por oito meses a experiência de as presidências de Área residirem no local. Isto foi feito na Europa, região sul da América do Sul e Ilhas do Pacífico, tendo-se provado altamente desejável. Anunciamos que, a partir de primeiro de julho, mais três presidências de Área serão instaladas: uma residirá no Brasil, responsável por este país e regiões setentrionais da América do Sul; outra no México, encarregada do México e América Central; e outra residindo possivelmente no Japão, para encarregar-se do Extremo Oriente; de modo que, a partir de princípio de julho, teremos mais seis presidências de Área presidindo Áreas internacionais. Além disso, desejamos confirmar que sete presidências serão responsáveis por Áreas nos Estados Unidos e Canadá. Agradecemos a esses irmãos e seus familiares sua disposição de ir para onde quer que sejam mandados.

Além dessas exceções, não houve mudanças quanto às Autoridades Gerais ou oficiais gerais da Igreja desde a última conferência. É proposto, portanto, que apoiemos todas as Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja, conforme presentemente constituídos. Todos os que são a favor, queiram manifestar-se. Os que eventualmente se opuserem, podem manifestar-se pelo mesmo sinal.

Parece-me que a votação foi unânime em todos os casos. Agradecemos vosso voto de aprovação e constante apoio.

NOSSA RESPONSABILIDADE DE COMPARTILHAR O EVANGELHO

Presidente Ezra Taft Benson
do Quorum dos Doze Apóstolos

“A incumbência do Senhor, de pregarmos o evangelho a toda criatura (vide Marcos 16:15), jamais será revogada nesta dispensação.”



Meus queridos irmãos e irmãs, convocamos uma conferência de presidentes de Missão de todo o mundo. Estivemos reunidos com esses maravilhosos homens e suas esposas durante esta semana, e eles receberam instruções e conselho. Portanto, sinto que devo falar umas poucas palavras a respeito de nossa responsabilidade missionária como membros da Igreja.

Nossa missão, como Igreja, é pregar o evangelho ao mundo inteiro. Isto é, a todo país, nação e povo, no devido tempo. Numa carta a John Wentworth, em março de 1842, profetizava Joseph Smith: “Mão profana alguma conseguirá impedir o progresso da obra; ... a verdade de Deus irá avante intrépida, nobre, independente, até que haja penetrado em *cada* continente, visitado *todos* os climas, varrido *todos* os países e soado em *cada* ouvido, até que se cumpram os propósitos de Deus, e

o Grande Jeová diga que a obra está terminada.” (*History of the Church*, 4:540; grifo nosso.)

Para apreciar melhor o nosso acelerado progresso nas últimas décadas, considerai que a Igreja precisou de cento e dezessete anos para alcançar o primeiro milhão de membros (1947); dezesseis anos para chegar a dois milhões (1963); e nove para atingir três milhões (1972). Durante a gestão do Presidente Kimball como presidente da Igreja, entretanto, filiaram-se a ela mais de dois milhões de pessoas.

Todavia, ainda resta muito que fazer antes de se dar por terminada a obra de Deus. É preciso abrandar o coração de líderes de nações, abrir as portas de países, vencer ideologias falsas e levar o evangelho a todos os filhos de nosso Pai Celestial.

Como membros da Igreja do Senhor, temos de levar a obra missionária mais a sério. A incumbência do Senhor, de pregarmos o evangelho a toda criatura (vide Marcos 16:15), jamais será revogada nesta dispensação. Temos sido muito abençoados com recursos materiais, tecnológicos e uma mensagem inspirada para levar o evangelho a todos os homens. De nós se espera mais do que qualquer geração passada. “Àquele que muito for dado, muito se lhe exigirá.” (D&C 82:3.)

Gostaria de sugerir-vos algumas maneiras de participardes da gloriosa empresa de levar o evangelho a toda a humanidade.

Primeiro, *podeis viver os princípios do evangelho.*

O Senhor o espera de nós. Dizia

o Apóstolo Paulo: "Sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza." (I Tim. 4:12.)

Somos gratos que a maior parte dos membros da Igreja se esforça por viver o evangelho e trata o próximo com justiça. Mas não ficamos todos tristes e desapontados, quando membros da Igreja são pegos aproveitando-se de outros nos negócios ou julgados culpados de violar as leis de Deus e do homem? Como membros da Igreja, abençoados com as verdades do evangelho, o Senhor espera que sejamos honestos, moralmente limpos, castos, livres de irreverência e vulgaridade, dignos de confiança e exemplares em toda conduta.

Disse o Senhor aos membros desta dispensação:

"Mas, se não guardarem os meus mandamentos, e não atenderem e observarem todas as minhas palavras, os reinos do mundo prevalecerão contra eles.

"Pois foram estabelecidos para ser a luz do mundo, e os salvadores dos homens.

"E, se não forem salvadores dos homens, serão como o sal que perdeu o sabor e para nada mais serve senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens." (D&C 103:8-10.)

Um de nossos melhores instrumentos missionários é o autêntico exemplo de vivência do evangelho por parte dos membros. É a isto que o Senhor se refere, quando dizia à Igreja: "Sião deverá crescer em beleza, e em santidade... Sião deverá se erguer e vestir os seus lindos vestidos." (D&C 82:14.)

Segundo, *podemos preparar nossos filhos para cumprir missão.*

Ao lhe perguntarem certa vez: "Quantos missionários espera conseguir? De quantos precisa?", o Presidente Kimball respondeu: "De todos eles." (Seminário de Representantes Regionais, 3 de abril de 1975.)

Diz ele: "Estou pedindo missionários cuidadosamente doutrinados e instruídos pela família e pelas organizações da Igreja, e que partam para a missão com muita vontade. Estou pedindo... que os missionários em perspectiva recebam um treinamento melhor, por mais tempo e iniciado mais cedo." (*Meu Reino Avançará*, p. 151.)

Quando começamos essa preparação? O profeta diz que "ao nos nascer um filho homem, devemos começar a guardar dinheiro e ajudá-lo a economizar para a missão, para que, quando atingir dezoito anos, esteja preparado e pronto para a missão. Todo rapaz deve ter poupado para a missão." (Seminário de Representantes Regionais, 3 de outubro de 1974.)

Como se inspira nos rapazes um grande desejo de servir? Não é esperando até que tenha dezoito anos para então ajudá-lo a decidir-se a cumprir missão. Nós os ajudamos a se decidirem aos nove, dez ou onze anos! O lar é a sementeira para a preparação dos

jovens. E *todo* rapaz deve ser preparado no lar para a missão.

A preparação começa ensinando o menino a orar, lendo-lhe histórias do Livro de Mórmon e outras escrituras, realizando a noite familiar e designando-lhe parte da lição, ensinando-lhe princípios de pureza moral, abrindo uma caderneta de poupança para a futura missão, ensinando-o a trabalhar e proporcionando-lhe oportunidades de servir ao próximo.

Conheço famílias que, nas preces familiares, sempre oravam para que seus filhos fossem dignos de sair em missão. Isto, afirmam, exerceu um grande impacto nos filhos.



O Monumento às Gaivotas perto do Assembly Hall na Praça do Templo.



Membros do Primeiro Quorum dos Setenta, fila da frente, da esquerda para a direita: Élderes F. Burton Howard, Jack H. Goaslind, Jr. Segunda fila: Élderes John H. Groberg (de costas), Jacob de Jager, Vaughn J. Featherstone, Royden G. Derrick. Terceira fila: Élderes Theodore M. Burton, Hartman Rector, Jr., Loren C. Dunn, Robert L. Simpson, Rex D. Pinegar.

Para nossos adolescentes, rapazes e moças, uma das melhores maneiras de se prepararem para a missão são as aulas de seminário e instituto, proporcionadas pela Igreja. Esperamos que incentiveis vossos filhos a participarem desse programa inspirado.

Terceiro, *podemos apoiar o programa missionário financeiramente.*

Gostaria de explicar o desafio que enfrentamos na Igreja. Em outros países, temos muitos jovens dignos que desejam cumprir missão. A maioria desses élderes e irmãs não têm recursos para se sustentarem nos dois anos de missão, precisando, portanto, receber assistência financeira. Na Igreja, temos um Fundo Missionário Geral, para o qual solicitamos que todos os membros contribuam. Aqueles que recebem abundância do Senhor podem contribuir generosamente para esse programa. A grande maioria dos membros adultos poderia contribuir um pouco mensalmente, ajudando assim a obra missionária a prosperar em todo o mundo.

Quarto, *podemos apresentar os missionários aos nossos vizinhos e amigos.*

A 2 de janeiro de 1831, dizia o Senhor:

"E outra vez vos digo, dou-vos um mandamento que todo homem, tanto élder, sacerdote, mestre como membro, aplique-se com seu poder, com o trabalho de suas mãos para preparar e executar as coisas que ordenei.

"E que a vossa pregação seja a voz de advertência de todo homem ao próximo, com mansidão e brandura." (D&C 38:40-41.)

No dia 27 de dezembro de 1832, o Senhor ordenou ainda:

"Eis que vos envie para testificar e prevenir o povo, e todo o que for prevenido deverá prevenir o seu próximo.

"Portanto, não terão desculpas, e seus pecados estarão sobre suas próprias cabeças." (D&C 88:81-82.)

Nosso atual profeta nos explicou a melhor maneira de cumprir essa obra:

"Precisamos ... envolver os membros da Igreja mais eficazmente na obra missionária. A cooperação do membro-missionário é a chave do futuro crescimento da Igreja, e uma das grandes chaves do progresso pessoal dos membros." (Seminário de Representantes Regionais, 3 de outubro de 1980.)

Todos nós compartilhamos esta

grande responsabilidade. Não há como evitá-la. Que ninguém pense estar isento dessa responsabilidade devido ao lugar onde mora ou posição social, ou por causa do emprego ou ocupação.

Ser membro da Igreja do Senhor é uma dádiva e bênção que ele nos concedeu na mortalidade, e ele espera que compartilhemos essa bênção com aqueles que ainda não a possuem.

Temos igualmente a grande obrigação de amar nossos semelhantes. É o segundo grande mandamento. Muitos de nossos vizinhos ainda não são membros da Igreja. Precisamos ser bons vizinhos. Precisamos amar todos os filhos de nosso Pai e conviver com eles.

Como eu oro para que sejamos cheios do amor de Deus para com o próximo!

Quinto, *podemos participar do serviço missionário, preparando-nos e cumprindo missão.*

Um meio de casais conseguirem isso é economizar e preparar-se para uma missão juntos. Repito: "Necessitamos de casais missionários especiais." (A *Liahona*, julho de 1984, p. 90.)

Repito, nós vos incentivamos a considerar seriamente uma missão de tempo integral. Alguns casais mais jovens já têm filhos na

missão. Talvez agora esteja na hora de se prepararem financeiramente e sob outros aspectos para o serviço missionário. Muitos casais já prestaram excelente serviço e estabilidade a várias Missões da Igreja.

Podeis estudar as escrituras juntos, particularmente o Livro de Mórmon. O Senhor disse que seremos condenados, se não nos lembrarmos do novo convênio, sim, do Livro de Mórmon. (D&C 84:56-57.)

O serviço missionário requer muita fé. Sei como é difícil casais idosos se decidirem por uma missão. Tenho duas irmãs viúvas que cumpriram missão juntas na Inglaterra. Um irmão meu partiu com a esposa para a terceira missão. Muitos casais podem atestar que seu serviço missionário se conta entre seus momentos mais felizes juntos, por estarem totalmente dedicados a um só propósito — a obra missionária.

Sim, irmãos e irmãs, “o campo já está branco, pronto para a ceifa, e eis que aquele que lança a foice com toda sua força, põe em reserva para que não pereça, e traz salvação a sua alma”. (D&C 4:4.)

Sou grato pelo grandioso programa missionário da Igreja. Éramos onze filhos na casa de meu pai. Todos já cumpriram missão. Minha mulher também saiu em missão e teve o prazer de servir os últimos seis meses com a mãe viúva. Quando meu pai saiu em missão, como filho mais velho, lembro-me ainda das cartas que escrevia do campo missionário no Meio-Oeste dos Estados Unidos. Elas trouxeram àquele lar um espírito missionário que nunca mais o abandonou, pelo que sou humildemente grato.

Que Deus abençoe este grande programa missionário. Que abençoe cada um de nós com o espírito da obra missionária induzido pelo amor ao próximo.

Testifico que esta obra é verdadeira e que os resultados de todo nosso esforço atual hão de um dia encher o mundo de alas, estacas e milhões de filhos de nosso Pai, cujas almas serão salvas em seu reino.

Deus abençoe a todos nós, membros da sua Igreja, para que compartilhemos o evangelho com outros, em nome de Jesus Cristo. Amém.

O PODER PURIFICADOR DO GETSÊMANI

Bruce R. McConkie
do Quorum dos Doze Apóstolos

A expiação do Senhor “é o evento mais transcendente que já ocorreu ou ocorrerá desde a Criação e por todos os séculos de uma eternidade sem fim”.



Sinto, e o Espírito parece de acordo, que a doutrina mais importante que posso declarar e o testemunho mais poderoso que posso prestar é do sacrifício expiatório de nosso Senhor Jesus Cristo.

Sua expiação é o evento mais transcendente que ocorreu ou que ocorrerá desde a Criação e por todos os séculos de uma eternidade sem fim.

É o supremo ato de benevolência e graça que somente um Deus poderia realizar. Através desse ato, tornaram-se operantes todos os termos e condições do plano de salvação eterna do Pai.

Através dele, propicia-se a imortalidade e a vida eterna ao homem. Por meio dele, a humanidade é salva da morte, do inferno, do diabo e do tormento eterno.

Por meio dele, todos os que crêem no evangelho glorioso de Deus e lhe obedecem, todos os que são verdadeiros e fiéis e que sobrepõem o mundo, os que

sofrem por Cristo e sua palavra, os que são castigados e açoitados pela causa daquele a quem pertencemos — todos se tornarão como o Criador, se assentarão com ele no seu trono em glória eterna para sempre.

Usarei minhas próprias palavras para falar dessas coisas maravilhosas e talvez penseis que são palavras de escritura, palavras proferidas por outros apóstolos e profetas.

De fato, foram proclamadas primeiramente por outros, mas agora são minhas, pois o Santo Espírito de Deus prestou-me testemunho de que são verdadeiras e é como se o Senhor mas tivesse revelado em primeiro lugar. Portanto, eu ouvi sua voz e conheço sua palavra.

Dois mil anos atrás, fora dos muros de Jerusalém, havia um belo horto chamado Getsêmani, para o qual Jesus e seus amigos mais íntimos gostavam de retirar-se, para orar e meditar.

Ali Jesus ensinava aos discípulos as doutrinas do reino, e todos comungavam com ele, que é o Pai de todos nós, e em cujo ministério estavam empenhados e a quem serviam.

A exemplo do Éden, onde Adão habitou, e como o Sinai, onde Jeová deu suas leis, como o Calvário, onde o Filho de Deus entregou a vida em resgate de muitos, esse solo sagrado é onde o Filho Imaculado do Pai Eterno tomou sobre si os pecados da humanidade, contanto que se arrependessem.

Nós não sabemos, não compreendemos, nem pode a mente humana conceber a implicação total do que Cristo fez no Getsêmani.

Sabemos que verteu grandes gotas de sangue por todos os poros, ao sorver a borra da taça amarga que o Pai lhe dera.

Sabemos que sofreu corporal e espiritualmente, mais do que é possível o ser mortal suportar sem morrer.

Sabemos que, de alguma forma incompreensível para nós, seu sofrimento satisfaz os reclamos da justiça, resgatando as almas penitentes das dores e penalidades do pecado, pondo a misericórdia ao alcance de todos os que crêem em seu santo nome.

Sabemos que jazeu prostrado no chão, quando as dores e agonias do fardo infinito o fizeram tremer, desejando não ter de beber a taça amarga.

Sabemos que um anjo desceu das cortes de glória para fortalecê-lo, e supomos que pode ter sido Miguel, o Arcanjo, que outrora caiu para que o homem existisse.

Até onde podemos julgar, as agonias infinitas, esse sofrimento indescritível continuou por três ou quatro horas.

Depois disso, com o corpo convulso e exaurido, ele enfrentou Judas e outros demônios encarnados, alguns deles do próprio Sinédrio; e foi levado com uma corda no pescoço, como um

criminoso, para ser julgado pelos arquicriminosos que, como judeus ocupavam o trono de Aarão, e como romanos exerciam o poder de César.

Levaram-no a Anás, a Caifás, a Pilatos, a Herodes e outra vez a Pilatos. Foi acusado, amaldiçoado e golpeado. A fétida saliva deles escorreu-lhe pelas faces, enquanto golpes violentos maltratavam ainda mais seu corpo já tão dorido.

Com furiosa ira, golpeavam-lhe impiedosamente as costas. Sangue escorreu-lhe pelas faces, quando a coroa de espinhos lhe perfurou a trêmula fronte.

Depois disso tudo, ele foi açoitado, açoitado com quarenta chicotadas menos uma, com um chicote de muitas correias guarnecidas de ossos aguçados e pontas de metal afiadas.

Muitos morriam apenas com os açoites, mas ele ergueu-se do cruel suplício, para sofrer a morte ignominiosa sobre a horrenda cruz do Calvário.

Então carregou a própria cruz até desfalecer com o peso, a dor e a crescente agonia de tudo por que passava.

Finalmente, numa colina denominada Calvário, novamente fora dos muros de Jerusalém, os

soldados romanos o pregaram na cruz, enquanto os indefesos discípulos o olhavam e sentiam no próprio corpo a agonia da hora da morte.

Com grandes martelos, transpassaram-lhe os pés, mãos e pulsos com cravos de ferro. Ele foi realmente ferido por nossas transgressões e moído por nossas iniquidades.

A cruz foi levantada para que todos pudessem ver e pasmar, amaldiçoar e escarnecer. Isto fizeram com extremo rancor das nove da manhã até ao meio-dia.

Então os céus enegreceram. Escuridão total cobriu a terra pelo espaço de três horas, como ocorreu entre os nefitas. Houve um temporal furioso, como se o próprio Deus da Natureza estivesse em agonia.

E realmente estava, pois enquanto pendeu da cruz por mais três horas, do meio-dia às três da tarde, repetiam-se todas as agonias infinitas e dores insuportáveis sofridas no Getsêmani.

E, por fim, quando as agonias da expiação haviam cobrado seu tributo, quando fora conquistada a vitória, quando o Filho de Deus cumprira a vontade do Pai em todas as coisas, ele exclamou: "Está consumado", (João 19:30) e voluntariamente entregou seu espírito.

Quando a paz e o alívio de uma morte misericordiosa o livraram das dores e sofrimento da mortalidade, ele ingressou no paraíso de Deus.

Ao oferecer a alma pelo pecado, estava preparado para ver sua semente, segundo o que os profetas disseram (Isaías 53:10).

Semente esta constituída por todos os santos profetas e santos fiéis que viveram no passado; sendo estes os que haviam tomado sobre si o seu nome e que, tendo sido gerados espiritualmente por ele, haviam-se tornado seus filhos e filhas, mesmo como nós; todos esses estavam reunidos no mundo espiritual para ali contemplar sua face e ouvir sua voz.

Passadas umas trinta e oito ou quarenta horas, três dias conforme os judeus contavam o tempo, nosso bendito Senhor voltou ao sepulcro, onde seu corpo parcialmente embalsamado fora colocado por Nicodemos e José de Arimatéia.



Presidente Spencer W. Kimball observa a conferência geral.



Então, de maneira incompreensível para nós, ele retomou o corpo que não havia ainda passado por corrupção, e levantou-se em gloriosa imortalidade, tornando-se igual ao seu Pai ressurreto.

Recebeu assim todo o poder na terra e no céu, obtendo exaltação eterna e aparecendo a Maria Madalena e a muitos outros, antes de ascender aos céus, para sentar-se à mão direita do Deus Todo-Poderoso e reinar para sempre em glória eterna.

Sua ressurreição no terceiro dia coroou o sacrifício expiatório. Novamente, de algum modo incompreensível para nós, os efeitos da ressurreição se transferem a todos os homens, para que todos possam ressurgir da morte.

Assim como Adão trouxe a morte, Cristo trouxe a vida; Adão é o pai da mortalidade, Cristo é o pai da imortalidade.

Sem a mortalidade e a imortalidade, o ser humano não pode conseguir a salvação e ascender às alturas além dos céus, onde os deuses e anjos habitam para sempre em glória eterna.

A expiação de Cristo é a doutrina básica e fundamental do evangelho, embora seja a menos compreendida de todas as verdades reveladas a nós.

Muitos de nós possuímos um conhecimento superficial e confiamos que o Senhor em sua bondade nos ajude a vencer as provações e perigos da vida.

Mas, se quisermos ter a fé que

Enoque e Elias possuíam, devemos crer no que eles criam, saber o que eles sabiam, e viver como eles viveram.

Convido-vos a me acompanhar na busca de um conhecimento perfeito e inequívoco da Expição.

Precisamos deixar de lado as filosofias dos homens e a sabedoria dos eruditos, e dar ouvidos ao Espírito que nos é concedido para nos guiar a toda verdade.

Temos de examinar as escrituras, aceitá-las como o pensamento, a vontade e a voz do Senhor, e o próprio poder de Deus para a salvação

À medida que lemos, oramos e ponderamos, virá a nossa mente a visão dos três jardins de Deus: O Jardim do Éden, o Horto do Getsêmani e o Horto do Sepulcro, onde Jesus apareceu a Maria Madalena.

No Éden veremos todas as coisas criadas num estado paradisíaco, sem morte, sem procriação e sem experiências probatórias.

Saberemos que essa Criação, agora desconhecida do ser humano, foi a única maneira de possibilitar a Queda.

Então veremos Adão e Eva, o primeiro homem e a primeira mulher, descerem de sua condição imortal e da glória paradisíaca para se tornarem os primeiros seres mortais na terra.

A mortalidade, incluindo procriação e morte, entra no mundo. E devido à transgressão, terá início o estado probatório de provações e experiências.

No Getsêmani, veremos o Filho

de Deus resgatar o homem da morte temporal e espiritual, que são conseqüências da Queda.

Finalmente, diante do sepulcro vazio, saberemos que Cristo, nosso Senhor, rompeu os grilhões da morte e permanece para sempre, triunfante sobre a sepultura.

Assim, a Criação gerou a Queda; e a Queda gerou a mortalidade e a morte: e Cristo trouxe a imortalidade e a vida eterna.

E agora, quanto à expiação perfeita realizada pelo derramamento do sangue de Deus — eu testifico que se consumou no Getsêmani e no Gólgota; e quanto a Jesus Cristo, testifico que é o Filho do Deus Vivo, que foi crucificado pelos pecados do mundo. Ele é nosso Senhor, nosso Deus e nosso Rei. Isto sei por mim mesmo, independente de qualquer outra pessoa.

Sou uma de suas testemunhas e num dia que se aproxima, apalparei as marcas dos cravos em suas mãos e pés, e hei de derramar lágrimas sobre seus pés.

Mas não terei mais certeza do que tenho agora de que ele é o Filho do Deus Todo-Poderoso, o Salvador e Redentor, e que a salvação vem pelo seu sangue expiatório, e de nenhuma outra forma.

Que Deus nos permita a todos trilhar os caminhos da luz, assim como Deus nosso Pai está na luz, para que, conforme suas promessas, o sangue de Jesus Cristo nos purifique do pecado.

Em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

REVERÊNCIA PELA VIDA

Élder Russell M. Nelson
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Vida produz vida. Ela é um dom de nosso Pai Celeste. É eterna como ele é eterno. Ele não manda vida inocente para ser destruída.”



Juntos agradecemos ao Todo-Poderoso o maravilhoso prolongamento da vida do Élder Bruce R. McConkie, permitindo-lhe fazer esse vigoroso sermão. Profunda é a nossa gratidão!

Oro que o Espírito do Senhor me ajude a transmitir seu pensamento e vontade a respeito de um assunto muito vital e delicado. Escuso-me por ter de usar palavras que me repugnam e não condizem com este púlpito sagrado. Eu o faço tão-somente para falar com clareza sobre a reverência pela vida humana.

Como filhos e filhas de Deus, prezamos a vida como uma dádiva dele.

Os malefícios da guerra incluem um pesado tributo em termos de vidas humanas. Dados provenientes de todas as nações são estarrecedores. Os Estados Unidos da América tiveram cem mil mortos na I Guerra Mundial; na II Guerra Mundial, perderam mais de quatrocentos mil. Nos primeiros duzentos anos como nação, guerras ceifaram a vida de mais de um milhão de americanos.

Por mais lamentável que seja a perda de entes queridos na guerra, esses números são insignificantes diante do tributo cobrado por uma nova guerra que causa *anualmente* mais mortes que o total das baixas de todas as guerras dos Estados Unidos.

É uma guerra contra seres indefesos e sem direito de opinar. É a guerra contra o não-nascido.

Esta guerra denominada “aborto”, atingiu proporções epidêmicas e assola o mundo inteiro. Só no ano de 1974, houve no mundo inteiro mais de cinquenta e cinco milhões de abortos.¹ Sessenta e quatro por cento da população mundial vivem atualmente em países em que tal prática é legal.² Nos Estados Unidos, fazem-se anualmente mais de um milhão e meio de abortos.³ Anualmente, de vinte e cinco a trinta por cento das mulheres

grávidas interrompem a gestação.⁴ Em algumas áreas metropolitanas, os abortos provocados superam em número os partos de crianças vivas.⁵ Os dados de outras nações são semelhantes.

No entanto, a sociedade professa respeito à vida humana. Choramos pelos que morrem, oramos e nos empenhamos pelos que estão em perigo de vida. Há anos venho trabalhando com médicos daqui e do exterior, empenhados em prolongar a vida. É impossível descrever a tristeza de um médico quando falece um seu paciente. Podeis imaginar como nos sentimos quando vemos destruir uma vida em gestação como se não tivesse nenhum valor?

Que senso de inconsistência permite às pessoas chorarem seus mortos enquanto se mostram insensíveis à pernicioso guerra empreendida contra a vida na época de seu silencioso desenvolvimento? Que lógica é capaz de incentivar os esforços para preservar a vida de uma criança desenganada de doze semanas, mas aprovar o extermínio de uma vida doze semanas depois de gerada? Aparentemente, a vida de um condenado à morte merece mais atenção que os milhões de seres privados totalmente do direito à vida, por meio dessa odiosa carnificina antes do nascimento.

O Senhor tem declarado repetidas vezes este divino



Presidente Gordon B. Hinckley, à direita, segundo conselheiro na Primeira Presidência, conversando com o Élder Russell M. Nelson, do Quorum dos Doze.

mandamento: "Não matarás."⁶ Recentemente ele acrescentou: "Nem farás coisa alguma semelhante." (D&C 59:6.)

Antes mesmo de ser restaurada a plenitude do evangelho, as pessoas esclarecidas já compreendiam a santidade da vida. Afirmava João Calvino, reformador do século dezesseis: "Se parece mais horrível matar um homem em seu próprio lar do que no campo de batalha, por seu lar ser seu santuário, certamente deve ser considerado mais abominável destruir um feto no ventre, antes de vir à luz."⁷

Mas que incoerência pode agora legalizar aquilo que desde o alvorecer dos tempos é proibido pelas leis de Deus? Que raciocínio desvirtuado transformou conceitos místicos em *slogans* distorcidos consentindo numa prática absolutamente errada?

Esses *slogans* começam pela apropriada preocupação com a saúde da mãe. Muito raramente, acontecem casos em que a continuação da gravidez pode ameaçar a vida da mãe. Quando médicos competentes concluem que é preciso sacrificar uma vida a fim de salvar a outra, muitos concordam que é melhor salvar a da mãe. Esses casos, porém, são raros, particularmente quando se dispõe de assistência médica moderna.

Outra alegação compreensível diz respeito à gravidez resultante de estupro ou incesto. A tragédia de tal violação é complexa porque nesses casos se nega liberdade de opção à mulher involuntariamente envolvida.

Menos, porém, de três por cento de todos os abortos são feitos por essas duas razões.⁸ Os outros noventa e sete por cento são provocados pelo que poderíamos chamar de "razões de conveniência".

Alguns defendem o aborto pelo possível nascimento de uma criança defeituosa. Os efeitos danosos de certas infecções ou agentes tóxicos nos primeiros meses de gravidez realmente existem.

O caso de um casal que chamarei de Irmão e Irmã Silva (nome fictício) é bastante instrutivo. Na época, a Irmã Silva tinha apenas vinte e um anos, uma bela moça e esposa dedicada. No primeiro trimestre de gravidez, contraiu a temida rubéola e foi



Presidente Spencer W. Kimball, ao centro, com seu secretário D. Arthur Haycock, à esquerda, e Presidente Gordon B. Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência.

aconselhada a abortar porque muito provavelmente a criança nasceria defeituosa. Alguns parentes, compreensivelmente preocupados, exerceram pressão para que o fizesse. "Não se sobrecarreguem financeiramente com uma criança deficiente," alegavam. "Vocês são ainda muito moços e pobres."

O casal foi aconselhar-se piedosamente com o bispo, que os enviou ao presidente da estaca. Depois de ouvir suas graves preocupações, este os aconselhou a não tirarem a vida do filho, ainda que pudesse nascer com algum problema, e citou esta escritura:

"Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas." (Prov. 3:5-6.)

Eles decidiram acatar o conselho e permitir que a criança nascesse, uma linda garotinha, normal em todos os sentidos, exceto uma deficiência auditiva que se manifestou mais tarde. Após uma avaliação numa escola para deficientes auditivos, os pais foram informados de que sua filha tinha a inteligência de um gênio. Agora, passados uns vinte anos, ela estuda mediante uma bolsa de estudos em

renomada universidade.

Indagados recentemente o que achavam da difícil decisão que tiveram de tomar, a mãe respondeu imediatamente: "Ela é uma das grandes alegrias de minha vida! É um espírito eleito. Compensou a deficiência auditiva com capacidade aumentada em outros sentidos. Seus olhos brilham com constante atenção. Dança muito bem, embora perceba a música pela vibração dos sons. Já participou de diretoria estudantil. Entretanto, o mais importante é seu espírito ingênuo, seu amor incondicional. Ela nos ensinou a servir e compartilhar. Seu discernimento espiritual tem-nos ajudado a conhecer a Deus e seus propósitos. Meu marido e eu

somos imensamente gratos por tê-la como filha."

Considerai esta outra mulher avaliando as conseqüências de sua gravidez. Ela já ultrapassa a idade normal para ter filhos. Informou ao médico que seu marido era alcoólatra, além de sifilítico. Um dos filhos nasceu morto e outro era cego. Um outro tinha tuberculose. Na família havia vários casos de surdez. Por fim confessou que viviam na miséria. Se este caso verídico se desse hoje, muitos recomendariam o aborto. A criança nascida dessa gravidez tornou-se o famoso compositor Ludwig van Beethoven.

Todavia, o princípio envolvido transcende a possibilidade de uma eventual fama. Se um ser deve ser

privado de viver porque possivelmente apresentará problemas físicos, então a lógica mandaria que se eliminasse igualmente os que já têm tais deficiências. Da mesma maneira, todos os enfermos, incompetentes ou inconvenientes deveriam ser exterminados por quem está no poder. Tal irreverência à vida é inconcebível!

Outro argumento usado é que a mulher tem liberdade de dispor de seu corpo. Até certo ponto isto é verdade com referência a todos nós. Temos liberdade de pensar. Temos liberdade de planejar. E temos liberdade de agir. Entretanto, depois de agir, não temos mais liberdade de nos furtar às conseqüências. Os que pensam em abortar, já exerceram a liberdade de escolha.

Para compreender melhor este conceito, podemos usar o exemplo do astronauta. Durante todo o tempo do processo de seleção, planejamento e preparação, ele tem liberdade de desistir. Mas quando é disparado o potente foguete, ele já não pode mais escolher, é obrigado a arcar com as conseqüências de sua escolha. Mesmo que surgirem dificuldades e ele quiser desistir, sua escolha já se tornou irrevogável pela ação.

O mesmo acontece com os que brincam com o poder de procriação dado por Deus. Eles têm liberdade de pensar e querer o contrário, mas sua escolha é ratificada pela ação.

A escolha da mulher em relação ao seu próprio corpo não valida a escolha quanto ao corpo de outro ser. A expressão "interromper a gravidez" se aplica literalmente só à mulher. A conseqüência da destruição do feto envolve o corpo e vida própria de outro ser. Estes dois seres têm cérebro, coração e sistema circulatório separados e distintos; fazer de conta que não existe um ser nem vida é negar a realidade.

Não é uma questão de quando realmente "começa a vida" ou quando o espírito "vivifica" o corpo. Na biologia sabe-se que a vida tem início quando duas células gametas se unem para se tornarem uma única célula, trazendo consigo vinte e três cromossomos do pai e da mãe. Estes cromossomos contêm milhares de genes. É um processo maravilhoso envolvendo uma combinação de códigos genéticos





que determinam todas as características fundamentais humanas do embrião formando um novo complexo DNA. O desenvolvimento contínuo resulta num novo ser humano. O início da vida não é uma questão discutível, mas um fato científico.

Aproximadamente vinte e dois dias após a união de duas células, começa a pulsar um minúsculo coração. Aos vinte e seis dias tem início a circulação sangüínea.⁹

A escritura afirma que "a alma da carne está no sangue". (Lev. 17:11.) O aborto derrama esse sangue inocente.

Outros procuram justificar o aborto com a desculpa do controle populacional. Muitos países em desenvolvimento atribuem sua falta de prosperidade à superpopulação. Enquanto se aviltam no desconhecimento de Deus e seus mandamentos, adorando quem sabe objetos de sua própria criação (ou simplesmente nada), procuram em vão limitar sua população pela prática desenfreada do aborto. Vivem na imundície, alheios ao ensinamento divino declarado nas escrituras não

uma, mas trinta e quatro vezes, de que os homens só prosperarão na terra se obedecerem aos mandamentos de Deus.¹⁰

Como pode Deus cumprir a promessa de fazer seus filhos prosperarem se adoram ídolos ou destroem a vida por ele criada e destinada a ser à sua própria imagem?

Eles só prosperarão se sua instrução incluir fé no Deus deste mundo e obediência aos seus mandamentos. Diz ele:

"Eu, o Senhor... construí a terra, o trabalho de minhas próprias mãos; e todas as suas coisas são minhas. E é minha intenção prover... *Mas é preciso que seja feito a meu modo...* Pois a terra está repleta, e há bastante e até de sobra". (D&C 104:14-17; grifo nosso.)

Agora, como servo do Senhor, tenho por dever advertir os que advogam e praticam o aborto, que estão incorrendo na ira do Deus Todo-Poderoso, que declarou: "Se alguns homens... ferirem uma mulher grávida, e forem causa de que aborte... certamente será multado." (Êxodo 21:22.)

Quanto aos que derramam sangue inocente, um profeta declarou: "Os julgamentos a que em sua cólera (Deus) os submeter serão justos; e o sangue do inocente servirá de testemunho contra eles, sim, e clamará fortemente contra eles no último dia." (Alma 14:11.)

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias vem-se opondo consistentemente à prática do aborto. Cem anos atrás já declarava a Primeira Presidência: "E novamente aproveitamos esta oportunidade para advertir os santos contra a ... prática do feticídio e infanticídio."¹¹

No início de sua gestão, nosso querido Presidente Spencer W. Kimball declarou: "Execramos os abortos e pedimos ao nosso povo que se abstenha desta séria transgressão."¹²

Por que destruir uma vida que poderia proporcionar tanta alegria a outros?

Bem, mas existe esperança para aqueles que cometeram esse pecado sem pleno discernimento e que hoje sofrem intensamente? Existe. Pelo que sabemos, o Senhor

não considera essa transgressão um assassinato. E, "segundo o que foi revelado, o pecado do aborto é um dos quais a pessoa pode arrepende-se e obter perdão." ¹³ Sabemos, agradecidos, que o Senhor ajuda todos os que se arrependem sinceramente.

Sim, a vida é preciosa! Ninguém consegue afogar o almejado filho recém-nascido, fitar seus lindos olhos, sentir os dedos minúsculos e acariciar esse milagre da criação sem que cresça a reverência pela vida e ao Criador.

Vida produz vida. Ela é um dom de nosso Pai Celeste. É eterna como ele é eterno. Ele não manda vida inocente para ser destruída! Isto não é doutrina minha, mas do Deus vivente e de seu divino Filho, o que testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

REFERÊNCIAS

1. Christopher Tietze, *Induced Abortion: A World Review*, 4. ed. (Nova York: Population Council, 1981), p. 19.

2. *Ibid*, pp. 7, 19-37.

3. Vide Stanley K. Henshaw, Jacqueline Darroch Forrest, Ellen Sullivan e Christopher Tietze, "Abortion Services in the United States, 1979 and 1980", *Family Planning Perspective*, jan./fev. 1982, pp. 1, 7.

4. *Ibid*, p. 6.

5. Vide Center for Disease Control, *Annual Summary: Abortion Surveillance 1979-80*, U.S. Department of Health, Education, and Welfare, p. 130.

6. Vide Êxodo 20:13; Deut. 5:17; Mat. 5:21; Marc. 10:19; Luc. 18:20; Rom. 13:9; Tiago 2:11; Mosiah 13:21; 3 Néfi 12:21; D&C 42:18-19; D&C 132:36.

7. John Calvin, *Commentaries on the Four Last Books of Moses Arranged in the Form of the Harmony*, 24 vol., trans. Charles William Bingham (Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1950), 3:42. (Ex. 21:22.)

8. Vide U.S. Senate Committee on the Judiciary, *The Human Life Bill: Hearings on S. 158, 97th Congress, 1st session, 1981*.

9. Vide J. Willis Hurst, R. Bruce Logue, Robert C. Schlant e Nanette Kass Wenger, *The Heart*, 4th ed. (Nova York: McGraw-Hill, 1978), p. 7.

10. Vide Lev. 26:3-15; Josué 1:7-8; I Reis 2:3; II Reis 18:7; II Crônicas 24:20; II Crôn. 26:5; II Crôn. 31:21; Esdras 6:14; Jó 36:11; 1 Néfi 2:20; 1 Néfi 4:14; 2 Néfi 1:9; 2 Néfi 1:20; 2 Néfi 1:31; 2 Néfi 4:4; 2 Néfi 5:10-11; Jarom 1:9; Ômni 1:6; Mosiah 1:7; Mosiah 2:22; Mosiah 2:31; Alma 9:13; Alma 36:1; Alma 36:30; Alma 37:13; Alma 38:1; Alma 45:6-8; Alma 48:15; Alma 48:25; Alma 50:20; Helamã 3:20; 3 Néfi 5:22; D&C 9:13.

11. *Messages of the First Presidency of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints*, comp. James R. Clark, 6 vols. (Salt Lake City: Bookcraft, 1965-75), 3:11.)

12. *A Liahona*, fevereiro de 1976, p. 3.

13. *Manual Geral de Instruções*, 1983, p. 76.

ARBÍTRIO E RESPONSABILIDADE

Élder Victor L. Brown

do Primeiro Quorum dos Setenta

"As conseqüências, boas ou más, são o resultado de decisões pessoais, tomadas no exercício do livre-arbítrio."



Em outubro próximo vindouro terão passado vinte e quatro anos desde que recebi um telefonema interurbano em minha casa de Chicago. A pessoa que telefonava da Cidade de Lago Salgado perguntou se eu pretendia ir à conferência geral no dia seguinte. Respondi que não. Perguntou-me então se eu poderia ir. Respondi que sim, se fosse preciso. Foi então que disse: "O presidente da Igreja gostaria de falar com o irmão amanhã de manhã às 8 horas em seu escritório. Agora tenha uma boa noite de sono, pois será sua última."

Depois de quase vinte e quatro anos, parece que vou poder conseguir essa boa noite de sono, talvez.

Esses últimos anos têm sido os mais desafiantes e compensadores de minha vida. Tive a indescritível bênção de ser instruído todas as semanas, com raras exceções, por quatro presidentes da Igreja e oito diferentes conselheiros na Primeira Presidência, e, naturalmente, durante onze anos desse período

por um bispo presidente extraordinário, John H. Vandenberg. Foi uma bênção ter servido com o Élder Robert L. Simpson como conselheiro do Bispo Vandenberg.

Palavras não conseguem expressar adequadamente o amor e apreço que tenho pelos meus próprios fiéis conselheiros, o Élder Vaughn J. Featherstone, Bispo H. Burke Peterson e Bispo J. Richard Clark, por sua lealdade pessoal, e sua extraordinária contribuição à Igreja, no decorrer desses treze anos. Temos sido abundantemente abençoados com homens e mulheres de grande fé e determinação, tanto aqui como pelo mundo afora, que a nós se juntaram na execução do trabalho temporal do reino nesses últimos dias, designado pela Primeira Presidência. Desejo expressar meu apreço e gratidão a todos, onde quer que se encontrem, e agradecer-lhes a bênção de a eles estar associado.

Esse relacionamento reforçou-me os princípios básicos que aprendi na juventude. Gostaria de falar sobre dois ou três deles. A humanidade toda tem certas coisas em comum. Duas das mais óbvias são o nascer e morrer. Com respeito às coisas materiais, não levamos mais conosco do que aquilo que trouxemos ao nascer. Quanto mais me aproximo do final desta vida, mais me preocupo com o que levarei comigo ao morrer.

Um princípio comum, talvez um dos mais importantes, é o dom do livre-arbítrio. Esse grande dom de Deus a todos os seus filhos era parte do plano de salvação apresentado no conselho dos céus. Lemos nas escrituras:

"E o Messias virá na plenitude do tempo, para redimir da queda os

filhos dos homens. E porque foram salvos da queda, estarão livres para sempre, distinguindo o bem do mal, para obrarem por si próprios...

"Portanto, os homens são livres, de acordo com a carne; e todas as coisas que lhes são necessárias lhes são dadas. E estão livres para escolher a liberdade e a vida eterna, por meio da grande mediação de todos os homens, ou para escolher o cativo e a morte, de acordo com o cativo e o poder do demônio; pois que ele procura tornar todos os homens tão miseráveis como ele próprio." (2 Néfi 2:26-27.)

Conforme disse o Presidente Brigham Young:

"Se o Irmão Brigham trilhar um caminho errado e perder a oportunidade de entrar no reino dos céus, ninguém terá culpa disso. Nos céus, na terra ou no inferno, serei eu o único culpado.

"Isto se aplica também a todos os santos dos últimos dias. A salvação é individual. Só eu mesmo sou capaz de salvar-me. Quando a salvação me é apresentada, posso aceitá-la ou rejeitá-la. Ao aceitá-la terei que ser obediente e submisso ao seu grande Autor por toda vida, e àqueles a quem ele designar para me instruir; se a rejeitar, seguirei os ditames de minha própria vontade em detrimento do que deseja meu Criador." (Discursos de Brigham Young, comp. John A. Widtsoe, p. 391.)

Vemos pois que o livre-arbítrio e a responsabilidade andam de mãos dadas, e que as conseqüências, boas ou más, são o resultado das decisões pessoais, tomadas no exercício do livre-arbítrio. E isto é um outro princípio, a obediência.

O Senhor, ciente de nossas fraquezas como seres humanos, e reconhecendo a influência que Satanás exerceria sobre nós, deu-nos padrões para orientar nossa vida e discernir o bem do mal. Encontramos esses padrões nas escrituras sagradas. Gostaria de referir-me a algumas escrituras sagradas que se tornaram mais significativas, à medida que envelheço. A primeira parte poderá talvez servir de alicerce para as outras.

No oitavo capítulo de João, diz o Salvador: "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarà em trevas, mas terá a luz da vida." (João 8:12). Se aceitarmos estas

palavras do Senhor, as demais encontrarão naturalmente seu devido lugar. O que significa ter "a luz da vida" e "não andar em trevas"? O príncipe jovem e rico talvez tivesse isto em mente quando perguntou a Jesus o que deveria fazer para herdar a vida eterna, o maior dom de Deus ao homem. O Salvador respondeu:

"Sabes os mandamentos. Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe.

"E disse ele: Todas essas coisas tenho observado desde a minha mocidade.

"E quando Jesus ouviu isto, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa: Vende tudo quanto tens, reparte-o

pelos pobres, e terás um tesouro no céu; vem, e segue-me.

"Mas, ouvindo ele isto, ficou muito triste, porque era muito rico.

"E vendo Jesus que ele ficara muito triste, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!

"Porque é mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus." (Lucas 18:20-25.)

Gostaria de repetir as palavras do Presidente Young: "Quando a salvação me é apresentada posso aceitá-la ou rejeitá-la. Ao aceitá-la, terei que ser obediente e submisso ao seu grande Autor por toda minha vida."

Uma das grandes lições sobre





obediência é ensinada na história de Naamã. Naamã era "chefe do exército do rei da Síria... e era... homem valoroso porém leproso". (II Reis 5:1.)

Uma serva de sua esposa, jovem israelita de grande fé e preocupada com a condição de Naamã, "disse... à sua senhora: Oxalá que o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria; ele o restaurará da sua lepra." (II Reis 5:3.)

Ouvindo isto, o rei enviou Naamã ao rei de Israel com uma carta e presentes, rogando-lhe que curasse Naamã da lepra. Ele não havia entendido as palavras da serva e pensou que fosse o rei de Israel quem poderia curá-lo. O rei de Israel ficou muito transtornado com tal pedido, porque não tinha esse poder. Sabia, porém, que se não o fizesse, poderia haver guerra com a Síria. Eliseu, o profeta, soube do problema do rei e disse-lhe: "Deixa-o vir a mim, e saberá que há profeta em Israel.

"Veio pois Naamã com os seus cavalos, e com o seu carro, e parou à porta da casa de Eliseu.

"Então Eliseu lhe mandou um mensageiro, dizendo: Vai, e lava-te

sete vezes no Jordão, e a tua carne te tornará, e ficarás purificado." (II Reis 5:8-10.)

Naamã, um homem de alta posição, indignou-se por Eliseu ter-lhe enviado um mensageiro, não lhe demonstrando o respeito de o atender pessoalmente. Além disso, a simplicidade da mensagem o ofendeu.

"Naamã muito se indignou, e se foi, dizendo: Eis que eu dizia comigo: Certamente ele sairá, por-se-á em pé, e invocará o nome do Senhor seu Deus, e passará a sua mão sobre o lugar, e restaurará o leproso." (II Reis 5:11.)

"Não são porventura Abana e Farfar, rios de Damasco, melhores do que todas as águas de Israel? Não me poderia eu lavar neles e ficar purificado? E voltou-se, e se foi com indignação.

"Então chegaram-se a ele os seus servos, e lhe falaram, e disseram: Meu pai, se o profeta te dissera alguma grande coisa, porventura não a farias? Quanto mais, dizendo-ele: Lava-te, e ficarás purificado.

"Então desceu, e mergulhou no Jordão sete vezes, conforme a palavra do homem de Deus: e a sua

carne tornou como a carne de um menino, e ficou purificado." (II Reis 5:11-14.)

Naamã precisou ter fé como uma criança e ser obediente como uma criança para que sua pele se tornasse limpa como a de uma criança.

Finalmente, o princípio que tenho observado na vida de homens e mulheres de sucesso é o de agir rápida e decisivamente, assim que sabem o que o Senhor quer que façam. Na parábola das dez virgens, é-nos mostrada a insensatez da procrastinação e demora em nos prepararmos para o dia em que o Salvador virá novamente; a escolha, porém, é nossa. Somos "livres para escolher liberdade e a vida eterna... ou para escolher o cativo e a morte." (2 Néfi 2:27.)

"Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo" (que é o Salvador, na sua segunda vinda).

"E cinco delas eram prudentes, e cinco loucas.

"As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo.

“Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas...”

“Mas à meia-noite, ouviu-se um clamor; aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro.

“Então todas aquelas virgens se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas.

“E as loucas disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam.

“Mas as prudentes responderam, dizendo: Não seja caso que nos falta a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós.

“E tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta.

“E depois chegaram também as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos.

“E ele, respondendo, disse: Em verdade vos digo que vos não conheço.

“Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há de vir.” (Mateus 25:1-4, 6-13.)

As virgens imprudentes esperavam tomar emprestado o azeite das outras. Para sua tristeza, verificaram que eram individualmente responsáveis por sua condição e que não se haviam preparado. Ao concluir esta fase do meu serviço na Igreja, oro que cada um de nós seja suficientemente sábio para levar uma vida que nos permita estar entre aqueles a quem se refere esta escritura:

“E naquele dia, quando eu vier na minha glória, a parábola de que falei, concernente às dez virgens, se cumprirá.

“Pois aqueles que são sábios e tiverem aceitado a verdade, e tomado o Santo Espírito por seu guia; e não tiverem sido enganados, na verdade vos digo que não serão cortados e lançados no fogo, mas suportarão o dia.

“E a terra ser-lhes-á dada por herança: e eles se multiplicarão e se tornarão fortes, e seus filhos crescerão sem pecado para a salvação.

“Pois o Senhor estará em seu meio, e a sua glória estará sobre eles, e ele será o seu rei e o seu legislador.” (D&C 45:56-59.)

Em nome de Jesus Cristo, amém.

CRISTO, NOSSO CORDEIRO PASCAL

Élder Howard W. Hunter
do Quorum dos Doze Apóstolos

*Em virtude da expiação e da ressurreição,
“não mais seria exigido do homem oferecer o cordeiro primogênito de seu rebanho, pois o Primogênito de Deus veio oferecer-se a si próprio como ‘sacrifício infinito e eterno’.”*



Creio poder dizer com segurança que a Páscoa judaica não tem igual no calendário de celebrações dos judeus. É a mais antiga festa judaica, celebrando um evento anterior ao recebimento da tradicional Lei Mosaica. Ela recorda a todas as gerações a volta dos filhos de Israel para a terra da promessa e o duro padecimento que a precedeu. Comemora a passagem de um povo do cativeiro para a liberdade. É o festival de primavera do Velho Testamento, quando a natureza desperta para a vida, crescimento e fruição.

A Páscoa judaica está ligada à comemoração cristã da Páscoa que celebramos neste fim-de-semana, nesta grandiosa conferência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A Páscoa, tanto do Velho como do Novo Testamento, testifica do grande dom concedido por Deus e do

sacrifício que exigiu. As duas importantes comemorações religiosas demonstram que a morte “passaria” e não teria poder permanente sobre nós, e que o túmulo não sairia vitorioso.

Ao livrar os filhos de Israel do Egito, o próprio Jeová falou da sarça ardente a Moisés no Monte Sinai, dizendo:

“Tenho visto atentamente a aflição do meu povo que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheci as suas dores...”

“Vem agora, pois, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo (os filhos de Israel) do Egito.” (Êxodo 3:7, 10.)

Como Faraó se mostrou inflexível, muitas pragas assolaram o Egito, mas ainda assim “o coração de Faraó se endureceu, e não deixou ir os filhos de Israel”. (Êxodo 9:35.)

Em resposta a essa recusa de Faraó, disse o Senhor: “E todo o primogênito na terra do Egito morrerá, desde o primogênito de Faraó que se assenta com ele sobre seu trono, até o primogênito da serva que está detrás da mó, e todo o primogênito dos animais.” (Êxodo 11:5.)

Como proteção contra esta última e mais terrível punição imposta aos egípcios, o Senhor instruiu Moisés a fazer com que todo homem dentre os filhos de Israel tomasse um cordeiro sem mácula.

“E tomarão do sangue, e pô-lo-ão em ambas as ombreiras e na verga da porta, nas casas em que o comerem.

“E naquela noite comerão a

carne assada no fogo, com pães asmos; com ervas amargas a comerão...

"Assim pois o comereis: Os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na mão; e o comereis apressadamente: está é a páscoa do Senhor..."

"E acontecerá que quando vossos filhos vos disserem: Que culto é este vosso?"

"Então direis: Este é o sacrifício da páscoa do Senhor, que passou as casas dos filhos de Israel no Egito." (Êxodo 12:7-8, 11, 26-27.)

Depois que os israelitas haviam escapado do domínio de Faraó e os primogênitos dos egípcios foram ceifados pela morte, os israelitas finalmente atravessaram o Jordão. Está escrito que "os filhos de Israel

alojados em Gilgal, celebraram a páscoa no dia quatorze do mês, à tarde, nas campinas de Jericó". (Josué 5:10.) E assim fizeram as famílias judaicas ano após ano depois disso, inclusive a família de José, Maria e o menino Jesus.

Quando tinha apenas doze anos, Jesus foi a Jerusalém com os pais para a celebração da Páscoa. Lucas nos conta que Jesus se demorou no templo depois da partida dos pais. Estes voltaram preocupados e ansiosos, encontrando-o entre os doutores da lei, "ouvindo-os e interrogando-os". (Lucas 2:46.) Diz Lucas ainda que "todos os que o ouviam admiravam sua inteligência e respostas". (Lucas 2:47.)

Será possível que Jesus estivesse

ensinando o significado da Páscoa que acabavam de comemorar, àqueles anciãos eruditos? Não terão ficado surpresos de que alguém tão jovem e aparentemente inexperiente soubesse tanto a respeito do significado daquela remota e fatídica noite no distante Egito? Ter-se-ão assombrado com seu conhecimento do cordeiro e do sangue, do primogênito e do sacrifício? As escrituras silenciam a respeito disso.

Conforme deixa claro o evangelho de João, as comemorações da Páscoa foram marcos significativos no ministério mortal de Cristo. Por ocasião da primeira Páscoa durante seu ministério, Jesus anunciou sua missão ao purificar o templo, expulsando dele os cambistas e vendedores de animais. Na segunda Páscoa, Jesus manifestou seu poder pelo milagre da multiplicação dos pães e peixes. É então que Cristo apresenta os símbolos que posteriormente adquiririam um significado ainda maior. "Eu sou o pão da vida." disse ele no cenáculo; "aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede." (João 6:35.)

Obviamente foi a celebração de sua última Páscoa que daria plena expressão a essa antiga festividade. Na última semana de seu ministério, Jesus sabia claramente o que aquela Páscoa especial lhe reservava. Os distúrbios já se faziam sentir. Mateus registra:

"Quando Jesus concluiu todos estes discursos, disse aos seus discípulos:

"Bem sabeis que daqui a dois dias é a páscoa; e o Filho do homem será entregue para ser crucificado." (Mateus 26:1-2.)

Sabendo perfeitamente o que o aguardava, Jesus pediu a Pedro e João que providenciassem a refeição pascal. Mandou que perguntassem ao dono da casa: "Onde está o aposento em que hei de comer a páscoa com meus discípulos?" (Lucas 22:11.)

A solidão de seu nascimento seria de certa forma repetida pela solidão de sua morte. As raposas têm covis e as aves, ninhos, mas o Filho do homem não teve onde reclinar a cabeça, tanto ao nascer como nas últimas horas de sua vida mortal.

Finalmente, terminaram os preparativos para a refeição pascal,





Membros do Quorum dos Doze prestam atenção especial ao coro das crianças da Região de Jordan Utah. Da esquerda para a direita: Presidente Ezra Taft Benson e Élderes Howard W. Hunter, Thomas S. Monson, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, Bruce R. McConkie e David B. Haight.

de acordo com a tradição de quase mil e quinhentos anos. Jesus sentou-se à mesa com seus discípulos e, depois de comerem o cordeiro pascal e o pão e vinho dessa antiga festa, ele lhes ensinou um novo e mais sagrado significado da antiga bênção de Deus.

Tomando um dos finos e redondos pães ázimos, o abençoou e partiu em pedaços, que distribuiu aos apóstolos dizendo: "Isto é o meu corpo, que é derramado por vós." (Lucas 22:20.) A respeito do que comenta Paulo: "Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a

morte do Senhor, até que venha." (1 Cor. 11:26.)

O pão e o vinho substituíram o cordeiro e as ervas amargas como emblemas do corpo e do sangue do grande Cordeiro, devendo ser tomados com reverência e em memória dele para sempre.

Dessa maneira simples porém marcante, o Salvador instituiu a ordenança agora conhecida como o sacramento da Ceia do Senhor. Com o suplício do Getsêmani, o sacrifício do Calvário e a ressurreição do sepulcro no horto, Jesus cumpriu a lei antiga e deu início a uma nova dispensação, baseada na compreensão mais elevada e sagrada da lei do sacrifício. Não mais seria exigido do homem que oferecesse o cordeiro primogênito de seu rebanho, pois o Primogênito de Deus veio oferecer-se a si próprio como "sacrifício infinito e

eterno".

Esta é a majestade da expiação e ressurreição, não mera vitória sobre a morte, mas o dom de vida eterna por um sacrifício infinito tão bem expresso por Amuleque:

"Porque é necessário que haja um grande e último sacrifício; sim, não um sacrifício de homem nem de animal, nem de ave; pois não será um sacrifício humano, mas sim um sacrifício infinito e eterno." (Alma 34:10.)

Nestes dias da Páscoa, presto testemunho do Primogênito de Deus, que consumou esse sacrifício, que "tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si", que "foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades". (Isaías 53:4-5.) Da natureza divina deste Redentor e Salvador de toda a humanidade eu testifico, em seu nome, Jesus Cristo. Amém.

RELATÓRIO DO COMITÊ DE AUDITORIA DA IGREJA

*À Primeira Presidência de
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*

Apresentado por Wilford G. Edling
Encarregado do Comitê de Auditoria da Igreja

Examinamos o relatório financeiro anual da Igreja, datado de 31 de dezembro de 1984, e as transações referentes ao exercício findo. Os balanços e relatórios financeiros, analisados pelo comitê referiam-se aos fundos gerais da Igreja e de outras organizações por ela controladas, cuja contabilidade é mantida pelo Departamento Financeiro e de Registros da Igreja. Examinamos também os procedimentos empregados no orçamento, contabilização e auditoria, a forma e controle de despesas. Concluimos que as despesas dos

fundos gerais da Igreja foram autorizadas pela Primeira Presidência, de acordo com os procedimentos orçamentários. O orçamento é autorizado pelo Conselho de Disposição de Dízimos, composto da Primeira Presidência, o Conselho dos Doze e o Bispado Presidente. O Comitê de Gastos, em reuniões semanais, administra as despesas de acordo com os orçamentos.

O Departamento Financeiro e de Registros e demais departamentos empregam tecnologia moderna e equipamentos atualizados de contabilidade para fazer face ao

rápido crescimento da Igreja e as modificações dos métodos de processamento eletrônico de dados.

O Departamento de Auditoria, que independe dos demais departamentos, cuida das auditorias financeiras, operacionais e dos sistemas de computação empregados pela Igreja. Esses serviços são executados em ritmo contínuo e abrangem todos os departamentos da Igreja, além de outras organizações por elas controladas (cuja contabilidade está centralizada no Departamento Financeiro e de Registros) e operações mundiais incluindo missões, escritórios administrativos e atividades departamentais realizadas em países estrangeiros. A extensão e o âmbito do Departamento de Auditoria para salvaguardar os recursos da Igreja aumentam de acordo com o crescimento e ampliação das atividades da Igreja. A auditoria dos fundos locais de alas e estacas fica a cargo de auditores de estaca, cujos relatórios são atualmente examinados pelo Departamento de Auditoria da Igreja. Negócios incorporados, controlados pela Igreja, ou de sua propriedade, cuja contabilidade não esteja centralizada no Departamento Financeiro e de Registros, são verificados por empresas de auditoria ou fiscais do governo.

Baseados em nosso exame do relatório financeiro anual e outros dados contábeis, e estudo dos métodos de contabilização e auditoria pelos quais são controladas as operações financeiras, a par das constantes reuniões com o pessoal do Departamento Financeiro e de Registros, de Auditoria e Legal, somos de opinião que os fundos da Igreja recebidos e gastos durante o ano de 1984 foram devidamente contabilizados, de conformidade com os procedimentos aqui expostos.

Submetemos respeitosamente este relatório.

COMITÊ DE AUDITORIA DA IGREJA

Wilford G. Edling
David M. Kennedy
Warren E. Pugh
Merril J. Bateman
Ted E. Davis



Elder Howard W. Hunter, do Quorum dos Doze.

RELATÓRIO ESTATÍSTICO DE 1984

Apresentado por Francis M. Gibbons
Secretário da Primeira Presidência

Para informação dos membros da Igreja, a Primeira Presidência emitiu o relatório estatístico a seguir, referente ao crescimento e posição da Igreja em 31 de dezembro de 1984.

Unidades da Igreja

Número de estacas	1.507
Número de distritos	353
Número de missões	180
Número de alas	9.723
Número de ramos em estacas	2.697
Número de ramos em missões	2.043
Número de países independentes com alas e ramos organizados	96
Número de territórios, colônias e possessões com alas e ramos organizados	18

Membros da Igreja

Número total de membros ao fim de 1984

Crescimento da Igreja em 1984

Número de crianças registradas	98.000
Número de crianças batizadas	69.000
Número de conversos batizados	192.983

Sacerdócio

Diáconos	240.000
Mestres	178.000
Sacerdotes	356.000
Élderes	465.000
Setentas	33.000
Sumos Sacerdotes	198.000

Missionários

Missionários de tempo integral

Sociedade Genealógica

Número de nomes liberados em 1984 para as ordenanças no Templo

Templos

Número de endowments realizados em 1984:
Pelos vivos

Julho de 1985



Templos em funcionamento

Templos projetados, em construção ou reforma	15
Templos fechados durante o ano para reforma	1
Seis templos foram dedicados em 1984, e outros sete deverão ser dedicados em 1985.	

Sistema Educacional

Total de matrículas durante o ano letivo de 1983-84
Seminários e Institutos (incluindo programas especiais)

Escolas da Igreja, Faculdades e Universidades

Serviços de Bem-Estar

Pessoas assistidas pelos Serviços Sociais SUD

Pessoas colocadas em empregos remunerados ..

Horas de trabalho doadas aos serviços de bem-estar ...	277.754
Pedidos dos Bispos aos Armazéns	345.498

Membros Preeminentes Falecidos desde Abril do Ano Passado

Élder G. Homer Durham, membro da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, compilador e historiador da Igreja; Ethel D. Stapley, viúva do Élder D. Stapley, membro do Conselho dos Doze Apóstolos; Neil D. Schaerrer, ex-presidente geral da Organização dos Rapazes; e Emily Higgs Bennett, ex-conselheira na YWMIA (antiga organização das Moças).

"NASCIDO DE BOA FAMÍLIA"

Élder L. Tom Perry
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Criei tradições em vossa família que promovam a união, capazes de demonstrar devoção, amor e apoio mútuos."



Ao Bispo Brown, Bispo Peterson e Bispo Clarke, quero simplesmente externar meu profundo amor e apreço pelos longos anos de serviços dedicados. Bispo Hales, Bispo Eyring e Bispo Pace, quero que saibam que estou pronto a auxiliar-vos em qualquer sentido que desejem.

"Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha;

"E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha.

"E aquele que ouve estas minhas palavras, e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia;

"E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda." (Mateus 7:24-27.)

Anos atrás, tive o privilégio de servir no Comitê da Feira Mundial de Nova York. Lembro-me de que depois de meses de planejamento, estávamos prontos para começar a construção. Era um dia claro e lindo quando nos reunimos no local para a cerimônia de início de construção. Por toda a parte se via trabalho febril e as edificações da feira começavam a tomar forma na viçosa campina. Em lugar da cerimônia tradicional de escavação do solo com pás, usamos um bate-estacas devido à qualidade pouco sólida do terreno. O alicerce do nosso pavilhão estava sendo estaqueado com fortes toras de madeira do tamanho aproximado de postes telefônicos.

Após uma oração e duas ou três réplicas, chegou a hora de cravar a primeira estaca. Tudo preparado, o bate-estacas estava pronto para funcionar. Com um jato de fumaça e batida ruidosa, a máquina começou seu trabalho. Em seguida o segundo jato e pancada, e a estaca começou a penetrar na terra. Depois o terceiro jato e batida, e de repente a terra engoliu a estaca, escondendo-a de nossos olhos. Naquele dia aprendemos bastante a respeito de alicerces.

Com o passar dos dias e semanas, numerosas estacas foram cravadas no solo macio até que se conseguiu um fundamento suficientemente forte para sustentar nosso belo pavilhão.

Quantas vezes nós consideramos ou refletimos sobre nossa própria fé e nosso fundamento no evangelho? Em que estão alicerçados? Quão resistente é a nossa casa? Nossa família? Helamã ensinou a seus dois filhos:

"Desejo que vos lembreis de guardar os mandamentos de Deus... eis que vos dei os nomes de

nossos primeiros pais, que saíram da terra de Jerusalém; e assim fiz para que quando vos recordardes de vossos nomes vos lembreis deles; e quando vos lembrardes deles penseis em suas obras... que elas eram boas.

"Por conseguinte, meus filhos, desejo que pratiqueis o bem." (Helamã 5:6-7.)

Depois prossegue ensinando os filhos a "aumentar o vosso tesouro no céu, sim o qual é eterno... o precioso dom da vida eterna." (Helamã 5:8.)

Em seguida lhes diz: "E agora, meus filhos, lembrai-vos, lembrai-vos de que é sobre a rocha de nosso Redentor, que é Cristo, o Filho de Deus, que deveis construir os vossos alicerces... porque é uma fundação segura, da qual não caem os homens que nela constroem." (Helamã 5:12.)

Os profetas nos ensinam a respeito de alicerces. Dizia o Presidente Joseph F. Smith: "Os homens e mulheres, porém, que são honestos às vistas de Deus, que são humildes, cumprem seus deveres, pagam o dízimo e exercem a religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, que é visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo, que ajudam a cuidar dos pobres, que honram o santo sacerdócio, que não praticam excessos, que são fiéis a sua família, e que reconhecem o Senhor em seu coração, construirão um alicerce contra o qual as portas do inferno não prevalecerão; e se as enchentes vierem e as tempestades fustigarem suas casas, elas não cairão pois foram construídas sobre a rocha da verdade eterna." (Doutрина do Evangelho, p. 7.)

Uma das grandes verdades eternas que o evangelho estabelece como fundamento seguro é a doutrina da natureza eterna da unidade familiar. Foi ao Profeta Malaquias que o Senhor declarou:

"Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor.

"E converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais." (Malaquias 4:5-6.)

Poderemos imaginar coisa alguma mais importante do que viver numa unidade familiar eterna, com pais amando seus filhos e filhos amando os pais? Ela tem início, obviamente, com



marido e mulher sendo casados no santo templo de Deus para a eternidade por alguém que tenha a autoridade do sacerdócio. Pois sabemos que "na glória celestial há três céus ou graus; e para obter o grau mais elevado, o homem precisa entrar nesta ordem do sacerdócio (significando o novo e eterno convênio do casamento)." (D&C 131:1-2.)

Não existe outra maneira de iniciar uma unidade familiar eterna do que casar-se no lugar apropriado, no devido tempo e pela devida autoridade, recebendo as instruções necessárias que formarão o alicerce apropriado. Em sua infinita sabedoria, dizia o Presidente David O. McKay:

"O elevado conceito de casamento defendido por esta Igreja é expresso por cinco palavras encontradas no décimo quinto versículo da seção 49 de Doutrina & Convênios: 'O casamento é ordenado por Deus.' ...

"Diz-se que a melhor e mais nobre vida é aquela voltada para elevados ideais. Na verdade os jovens não podem ter ideal mais elevado quanto ao casamento do que encará-lo como uma instituição divina. Este padrão é na

mente do jovem uma proteção no namoro, uma influência sempre presente, induzindo-os a refrear-se de qualquer coisa capaz de impedi-los de ir ao templo para selarem seu amor numa união eterna e permanente. Levá-los-á a buscar orientação divina na escolha do companheiro, de cuja escolha sábia depende em grande parte sua felicidade aqui e no além. 'Nossas alegrias no lar... são as mais deleitosas que o mundo permite, e a alegria dos pais por seus filhos é a felicidade mais sagrada da humanidade. Torna puro e bom seu coração; eleva-os a seu Pai nos céus.' Tais alegrias estão ao alcance da maioria dos homens e mulheres, se forem devidamente promovidos e acalentados elevados ideais do casamento e do lar." (Gospel Ideals, Salt Lake City: Improvement Era, 1953, p. 462.)

Quando um casamento é abençoado com filhos, reconhecemos ainda melhor a necessidade de ensino e educação na família. Lembramos as palavras de Néfi no início do Livro de Mórmon, quando diz: "Eu, Néfi, tendo nascido de boa família." (1 Néfi 1:1.)

Que grande bênção seria se de

toda família se pudesse dizer que é uma boa família, uma família justa, ativa, fiel, exemplar, celestial. Depois Néfi continua: "Eu, Néfi, tendo nascido de boa família, fui, portanto, instruído sobre alguma coisa de todo o conhecimento de meu pai." (1 Néfi 1:1.)

Néfi foi instruído no evangelho por seu pai, Léhi. Foi este seu bom pai que viu, em sonho, a árvore da vida, cujo fruto extremamente desejável nos traz felicidade. Tendo provado do fruto, soube que era o mais desejável de todos os frutos, e seu primeiro pensamento foi para a família. Diz ele: "Pelo que desejei que dela também participasse minha família." (1 Néfi 8:12.)

Mais do que tudo, Léhi queria que sua família participasse das bênçãos da vida eterna.

Outro bom exemplo é Ênos, o filho de Jacó, que também veio de um bom lar:

"Eu, Ênos, sei que meu pai foi um varão justo, pois me instruiu em seu idioma e também no saber e na advertência do Senhor...

"... e as palavras que freqüentemente havia ouvido de meu pai sobre a vida eterna e a alegria dos santos penetraram



profundamente em meu coração.

"E minha alma ficou faminta."
(Ênos 1:1, 3-4.)

Louvados sejam o pai e a mãe que proporcionam as bênçãos de um bom nome, uma nobre herança e testemunho do evangelho a seus filhos, e lhes ensinam obediência ao Senhor.

Este ano acabamos de vivenciar dois eventos especiais em nossa família. O primeiro foi o privilégio de participar de uma ordenança do sacerdócio, quando nosso primeiro neto recebeu o Sacerdócio Aarônico. Como me orgulhei do Terry quando se apresentou plenamente preparado para a ocasião.

O segundo foi há poucas semanas, ao ser abençoada nossa netinha mais nova. Ao formar-se o círculo, olhei para a pequenina Cami radiosa e linda, e pensei como ela é preciosa e querida.

Nas duas oportunidades fiquei atento às belas bênçãos proferidas por meus genros. Foram bênçãos de amor, gratidão, fé, compreensão e esperança, usando o poder do sacerdócio do qual ambos são merecedores.

Nos círculos formados estavam parentes que haviam viajado muitos e muitos quilômetros por estradas cobertas de neve para estarem conosco nessas oportunidades.

Edificar um alicerce suficientemente sólido para sustentar uma família no mundo conturbado

de hoje exige os melhores esforços de cada um de nós: pai, mãe, irmão, irmã, avó, avô, tias e tios, primos e assim por diante. Cada um precisa contribuir com energia e esforço para cravar estacas até a rocha do evangelho, até que o alicerce seja bastante forte para perdurar pelas eternidades. Em Doutrina & Convênios o Senhor nos prometeu que "aquele que construir sobre esta rocha jamais cairá". (D&C 50:44.)

Criai tradições em família que promovam a união, capazes de demonstrar vossa devoção, amor e apoio mútuos. Esses encontros seriam por ocasião de todas as bênçãos de crianças, batismos, outras ordenanças do sacerdócio, formaturas, despedida e retorno de missionários, e logicamente, casamentos. Se a distância, missão ou problemas de saúde impedirem o comparecimento pessoal, escrevei uma daquelas cartas especiais que passará à história familiar. Compartilhar essas ocasiões como família nos ajudará a edificar um alicerce estabelecido sobre a rocha.

Isto não dará muita força a qualquer família? É tão essencial que edifiquemos lares fortalecidos pelo apoio dos parentes. "Honra a teu pai e a tua mãe." (Êxodo 20:12.) Demonstrando amor aos pais, estaremos por nossa vez ensinando a nossos filhos amor e respeito dentro da unidade familiar. Continuai edificando relações

permanentes e afetuosas com todos os familiares. Escutai-vos mutuamente, sede unidos, trabalhai juntos, diverti-vos juntos, orai juntos, estudai juntos. Vivei juntos princípios celestiais, servi juntos ao Senhor. Procurai preciosos momentos de ensino um com o outro. Não deixeis que passem despercebidos, mas aproveitai e acalentai essas ocasiões especiais. Jamais permitais que se percam em vossas relações familiares oportunidades preciosas que ajudam a edificar princípios eternos.

O Senhor declara em Doutrina & Convênios: "... vos mandei que criásseis vossos filhos em luz e verdade." (D&C 93:40.)

Quando apareceu aos nefitas, Jesus os instruiu: "Rogai no seio de vossa família ao Pai, sempre em meu nome, a fim de que vossas esposas e filhos possam ser abençoados." (3 Néfi 18:21.)

"E se as fizerdes sempre (estas coisas), bem-aventurados sereis, porque estareis edificados sobre a minha rocha." (3 Néfi 18:12.)

Eis palavras sábias do livro de Provérbios: "Instrui ao menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele." (Prov. 22:6.) Se queremos uma família eterna, temos de nos esforçar para tê-la. Isto não acontece por acaso.

Busquemos diariamente nas escrituras e palavras dos profetas o que é preciso para se formar uma família eterna. Escrituras nunca lidas, jamais nos ajudarão. Se lidas, as palavras de Deus alimentarão nossa alma e nos levarão a grandes alturas no empenho de edificar e nos superar na vida familiar. Como desejo que toda criança SUD pudesse dizer como Néfi: "Tendo nascido de boa família, fui portanto instruído."

Sim, eu fui instruído por meu pai no Evangelho de Jesus Cristo, ensinado a obedecer aos mandamentos de Deus, ensinado a trilhar as sendas de uma família eterna, ensinado a andar em luz e verdade, ensinado a edificar minha vida sobre um alicerce seguro como filho de Deus.

Irmãos e irmãs, Deus vive! Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, o alicerce seguro sobre o qual tudo o mais se fundamenta, pois ele é a pedra angular. Disto vos presto solene testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

O CONVITE DO MESTRE

Élder John Sonnenberg
do Primeiro Quorum dos Setenta

“Se quisermos ser como ele é, temos de ser como ele era. Precisamos até mesmo convidar com interesse” aqueles que não se interessam pela mensagem do evangelho.”



Gostaria de prefaciar minhas palavras prestando testemunho e dizendo-vos que sei que a Igreja é verdadeira, que Jesus é o Cristo e que somos dirigidos por profetas de Deus.

O dia 3 de outubro de 1984 começou como outro qualquer. O sol brilhava, as cores do outono matizavam o Meio-Oeste, fazendo-o parecer o jardim do país. O dia transcorreu sem grandes novidades até o telefone tilintar. “Élder Sonnenberg?”, indagou a voz, e depois continuou: “É do escritório da Primeira Presidência. O Presidente Hinckley gostaria de falar-lhe.”

Após breve troca de gentilezas, ele me convidou a tornar-me membro do Primeiro Quorum dos Setenta e Autoridade Geral. Foi assoberto e continua sendo. O dia passou a ter um novo sentido e uma dimensão inteiramente diferente em minha vida, quando me pus a ponderar o desafio e convite. Farei o melhor que puder e servirei de todo o coração. Minha querida esposa e meus filhos com seus maravilhosos familiares

certamente me apoiarão, como sempre fizeram.

A vida de homens tem sido clara e totalmente modificada por esses convites de homens de Deus. A aceitação foi manifestada, perguntando quando e aonde o Senhor queria que eu fosse.

No mundo inteiro, homens e mulheres são diariamente convidados a se juntar a nós. O Salvador convidou os homens: “Vem, e segue-me.” (Lucas 18:22.) Seguir Jesus não era um convite comum, tinha conseqüências eternas e infinitas. Pedro foi convidado a “(fazer-se) ao mar alto”. (Lucas 5:4.) Era um homem queimado de sol, forte e comum antes de ser convidado a lançar as redes. (Ver Lucas 4:5.) Depois disso nunca mais foi o mesmo, pois era o

Salvador quem dirigia sua alma, mais que o barco. Sim, ele era um pescador comum até ouvir a voz de Jesus e aceitar seu convite.

Noutra ocasião Pedro foi convidado a caminhar sobre a água, e quando não conseguiu mais fazê-lo, aprendeu que quando nossa fé vacila nós soçobramos. (Ver Mateus 14:28-31.) Aceitar o convite requer fé incondicional.

Na presença de homens arrogantes e irritados, dispostos a acusá-lo, o Mestre escreveu na areia o que agora é vazado em concreto. O átrio apinhado de ansiosos acusadores esvaziou-se, e uma pecadora foi salva do apedrejamento porque o Salvador estava mais interessado na pessoa que no problema. (Ver João 8:3-11.) Ele nos convidou a não julgar e depois demonstrou que o perdão promove o amor e que lançar pedras simplesmente não resolveria o problema nem seria a solução.

Se quisermos ser como ele é, temos de ser como ele era. Precisamos mesmo convidar com interesse os que demonstram desinteresse, na esperança de que um dia venham a reconhecer o discurso divino chamado de testemunho.

Ele nos convidou a procurar a ovelha solitária que se perdeu. Fez-nos entender que uma ovelha



Élder Robert E. Wells, do Primeiro Quorum dos Setenta, cumprimenta um visitante



perdida é realmente uma alma perdida que precisamos procurar e tentar achar, que a moeda perdida precisa ser encontrada e depois convertida, que se pode salvar um filho pródigo, servindo-o e depois fazendo-o servir.

Ele chamou a si as crianças pequenas e mandou que todos nós nos tornássemos como elas. Convidou os homens a se amarem uns aos outros como ele nos amou, para depois chamá-los de seus discípulos. Ofereceu amor aos apóstolos com a condição de que compreendessem o que é amor incondicional a seus semelhantes.

Ele convida os homens a receber o sacerdócio de Deus e a magnificá-lo servindo. Convidamos a pagar o dízimo e oferta de jejum, a ensinar o evangelho, a ser batizado e receber o Espírito Santo. E nos convida a pregar o evangelho no mundo inteiro, porque somos uma igreja mundial.

No mês passado, meu jovem e

fiel companheiro Timmy Manners e eu fizemos as visitas de ensino familiar. Timmy, de dezesseis anos, nasceu nas Ilhas Britânicas; eu na República Democrática Alemã, e ensinamos uma família francesa. Nós a visitamos na Alemanha e falamos inglês, e nos entendemos perfeitamente.

As três famílias foram convertidas à verdadeira igreja do Senhor por dedicados missionários em países diferentes. Fomos ensinados pelo doce Espírito do Senhor. Ao nos encontrarmos mensalmente no lar encantador de Jean Collin e sua maravilhosa família, temos oportunidade de nos ensinarmos um ao outro na visita de ensino familiar pelo mesmo doce Espírito.

Invocamos o Espírito do Senhor ajoelhados em atitude de oração. Assim deveis orar também. Que convite para comunicar-se em nome de Cristo! Somos convidados a proclamar arrependimento e

prestar testemunho e então, coroando nosso compromisso, ele nos permite entrar em sua Santa Casa e ser selados para a eternidade.

Antes de 1830, o dia 6 de abril era igualmente um dia como outro qualquer. Desde o surgimento do Livro de Mórmon e a organização de sua Igreja, o Espírito do Senhor vem tocando homens e mulheres pelo mundo afora. Apóstolos, profetas e santos dos últimos dias têm prestado testemunho da divina restauração do evangelho. Luz, conhecimento e verdade foram restaurados e o Espírito do Senhor vem-se manifestando entre os membros da Igreja.

Meus queridos irmãos e irmãs, eu testifico que o Livro de Mórmon é verdadeiro, que Jesus é o Cristo e que Spencer W. Kimball é um profeta de Deus; e convido-vos a segui-los e usufruir o Espírito do Senhor. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

A ALEGRIA DE SERVIR

Élder F. Arthur Kay
do Primeiro Quorum dos Setenta

“O testemunho, como o azeite da botija da viúva, não faltará, nem diminuirá ao ser compartilhado; antes, se ampliará em sua essência e renovará em sua fonte.”



Meus caros irmãos e irmãs, palavras são tão inadequadas para expressar o que me vai no fundo do coração, postado aqui neste púlpito, santificado pelos profetas de Deus e seus companheiros, as Autoridades Gerais da Igreja. Sim, “homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (II Pedro 1:21), pois anunciaram “com ousadia a palavra de Deus”. (Atos 4:31.)

Eu amo e reverencio esses valentes servos do Pai Celeste, e considero-me honrado e humilde em ser contado entre eles.

Chego a este chamado sabendo que Deus vive, que é o nosso Pai, que Jesus Cristo é o próprio Filho de Deus, nosso Salvador e o Redentor do mundo. Afirmo como Jó:

“Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra,

“E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus.

“Vê-lo-ei por mim mesmo...”

(Jó 19:25-27.)

Sei que Joseph Smith foi um profeta chamado de Deus, um instrumento em suas mãos para restaurar o evangelho em sua plenitude.

Os relatos das maravilhosas manifestações e experiências de sua juventude e vida sempre foram muito reais para mim. Identifiquei-me com ele a ponto de suas experiências serem quase como que minhas.

Apóio nosso amado profeta, Spencer W. Kimball, com todas as forças. Nunca cesso de me maravilhar com o crescimento e progresso da Igreja sob a inspirada liderança dele e de seus nobres companheiros.

Neste dia, externo meu especial apreço ao Presidente Gordon B. Hinckley por seu grande e devotado serviço nesta época da história da Igreja.

O grande desejo de meu coração é continuar sempre em cadência e união com as Autoridades Gerais, e em harmonia com a palavra e vontade revelada de Deus, pois sei que a obediência é a primeira lei dos céus e de seu reino aqui na terra.

Por isso, espero executar bem o que me for designado, seja onde for e em que circunstâncias. “Aonde mandares irei Senhor... O que ordenares farei...” (Ver *Hinos*, nº 57.)

De todo coração desejo compartilhar meu testemunho com outros filhos de nosso Pai, aqueles que talvez necessitem de fortalecimento dentro do rebanho, que eventualmente se tenham apartado de Deus e sua Igreja, ou aqueles que nunca tenham ouvido a gloriosa mensagem do evangelho.

Desejo sinceramente acender no coração deles a chama que arde tão

forte e profundamente no meu, para que tenham igualmente a paz, a felicidade, a segurança e a força espiritual proporcionadas pela vivência do evangelho.

Conforme diz o Presidente Kimball a respeito da verdade e do testemunho: “É luz elétrica iluminando a caverna; vento e sol dissipando o nevoeiro... É muito mais que tudo isso, pois...”

“A vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” (João 17:3.)” (*Faith Precedes the Miracle*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1972, p. 14.)

O testemunho, como o azeite da botija da viúva não faltará (ver I Reis 17:4), nem diminuirá ao ser compartilhado; antes, se ampliará em sua essência e renovará em sua fonte.

Acompanha este chamado o privilégio, bênção e obrigação de compartilhar meu testemunho como testemunha *especial* daquele cujo nome assumimos e em cuja imagem e semelhança fomos criados. (Ver D&C 107:25.)

Quero acender no coração dos filhos de nosso Pai o desejo de receber as ordenanças sagradas de sua santa casa, e ajudá-los a compreender a importância dos convênios associados e a necessidade de honrá-los se quiserem ter a vida eterna.

Quero ajudá-los a entender e apreciar a alegria de servir nos templos, e que serviço é essencial para a salvação. O Salvador ensinou este importante princípio ao dizer: “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25:40.)

É nesses edifícios sagrados que nos tornamos salvadores no Monte Sião. (Ver Obadias 1:21.) Sempre que alguém serve abnegadamente, com os olhos fitos unicamente na glória de Deus (ver D&C 59:1), recebe alegria indescritível.

Para terminar, desejo expressar eterna gratidão ao amor de minha juventude, minha companheira eterna, por seu longo, leal e fiel serviço e devotamento à causa que ambos abraçamos. Externo meu amor e devoção às nossas cinco filhas, seus esposos e nossos netos, e a minhas irmãs e seus familiares, que todos me oferecem seu amor e confiança. Presto este sagrado testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

BUSCAR O BELO

Élder Keith W. Wilcox
do Primeiro Quorum dos Setenta

“Vivendo retamente nós nos tornamos belos, assim como é belo um templo sagrado.”



Num discurso de formatura na BYU-Havaí, não faz muito tempo, o Presidente Gordon B. Hinckley admoestou os graduandos a “pararem de buscar as tormentas e desfrutarem mais a luz do sol”. (*Church News*, 3 de julho de 1983, p. 10.) Ele ressaltou que podemos ser negativos atentando unicamente para o feio na vida, para as falhas e os insucessos dos que nos cercam, ou então desenvolver uma atitude positiva e ver a beleza da vida, o lado bom, forte, decente e as virtudes das pessoas, o que traz alegria e felicidade. É uma questão de atitude.

Pouco depois de iniciar os três anos como presidente de Missão, foi-me lembrada minha atitude pessoal para com o mundo e as pessoas que o habitam. Uma noite, levantando os olhos, dei com minha filha de treze anos aproximando-se de minha mesa de trabalho. Ela parou, fitou-me intensamente com as mãos nos quadris, e finalmente disse: — Pai, acho que já sei em que você acredita. — Agora ela conseguiu toda minha atenção. Então prosseguiu: — Você tem dedicado toda a vida ao belo, não?

Depois de pensar alguns instantes, respondi: — Sim, Carole, você sabe em que realmente creio. Obrigado.

Minha querida esposa e nossas seis lindas filhas há muito sabiam de meu interesse pelo belo, expresso em minha profissão de arquiteto, e também de meu interesse pelas belezas deste mundo, que procuro reproduzir em minhas telas de pintor paisagista. Carole concluiu agora corretamente que eu sentia um interesse maior ainda pela criação de pessoas belas, o tipo de beleza radiosa proveniente do viver justo de da aceitação do Evangelho de Jesus Cristo, conforme é pregado por nossos missionários.

Ao viajar pelo mundo nos últimos meses, tenho observado

essa mesma beleza e fulgor espiritual em muitas pessoas que conheci.

Durante essas viagens pude observar também muitos tipos de prédios, e vejo cada vez melhor como eles e as pessoas se parecem. Os mais belos edifícios que tenho visto são nossos sagrados templos.

O Senhor nos garantiu que podemos ser tão belos quanto um templo. Diz ele em I Coríntios: “Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?” (I Cor. 3:16.)

Em II Coríntios, nós lemos: “Vós sois o templo do Deus vivente.” (II Cor. 6:16.)

Finalizando seu imortal Sermão da Montanha, o Senhor Jesus Cristo faz a comparação de prédios e pessoas para dar ênfase à importância do alicerce comum aos dois:

“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha:

“E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha.

“E aquele que ouviu estas minhas



Dois membros do Quorum dos Doze, Élder L. Tom Perry, à esquerda e Élder Bruce R. McConkie.

palavras, e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia.

"E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda." (Mat. 7:24-27.)

Um alicerce sólido é a parte mais importante de um edifício ou pessoa. O Presidente Benson ressaltou que no Sermão da Montanha "somos instruídos a ser uma luz para os outros, a controlar a ira, a dominar a animosidade para com outros... (e) a amar nossos inimigos... Somos instruídos também sobre a oração, o jejum, e como ordenar nossas prioridades". (*Come unto Christ*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1983, p. 37.)

Praticando os princípios do Sermão da Montanha, edificamos um alicerce sólido como a rocha para nele assentar com segurança nossa vida.

O Senhor, o Supremo Arquiteto, deu-nos planos e especificações perfeitos para nos orientar na edificação da vida. Estes planos são as escrituras sagradas. Elas contêm as palavras do Senhor, devendo ser lidas e ponderadas com frequência.

Buscando o Senhor por meio de oração e as sagradas escrituras, aprendemos a buscar o belo e a desenvolver atitudes positivas; conseguimos orientação para a edificação de nosso alicerce e nossa vida.

Levando uma vida reta e abnegada, o Espírito do Senhor penetra em nossa alma e depois se irradia de nós. Nós nos tornamos belos, assim como é belo um templo sagrado. E, como missionários, podemos ajudar outros a se tornarem belos. "Quão belos são sobre as montanhas os pés daquele que traz boas-novas." (Mosiah 12:21; Isaías 52:7; 3 Néfi 20:40.)

Presto-vos testemunho de que sei que esta é A Igreja de Jesus Cristo restaurada, com uma mensagem para toda a humanidade. Jesus é o Cristo. Somos dirigidos por um profeta do Senhor, o Presidente Spencer W. Kimball. Nossa Igreja provê a cada um de nós o meio de edificarmos o verdadeiramente belo: Uma vida cristã, que traz alegria e felicidade agora e em toda eternidade. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

O MANTO DE BISPO

Bispo Robert D. Hales
Bispo Presidente

Um tributo aos milhares de bispos e presidentes de ramo pelo mundo afora.



Meus caros irmãos e irmãs, esta é a quarta vez que serei ordenado ou designado bispo.

Na seção quarenta e um de Doutrina & Convênios, encontraremos o chamado do primeiro Bispo Presidente, Edward Partridge. Ali diz que era um homem em quem não há dolo. Com respeito a este atributo, gostaria de dizer quão sem dolo são o Bispo Brown, Bispo Peterson e Bispo Clarke, e quão bem serviram. Para encontrar um Bispado Presidente, o Senhor e os Irmãos presidentes vasculham o reino em busca de três homens dispostos a servirem de alvo num lançamento de dardos.

O Bispo Vandenberg, Bispo Simpson e Bispo Featherstone têm-me servido de excelente exemplo no decorrer dos anos. Quando eu era bispo de ala, eles serviam no Bispado Presidente.

Se nesta época de Páscoa pudesse prestar um tributo aos mais de dez mil bispos e presidentes de ramo pelo mundo afora, diria como o ofício de bispo corporifica as características do Salvador. Existem bispos excelentes por esse mundo. Quando um homem se

torna bispo acontece algo com ele porque aprende acima de tudo a honrar seu chamado. Depois de ordenado bispo, ele nunca mais é desobrigado; e a razão disto é que continua guardião das confidências daqueles a quem serviu, e que levará consigo para o túmulo.

O manto ou ofício de bispo inclui a presidência do Sacerdócio Aarônico e ser presidente do quorum dos sacerdotes, juiz comum em Israel, sumo sacerdote presidente, administrador das coisas temporais e cuidar do bem-estar dos santos através das auxiliares e conselhos eclesiais, além de ser responsável pelos dizimos e ofertas.

Alguma vez já procurastes imaginar como é esse manto conferido a um bispo? Sentado na reunião sacramental observando seu rebanho, ele pode saber quem está em dificuldades, olhar para o seu Sacerdócio Aarônico, os diáconos, mestres e sacerdotes, e perceber qual deles precisa do seu conselho. Quando somos desobrigados como bispo para tornar-nos Autoridade Geral, e depois voltamos para "nossa" ala onde vinhamos servindo e percebemos que perdemos o poder de discernimento para com os membros da ala, somos tomados de uma sensação de perda irremediável. Não mais podemos fazer o que fazíamos como bispo.

Lembramo-nos dos discípulos aguardando fora do Horto do Getsêmani, sem o poder de discernir o padecimento do Salvador. E no entanto, o próprio Salvador corporificava aquele atributo que o bispo e todos nós devemos ter. Dizia ele: "Então nem uma hora pudeste velar comigo?" (Mat. 26:40.) E eles não entenderam.

Às vezes, a experiência é o melhor mestre do discernimento. Lembramo-nos do Presidente



Élder Boyd K. Packer, ao centro, do Quorum dos Doze, conversa com os visitantes da conferência.

Harold B. Lee, que teve de perder sua amada companheira para que conseguisse compreender a angústia e o tormento da solidão dos que perderam o cônjuge, e como profeta voltar sua atenção para as pessoas sós da Igreja. É em momentos como esse que aprendemos.

Lembro-me também de minha mãe parálitica durante oito anos. No último ano e meio necessitava de assistência constante, e meu querido pai cuidava dela. Uma noite, poucas semanas antes da morte, ajoelhei-me junto a sua cama para uma prece e ela comentou: — Gostaria de ir para o céu ver papai.

Indaguei: — Mãe, por que teve que passar por isto? — ao que respondeu:

— Para aprender a ser paciente.

— E você aprendeu paciência suficiente?

Então, com a bondade com que só uma mãe consegue ensinar, fitou-me e disse:

— Eu sim, mas e você?

Nesses momentos começamos a entender que as dificuldades e problemas alheios nos farão crescer, se formos empáticos e estendermos a mão.

Temos aqui presentes muitos

líderes do sacerdócio do mundo inteiro. Estes presidentes de estaca, Representantes Regionais e Autoridades Gerais conhecem a veracidade do que disse certa vez o Élder LeGrand Richards, um dos bispos presidentes desta dispensação. Após uma importante reunião com todas as Autoridades Gerais no templo, disse ele: “Bem, irmãos, compreendo tudo que debatemos, mas até que os bispos se mexam, nada acontecerá. Qualquer coisa acima do bispo é só conversa.” Ele nos ensinou uma grande lição.

Todo líder do sacerdócio aqui presente hoje, deve certificar-se de que o bispo compreende as mensagens que ouvimos, pois é nas entrevistas dele com os jovens, e nas suas entrevistas ao chamar pessoas para cargos, é na compaixão para com os necessitados e as viúvas que acontecem importantes coisas espirituais na vida dos santos. O bispo que utiliza os recursos de que dispõe — as auxiliares, o sacerdócio — para atender às necessidades da sua gente, é um autêntico bispo, e não apenas alguém que segue servilmente um manual em detrimento dos membros.

Tendo dito isto, gostaria de pedir aos jovens e adultos aqui presentes, e a todos os que são alcançados por minha voz, que oreis por vosso bispo todas as noites e manhãs. Ele necessita de ajuda. Sem vossa ajuda e orações, seus ombros não conseguirão agüentar as responsabilidades.

Conta-se o caso da criança que se comportou mal na reunião sacramental. Os pais estavam embaraçados com o filho. Finalmente o pai se levantou irritado para levá-lo para fora. Presentindo que as coisas não iam bem para o seu lado e antes que o pai saísse da capela, o garotinho gritou por sobre o ombro dele: “Socorro, bispo”.

Todos os membros da Igreja podem recorrer ao bispo quando precisam de ajuda, sentindo-se seguros em seu amor e confiantes em seu conselho. O bispo aprende a não julgar as pessoas segundo um padrão de perfeição. Mas aprende sim a regozijar-se com aqueles a quem preside, por qualquer pequeno progresso que conseguem.

Diz o cabeçalho da seção quarenta e um de Doutrina & Convênios, no dia em que Edward Partridge foi chamado: “Os santos em geral estavam tentando viver de acordo com os mandamentos do Senhor.” E o mesmo é verdade hoje. Nós procuramos fazer a vontade de Deus na medida em



que a conhecemos. Mais adiante diz que o Senhor manda que nos reunamos para chegar a um acordo quanto a sua palavra. (Ver D&C 41:2.) Se o fizermos, haverá unidade. Esta unidade tem havido hoje. Que continuem as bênçãos do Senhor, para que "pela oração da vossa fé", conforme ele promete, "(recebais) a minha lei, para que saibais como governar a minha igreja e ter todas as coisas direitas diante de mim". (D&C 41:3.)

Concluindo, vejamos a história de Elias e Eliseu. Elias havia abandonado seu encargo para ocultar-se numa caverna. O Senhor lhe falou, mandando-o voltar e cumprir seu dever. Elias não conseguiu uma conversão sequer durante anos, mas assim que voltou encontrou Eliseu, o qual o seguiu imediatamente. (Ver I Reis 19.)

Os dois habitaram e trabalharam juntos por alguns anos, até que chegou a época em que todos os líderes eclesiásticos souberam que estava na hora de Elias ser transladado. Elias e Eliseu encontravam-se junto ao Jordão, enquanto cinqüenta ou mais portadores do sacerdócio ficaram a observá-los de longe. "Então Elias tomou a sua capa, e a dobrou, e feriu as águas as quais se dividiram para as duas bandas; e passaram ambos em seco." E disse Elias a Eliseu: "Pede-me o que queres que te faça." Podeis imaginar? Então Elias foi transladado e partiu num carro flamejante, deixando para trás somente seu manto. Eliseu o apanhou e voltou-se para os cinqüenta líderes do sacerdócio que observavam de longe. Como tinha de voltar para a outra margem, feriu as águas com o manto e elas se dividiram. (Ver II Reis 2:1-15.)

Encontro-me agora junto ao Jordão com dois queridos conselheiros, Bispo Eyring e Bispo Pace, o qual tentaremos cruzar para servir juntos. Rogo as bênçãos do Bispo Brown, Bispo Peterson, Bispo Clarke, e todos os aqui presentes, para que meus conselheiros e eu consigamos igualmente dividir as águas para atravessar o rio e cuidar de nossa missão.

Ao receber o chamado, o Bispo Pace me disse: — O irmão não me conhece tão bem assim, — ao que respondi: — Não, mas o Senhor



Èlder Bruce R. McConkie, do Quorum dos Doze.

conhece.

O Bispo Eyring e eu nos conhecemos desde meninos. Ele é um homem de Deus. Hoje está aqui presente Wilber Cox, de quem tanto o Bispo Eyring como eu fomos conselheiros na presidência de estaca. Ele nos moldou de uma maneira que só nos trouxe bênçãos.

Sou grato de ter sido instruído pelo exemplo de meus pais. Minha mãe foi presidente da Sociedade de Socorro por quinze anos. Depois de eu ter a carta de motorista, ela fazia que eu a levasse de carro quando tinha de entregar suprimentos do bem-estar e cuidar de necessitados. Papai sempre fazia que eu lustrasse as bandejas de

sacramento quando eu era diácono, e costumávamos levar para lavar em casa as toalhas do sacramento e honrar o sacerdócio. Quando estava no bispado, ele cuidava da parte externa da capela e nós, rapazes do Sacerdócio Aarônico, o ajudávamos.

Que as bênçãos do Senhor estejam com todos nós. É meu testemunho que Deus vive, que Jesus é o Cristo. Disto não tenho dúvida. Presto-vos testemunho com aqueles que profetizaram este dia. Olhando em seus olhos e sentindo o amor que lhes dedico, rogo que sejamos capazes de trabalhar juntos em harmonia. Digo isto em nome de Jesus Cristo. Amém.

A RESSURREIÇÃO

Élder James E. Faust
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Com a abundância de testemunhos, antigos e modernos, selados pela confirmação do Santo Espírito de Deus, continuamos firmes e confiantes no conhecimento de que Jesus é o Salvador ressuscitado.”



Durante a II Guerra Mundial, fiquei alguns dias com infecção respiratória num hospital militar na África. Os atendentes em geral, encarregados da limpeza, troca de roupas de cama etc. eram nativos. Devido à existência de malária e seu mosquito transmissor, dormíamos debaixo de amplos mosquiteiros pendentes do teto e que cobriam a cama inteira. Ao me recolher uma noite enfiei minha carteira debaixo do travesseiro e adormeci.

Horas depois acordei sobressaltado, sentindo uma mão mexendo nas roupas de cama. Suspeitando que fosse um larápio, instintivamente segurei a mão e acendi a luz. Nisso minha carteira escorregou de debaixo do travesseiro. Surpreso, vi que segurava o braço do rapaz encarregado da limpeza de meu quarto. Tudo que disse em sua defesa foi: “Não se preocupe. Sou um discípulo.” Percebendo pelo meu olhar que eu não entendia, explicou simplesmente: “Eu sou

um discípulo. Sou cristão. Não quero sua carteira. Estava apenas enfiando o mosquiteiro debaixo do colchão para protegê-lo enquanto dormia.” Percebi então que o rapaz era não só cristão, mas um discípulo.

O verdadeiro discípulo vai além do simples crer. Ele age baseado em sua crença. Diz o Salvador: “Se alguém *quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo.*” (João 7:17; grifo nosso.) Discípulos seguem o Mestre Divino. Seus atos estão em harmonia sinfônica com sua crença. Eles sabem quem são. Sabem o que Deus espera deles. Eles refletem paz interior e certeza a respeito da missão e ressurreição de Cristo. Eles têm fome e sede de justiça. Sabem que estão na terra com um propósito. Compreendem a vida após a morte. Crêem que o maior acontecimento no ministério de Cristo foi a Expição que culminou na Ressurreição.

Éter, o profeta, diz que o discípulo pode “com segurança, esperar por um mundo melhor... e esta esperança vem pela fé, e representa uma âncora para as almas dos homens, tornando-os firmes e inquebrantáveis, sempre abundando em boas obras”. (Éter 12:4.)

Gostaria nesta tarde, véspera da Páscoa, de testificar a respeito da esperança segura que todos os discípulos podem ter devido à ressurreição de Cristo. A ressurreição de Jesus é uma das mensagens mais grandiosas de todo cristianismo. É um dom divino da Expição para toda a humanidade. A idéia de que alguém que morreu pudesse viver de novo era tão inédita, tão estranha a toda vivência humana que até os

apóstolos, que estavam informados do que aconteceria, mal conseguiram acreditar.

Quando Maria Madalena, Joana, Maria (mãe de Tiago) e outras mulheres contaram aos apóstolos que haviam visto o Senhor ressuscitado, “suas palavras lhes pareciam como desvario, e não as creram”. (Lucas 24:11; ver também Mateus 28:9-10.)

Não obstante, Pedro e João devem ter sentido a confirmação do Espírito de que o testemunho das mulheres não devia ser ignorado. João testifica que Pedro e João foram correndo para o sepulcro, a fim de verem com os próprios olhos. Encontraram o sepulcro vazio, exatamente como disseram as mulheres, exceto quanto aos lençóis de linho. (Ver João 20:3-10.) Pedro retirou-se, “admirando consigo aquele caso”. (Lucas 24:12.)

Quando Maria chorava ao lado do sepulcro, ela foi abordada por um estranho que lhe perguntou com voz branda e compassiva: “Mulher, por que choras? Quem buscas?” Em sua dor e a visão obscurecida pelas lágrimas, suplicou ao desconhecido que supunha ser o jardineiro: “Senhor, se tu o levaste, diz-me onde o puseste, e eu o levarei.

“Disse-lhe Jesus: Maria!” (João 20:15-16.)

Só *uma*, uma *única* pessoa pronunciaria seu nome daquele jeito. Essa única palavra dissipou qualquer dúvida, confusão e incerteza. No mesmo instante, Maria teve a grande, sublime certeza de que aquele por quem chorara, mesmo Jesus crucificado, levantara-se dentre os mortos, exatamente como os anjos lhe haviam testificado naquela manhã: “Ele ressuscitou!” (Ver Lucas 24:6.)

Maria não seria a única testemunha do milagre da Ressurreição. Embora o Salvador fosse as “primícias” dos que dormem (I Coríntios 15:23), as escrituras testificam que “muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados; e, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa e apareceram a muitos”. (Mateus 27:52-53.)

Jesus apareceu a dois discípulos em Emaús, cujos “olhos estavam como que fechados, para que o não conhecessem”, (Lucas 24:16) e que

insistiram: "Fica conosco, porque já é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles." (Lucas 24:29.) Enquanto comiam, seus olhos se abriram e o reconheceram.

Quando apareceu pela primeira vez aos dez apóstolos após a Ressurreição, estes ficaram assustados achando ter visto um espírito, e ele os acalmou dizendo: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.

"E, dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés." (Lucas 24:39-40.)

Tomé não estava lá e quando os outros lhe falaram da ressurreição de Jesus, ele se mostrou descrente: "Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos e não meter a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei." Em sua próxima aparição uma semana depois, Cristo disse a Tomé: "Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente.

"Tomé respondeu e disse-lhe: Senhor meu, e Deus meu!" (João 20:25, 27-28.)

E assim, durante quarenta dias o Salvador ministrou aos apóstolos e outros discípulos, e os instruiu.

Durante esses gloriosos quarenta dias, Cristo foi igualmente visto por "mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte... Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos". Paulo acrescenta: "E por derradeiro de todos, apareceu também a mim." (I Cor. 15:6-8.)

Os santos dos últimos dias têm testemunhas adicionais da veracidade da ressurreição de Jesus Cristo, e da certeza de vida após a morte. Uma dessas testemunhas é o Livro de Mórmon, registro que contém o ministério do Cristo ressuscitado no continente americano, depois de sua morte e ressurreição em Jerusalém. Sua aparição foi precedida por uma voz que parecia vir do céu: "Aquele voz... não era áspera nem forte; entretanto, apesar de ser uma voz suave, penetrava até o âmago daqueles que a ouviam...; sim, penetrou até o mais profundo da alma e incendiou todos os corações." (3 Néfi 11:3.)

A voz anunciou: "Eis aqui meu Filho Bem-amado, no qual me

alegro e no qual glorifiquei meu nome...

"E eis que viram um homem que descia, vestido com uma túnica branca, o qual desceu e se colocou no meio deles. E para ele volveram-se todos os olhares." (3 Néfi 11:7-8.)

Estendendo a mão, ele disse: "Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas." (3 Néfi 11:10.) E convidou a multidão: "Levantai-vos e vinde a mim, para que possais meter as mãos no meu lado e também tocar as marcas que os cravos fizeram em meus pés e minhas mãos, a fim de que possais saber que eu sou o Deus de Israel, e o Deus de toda a terra, e que fui morto pelos pecados do mundo." (3 Néfi 11:14.)

O depoimento de testemunhas modernas está registrado igualmente em Doutrina & Convênios. Eis o que testemunharam o Profeta Joseph Smith e Sidney Rigdon:

"E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: Que ele vive!

"Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testemunhando que ele é o Unigênito

do Pai;

"Que por ele, por meio dele e dele são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus." (D&C 76:22-24.)

A aparição gloriosa de Jesus Cristo no Templo de Kirtland, Ohio, foi descrita pelo Profeta Joseph Smith conforme segue:

"Seus olhos eram como a labareda de fogo; os cabelos de sua cabeça eram brancos como a pura neve; seu semblante resplandecia mais do que o sol; e a sua voz era como o som de muitas águas, mesmo a voz de Jeová, que dizia:

"Sou o primeiro e o último; sou o que vive; sou o que foi morto; sou o vosso advogado junto ao Pai." (D&C 110:3-4.)

Joseph Smith testemunhou também do aparecimento do Pai e do Filho a ele quando jovem: "Quando a luz repousou sobre mim, vi dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiavam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: '*Este é o meu Filho Amado. Ouve-o!*'" (Joseph Smith 2:17.)

O que, então, é ressurreição? O Livro de Mórmon nos dá uma definição muito boa; o Profeta Alma explica que Cristo soltou os



Elder Rex C. Reeve, Sr., do Primeiro Quorum dos Setenta.



laços da morte temporal para que todos nos levantemos dela.

"O espírito e o corpo serão novamente reunidos em sua perfeita forma;... e seremos levados a nos apresentar perante Deus, sentindo o que sentimos agora e tendo uma viva lembrança de todas as nossas faltas.

"E esta restauração virá sobre todos, sejam velhos ou moços, escravos ou livres, homem ou mulher, malvados ou justos; e não se perderá nenhum só cabelo de suas cabeças, mas tudo será restaurado à sua perfeita forma... como se encontra agora...

"E eis que vos falei sobre a morte do corpo mortal e também sobre sua ressurreição. E digo-vos que este corpo mortal será

ressuscitado num corpo imortal, isto é, passará da morte, e mesmo da primeira morte à vida, para não mais morrer; e os espíritos se unirão a seus corpos para não se separarem mais, tornando-se essa união espiritual e imortal." (Alma 11:42-45.)

Os membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias crêem na salvação universal bem como na salvação individual. Creemos que pela Ressurreição e Expição haverá a ressurreição dos justos e injustos: "Porque assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo." (I Coríntios 15:22.)

Como nós aceitamos Jesus de Nazaré?

Nós o aceitamos alegre e irrestritamente como o mais grandioso personagem que já viveu na face da terra.

Creemos ser ele o Messias, o Redentor.

Nós nos gloriamos em sua missão e doutrina.

Deleitamo-nos nele como as primícias dos que dormem.

Adoramo-lo como o segundo membro da Trindade.

Achegamo-nos humildemente ao Pai por seu intermédio, crendo em suas palavras: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim." (João 14:6.)

A autenticidade de um discípulo se reconhece nas palavras do Mestre: "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros." (João 13:35.)

Podemos fazer como Jó, a antiga pergunta: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14.) E em resposta receber o testemunho de que Jesus Cristo tornou possível a ressurreição:

"Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra.

"E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus." (Jó 19:25-26.)

Testificamos com Isaías que "seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz". (Isaías 9:6.) A respeito da Ressurreição podemos afirmar com Paulo: "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?" (I Coríntios 15:55.)

Com a abundância de testemunhos, antigos e modernos, selados pela confirmação do Santo Espírito de Deus, continuamos firmes e confiantes no conhecimento de que Jesus de Nazaré é o Salvador ressurreto. Seus braços se estendem para todos os homens, inclusive meu amigo africano, que, aceitando-o em seu caminho prescrito, podem tornar-se não apenas crentes mas verdadeiros discípulos, esperando com Paulo "alcançarem uma melhor ressurreição". (Hebreus 11:35.)

Dizemos a todos: "Possa Cristo te animar, e... a esperança de sua glória e vida eterna permanecer em teu espírito para sempre." (Morôni 9:25.) Em nome de Jesus Cristo. Amém.

“DESTES AFASTA-TE”

Élder Boyd K. Packer
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Se alguém vos abordar individualmente ou convidar-vos a participar de reuniões muito reservadas, alegando ter algum chamado especial, seja como for, segui o conselho de Paulo: ‘Destes afasta-te’.”



Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, Salt Lake City.)

Para que sintais a importância deste documento, cito da seção quarenta e dois de Doutrina & Convênios:

“Eu vos digo que a ninguém será permitido sair a pregar o meu evangelho ou edificar a minha igreja, a não ser que tenha sido ordenado por alguém com autoridade e que foi apropriadamente ordenado pelos líderes da igreja.” (V. 11; grifo nosso.)

Li esse certificado de élder para mostrar que desde os primórdios da Igreja se adotou um procedimento muito metucioso na concessão de autorizações.

É importante que todo membro da Igreja entenda isso.

Escrevendo a Timóteo, o Apóstolo Paulo fala dos tempos perigosos e apostasia nos últimos dias, enumerando os numerosos males que haveria nesses tempos perigosos, como caluniadores, inimigos do bem e traidores, e por fim o admoesta: “Destes afasta-te.” (II Timóteo 3:1-5.)

“Os homens maus e

enganadores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados.

“Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido.” (II Timóteo 3:13-14; grifo nosso.)

Esta frase, sabendo de quem o tens aprendido, é de suma importância.

Paulo ensinava que o conhecimento das escrituras é nossa inumização contra tais males.

Repetindo o que diz o Senhor: “Outra vez eu vos digo que a ninguém será permitido sair a pregar o meu evangelho ou edificar a minha igreja, a não ser que: (1) tenha sido ordenado por alguém com autoridade, e (2) que a igreja saiba que tem autoridade e que foi apropriadamente ordenado pelos líderes da igreja.” (D&C 42:11; grifo nosso.)

A Igreja sempre será dirigida pelos que foram chamados regularmente pelos líderes presidentes da Igreja.

Agora, isto não impede nenhum membro de compartilhar o evangelho no sentido missionário; isto é nosso dever. Existem outros deveres como o ensino familiar, e ordenanças, como bênçãos de saúde, inerentes ao sacerdócio e que não exigem designação especial. Contudo, com respeito a todo e qualquer cargo e ofício, é preciso cuidar de que qualquer pessoa a quem se dá autoridade a receba de alguém que tem autoridade e que esta seja do conhecimento da igreja.

Às vezes confundimos os outros com os muitos títulos existentes na Igreja. Eles ficam imaginando por que temos tantos presidentes. Temos presidentes nas estacas e

Irmãos e irmãs, eu tinha em mente falar de outro assunto hoje. Entretanto, nos últimos dias veio-me a impressão, creio que inspirada, de que deveria aconselhar-vos a respeito de outro tópico.

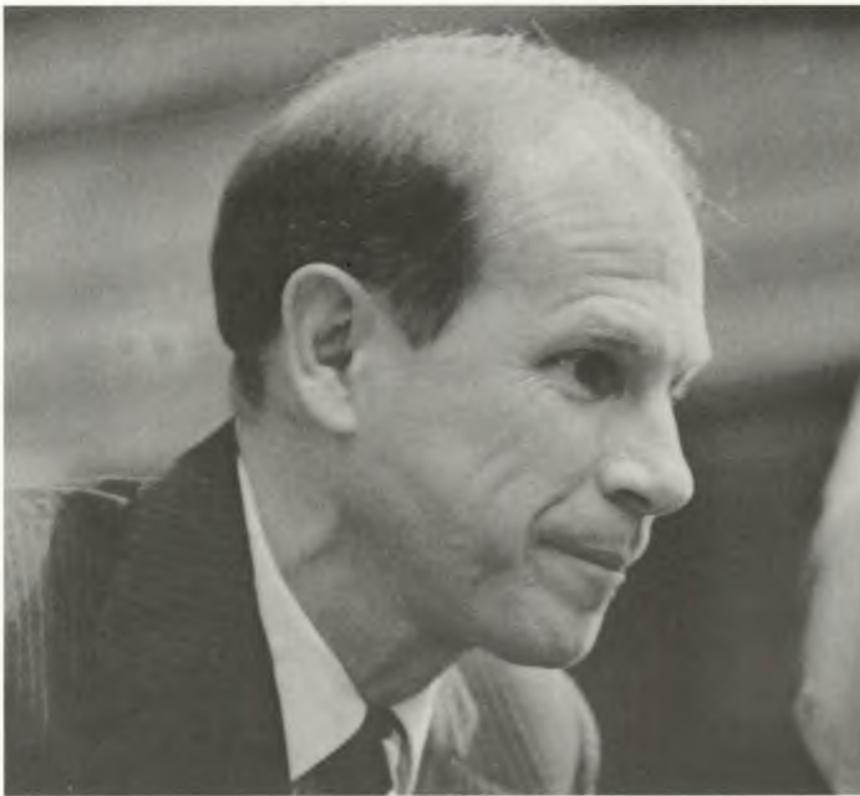
Tenho em mãos um documento muito interessante, que passarei a ler em parte: “A Quem Interessar Possa.”

“Este certifica que Parley P. Pratt foi recebido na Igreja dos Santos dos Últimos Dias, ... tendo sido ordenado élder de acordo com as regras e regulamentos da dita igreja, e está devidamente autorizado a pregar o evangelho, conforme a autoridade desse ofício...

“Dado por ordem de uma conferência dos élderes da dita Igreja, reunida em Kirtland, Condato de Geauga, Ohio, neste dia 26 de abril, no ano de mil oitocentos e trinta e cinco de nosso Senhor.

(ass.) Joseph Smith Jr. ... Oliver Cowdery, Secretário.” (Parley P. Pratt Collection, Archives of The





Êlder Gene R. Cook, do Primeiro Quorum dos Setenta.

missões, nos quoruns e auxiliares.

Cada um deles é apoiado pela congregação antes de ser ordenado ou apoiado, e disto se conserva um registro.

O bispo recebe um atestado de ordenação, assim como o presidente de estaca ou Missão, os élderes, setentas e sumos sacerdotes. A Igreja tem conhecimento de que eles têm autoridade.

Certa vez viajei em companhia do Êlder Gene R. Cook e o presidente da Missão por uma região muito remota do altiplano da Bolívia. Rodamos grande parte do dia num carro com tração nas quatro rodas. Cruzamos um braço do Lago Titicaca numa velha balsa. Seguimos por estradas montanhosas construídas primeiramente pelos antigos incas.

Tivemos até que construir uma rampa de pedras para conseguir sair de um leito de rio que fazia as vezes de estrada na época seca. Carregar pedras numa altitude de mais de quatro mil metros não é fácil tarefa.

Finalmente chegamos a Huacuyo, nosso destino. Não é realmente uma aldeia, antes casas espalhadas pelas montanhas numa das mais elevadas altitudes habitadas pelo homem, suponha.

Lá encontramos o que buscávamos: Uma pequena capela de adobe. Os poucos santos da região haviam-na construído sozinhos, sem nenhuma ajuda da Igreja.

A distância e o terreno agreste e difícil tornavam-na uma das mais inacessíveis da sede da Igreja, tenho certeza.

O piso da capela era de terra batida, e estava mobiliada com toscos bancos de madeira. As paredes internas tinham sido caiadas, e a da frente ostentava três quadros: O do presidente da Igreja ladeado por seus dois conselheiros — a Primeira Presidência.

Repito as palavras de Paulo: "Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste... *sabendo de quem o tens aprendido.*" (II Timóteo 3:14; grifo nosso.)

Mesmo naquele pequeno e remoto ramo, os membros sabiam identificar os portadores das chaves da autoridade.

Não é raro vermos fotografias das Autoridades Gerais nos edifícios da Igreja pelo mundo afora, fotografias essas reproduzidas nas publicações da Igreja. Sempre que ocorrer uma mudança, são publicadas novas fotos. Agora, com o apoio de um novo Bispado Presidente e o chamado de outras Autoridades

Gerais, suas fotografias aparecerão nas publicações e possivelmente nas capelas pelo mundo.

Quem me conhece bem, sabe que não gosto de ver fotos minhas expostas. Mas eu o tolero assim como outros companheiros meus por uma razão muito boa.

É necessário que os membros da Igreja em qualquer parte do mundo saibam identificar as Autoridades Gerais e locais. Assim saberão de quem estão aprendendo.

Anos atrás, a Irmã Packer e eu estávamos voltando da Nova Zelândia. Partimos de Auckland à meia-noite para Papeete, no Taiti, onde devíamos aguardar outro avião. Pouco antes do amanhecer pousou um avião, mas não era o nosso. Não conhecíamos sua rota; era apenas um avião qualquer fazendo escala na pequena ilha do Pacífico na madrugada de uma segunda-feira.

Comentei com minha esposa: "Garanto que encontrarei um conhecido." Ficando perto do portão de desembarque enquanto os passageiros passavam, quatro deles que eu não conhecia me abordaram: "Não é o Irmão Packer?" E entre os últimos da fila encontrei um conhecido meu.

Eis o ponto importante. É manifestamente impossível um impostor apresentar-se como membro do Quorum dos Doze sem ser desmascarado pelos membros como alguém não devidamente ordenado pelos líderes da Igreja, em Huacuyo, Bolívia, ou Terra do Fogo, Argentina, em Kemi, Finlândia ou Vara'U em Tonga, ou qualquer outro canto da terra.

Há quem reivindique autoridade proveniente de alguma ordenação secreta no passado. Mesmo agora alguns pretendem ter autoridade revelada especial para dirigir ou ensinar o povo. Ocasionalmente usam o nome de membros da Primeira Presidência, dos Doze ou dos Setenta, deixando implícita certa aprovação especial ao que ensinam.

Há um número demasiado grande de nomes apresentados, votos de apoio solicitados, ordenações e designações feitas diante de testemunhas demais; existem registros demais, atestados demais e fotografias demais publicadas em lugares demais para alguém desconhecer quem tem a devida autoridade. Alegações de revelação especial ou autoridade

secreta do Senhor ou das Autoridades Gerais são obviamente falsas e total disparate!

O Senhor jamais opera dessa maneira; essas coisas não são feitas às escondidas (ver Atos 26:26); todo chamado oficial e toda ordenação autorizada se faz às claras, como sempre tem sido.

Bem, o sacerdócio é estruturado de maneira que homens, mulheres e jovens comuns são chamados a trabalhar na Igreja.

Sem dúvida não podemos deixar de parecer às vezes bastante diletantes em comparação com o clero altamente instruído de outras igrejas.

A própria natureza do sacerdócio permite grande variação no conhecimento do evangelho dos membros, que procuram aprender enquanto servem.

Um membro pode, em dado momento, não entender certo ponto doutrinário, pode estar equivocado ou até mesmo crer em algo como certo quando na verdade é errado. Nisto não há muito perigo. É uma parte inevitável da aprendizagem do evangelho. Nenhum membro da Igreja deve sentir-se embaraçado por ter de arrepender-se de uma falsa crença. Nossas idéias são corrigidas à medida que crescemos em luz e

conhecimento.

Não é *acreditar* numa coisa errada que é o problema; é *ensiná-la* a outros. Na Igreja temos o arbítrio de crer no que bem quisermos a respeito do que quisermos. Mas não estamos autorizados a pregá-lo a outros como verdade.

Se alguém vos abordar individualmente ou convidar-vos a participar de reuniões muito reservadas, alegando ter algum chamado especial, seja como for, segui o conselho de Paulo: "Destes afasta-te."

Poderão alegar revelações e chamados especiais. Poderão alegar visões e visitasões. Mas como, disse-me por favor, poderão alegar o voto de apoio da congregação?

Na revelação sobre organização e governo da igreja dada em 1830, diz o Senhor:

"Nenhuma pessoa deverá ser ordenada a nenhum cargo nesta igreja, onde houver um ramo dela organizado regularmente, sem o voto da Igreja." (D&C 20:65.)

Existe outro aspecto em que cautela significa segurança. Existem pessoas que, motivadas por uma ou outra influência, procuram, ao escrever ou publicar críticas e interpretações doutrinárias, tornar o evangelho

mais aceitável às chamadas pessoas racionais do mundo.

Elas fariam bem em ler com muita atenção a parábola da árvore da vida no capítulo oito de 1 Néfi, ponderando seriamente o versículo vinte e oito:

"E os que *haviam experimentado do fruto* (quer dizer, depois de serem membros da Igreja), ficaram envergonhados por causa dos que mofavam deles, e tomaram por caminhos proibidos e se perderam." (Grifo nosso.)

Se seu espírito for puro e seus motivos justos, não causarão danos a si próprios nem a outros. Se não forem, fariamos todos bem, acatando o conselho de Paulo: "Destes afasta-te."

Naquela pequena capela em Huacuyo vi ainda outra coisa que me fez subirem lágrimas aos olhos. Era um cartaz bastante tosco com os dizeres: "Preparacion para Ser Estaca", seguidos de uma lista das qualificações necessárias. Uma estaca de Sião na mais remota aldeia no topo dos Andes? Oh, sim! O dia chegará. E quando chegar, um de nós lá estará para conferir autoridade a seus líderes. Quando em qualquer canto da terra se organiza uma estaca de Sião, algum dos irmãos sentados aqui junto ao púlpito terá de estar





presente para conferir as chaves de presidência. Somente alguém que *tem autoridade e que a Igreja saiba que a tem*, poderá conferi-las. Mas há ainda outra testemunha. Qualquer alma que buscar, — qualquer membro — tem o direito de saber pelo dom do Espírito a verdade a respeito do chamado de nossos líderes.

Certa ocasião eu estava organizando uma estaca na Ilha Upolu, em Samoa. Como se faz costumeiramente, estávamos entrevistando os líderes locais do sacerdócio, pedindo-lhes que sugerissem alguns irmãos dignos de serem chamados.

Um grave presidente de ramo viera a pé do lado oposto da ilha. Apresentou-se perante nós usando

camisa branca e gravata, com a *lavalava* ou saia atada em torno da cintura. Estava descalço; jamais tivera um par de sapatos.

Pedi-lhe alguns nomes. Citou apenas um: "O Bispo Iono será nosso presidente de estaca." Ele estava certo, pois já me fora revelado. Mas achei que não lhe cabia anunciá-lo assim.

Então pedi outros nomes, pois precisávamos chamar conselheiros e outros líderes também. Erguendo o dedo, replicou: — Um só nome.

— Mas, — ponderei, — suponha que ele não possa servir; não gostaria de citar outros?

Ao que aquele humilde presidente do sacerdócio me fez uma pergunta: — Irmão Packer, está-me pedindo que eu vá contra o

testemunho do Espírito?

Que maravilha! Esse homem maravilhoso me recordava que todo membro da Igreja pode, em oração, receber confirmação de que a quinta Regra de Fé está sendo honrada.

"Cremos que um homem deve ser chamado por Deus, pela profecia e pela imposição das mãos, por quem possua autoridade para pregar o evangelho e administrar as suas ordenanças."

Certa ocasião, Karl G. Maeser guiava um grupo de jovens missionários numa escalada nos Alpes. Chegando ao cume da montanha, ele olhou para trás e viu uma fila de varas fincadas na neve marcando a única passagem segura para atravessar a traiçoeira geleira.

Detendo o grupo, apontou as varas com um gesto, dizendo: "Irmãos, ali está o sacerdócio (de Deus). São apenas varas comuns, como o resto de nós,... mas a posição que ocupam os torna o que são para nós. Se nos afastarmos do caminho que marcam, estamos perdidos."

Apesar de nenhum de nós ser perfeito, a Igreja segue adiante, dirigida por pessoas comuns.

O Senhor prometeu:

"Se o meu povo atender à minha voz, e à voz dos meus servos os quais designei para guiar o meu povo, eis que na verdade vos digo, não serão movidos de seu lugar.

"Mas se não atenderem à minha voz, nem à voz destes homens que designei, não serão abençoados." (D&C 124:45-46.)

Presto testemunho, irmãos e irmãs, de que os líderes da Igreja foram chamados por Deus pela devida autoridade, e é do conhecimento da Igreja que eles têm esta autoridade e foram ordenados pelos líderes apropriadamente ordenados da Igreja. Seguindo-os, seremos salvos; afastando-nos deles, certamente nos perderemos. Isto é verdade desde os líderes locais aos membros da Igreja, líderes de quoruns e ala, estacas e missões e ao profeta, que se encontra à testa da Igreja.

Apóio o Presidente Spencer W. Kimball como o profeta de Deus. Eu sei que ele o é. Sei que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e por sua ordem e na sua ordem a Igreja segue adiante em nossa geração. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

PREPARAÇÃO PARA O SERVIÇO MISSIONÁRIO

Presidente Ezra Taft Benson
do Quorum dos Doze Apóstolos

Rapazes, “o Sacerdócio Aarônico existe para prepará-los para servir; servir ao Pai Celestial todos os dias da vida.”



Meus queridos irmãos, esta é uma visão gloriosa, uma oportunidade maravilhosa para estar convosco. Sou grato por ver tantos pais aqui no Tabernáculo com seus filhos, e estou convencido de que o mesmo acontece com nossos ouvintes em muitos locais em todo o mundo.

Pais, vosso exemplo será vossa maior influência sobre os filhos. Se quereis que os rapazes compreendam o que o evangelho fará por eles, fazei com que vejam o que fez por vós.

Quero dizer algumas palavras a vocês, rapazes, nesta noite, por portarem o sacerdócio. O Sacerdócio Aarônico existe para prepará-los para servir, servir ao Pai Celestial todos os dias da vida. Muitos de vocês que estão ao alcance de minha voz, estão-se preparando para a missão. Gostaria de sugerir quatro maneiras de vocês se prepararem para a missão agora.

Primeiro, preparar-se

fisicamente. Hoje em dia, uma missão de dois anos exige boa saúde física; exige que mantenham o corpo limpo. Nos primeiros anos de adolescência, quando são tentados a ingerir substâncias prejudiciais ao corpo, tenham a coragem de resistir. Vivam a Palavra de Sabedoria, nada de cigarros, bebidas alcoólicas e drogas. Mantenham puro o corpo, um vaso puro para o Senhor.

Conservem-se moralmente puros. Isto quer dizer, manter a mente limpa. Seus pensamentos determinarão seus atos, por isso precisam ser controlados. Expondo-se a tentações, ficará difícil controlar esses pensamentos. Por isso será preciso escolher com cuidado o que lêem, os filmes a que assistem e outras formas de entretenimento, para

que tenham bons pensamentos em vez de desejos perniciosos.

Segundo, preparar-se mentalmente. A missão requer bastante preparo mental. Terão de memorizar as palestras missionárias, escrituras e muitas vezes, aprender um novo idioma. A disciplina para se conseguir isto é aprendida nos primeiros anos da juventude.

Comecem agora o hábito de ler diariamente as escrituras durante dez a quinze minutos. Se o fizerem, terão lido as quatro obras-padrão quando chegarem ao campo missionário. Recomendo-lhes particularmente o Livro de Mórmon, para que possam testificar de sua autenticidade conforme o Senhor mandou.

Terceiro, preparar-se socialmente. A missão requer que saibam conviver com outras pessoas. Terão de entender-se com seu companheiro, com o qual conviverão as vinte e quatro horas do dia. Terão de conhecer pessoas estranhas, ser gentis e bem educados. Um dos mais proveitosos atributos que a pessoa pode ter na vida é saber fazer amigos. Quando se faz amizade com uma pessoa, torna-se possível ensinar-lhe o evangelho.

Quarto, preparar-se espiritualmente. A pessoa espiritual obedece a todos os mandamentos do Senhor; ora ao Pai Celestial e presta serviços ao próximo.

Agora quanto à obediência.





Membros do Primeiro Quorum dos Setenta, da esquerda para a direita: Élderes F. Burton Howard, Ted E. Brewerton, Jack H. Goaslind, Jr.

Vocês estão aprendendo a guardar todos os mandamentos do Senhor. E à medida que o fazem, terão a companhia do seu Espírito; estarão de bem consigo próprios. Não se pode agir mal e sentir-se bem. É impossível! Uma das grandes lições que aprendi em minha primeira missão foi o princípio da obediência total.

Em 1923 eu estava servindo missão na Grã-Betanha. Naquela época a Igreja enfrentava forte oposição. Começou pelos clérigos e depois espalhou-se pela imprensa. Diariamente apareciam muitos artigos antimórmons nos jornais. Havia filmes hostis aos mórmons, assim como peças teatrais desairosas à Igreja. O tema era sempre o mesmo: Os missionários estavam na Inglaterra para seduzir jovens inglesas e torná-las escravas nas fazendas de Utah. Hoje parece um absurdo, mas na época era muito real. Em certos lugares tivemos até que parar de pregar por causa de tais equívocos.

Certa ocasião recebemos uma carta da sede da Missão instruindo-nos a suspender todas as reuniões de rua. Na época eu servia como presidente de conferência* e meu companheiro era o secretário. Ao receber a instrução, já havíamos programado uma reunião para a noite de domingo. Então resolvemos suspender as reuniões de rua depois da reunião já

programada. Foi aí que erramos!

No domingo seguinte fizemos a reunião de rua perto da estação ferroviária, conforme o programado. Os ouvintes eram muitos e agitados. Tentando pregar, meu companheiro e eu ficamos de costas um para o outro. Ele falava numa direção, enquanto eu enfrentava a outra metade da multidão.

Quando os bares fecharam, chegaram os elementos mais turbulentos, muitos deles alcoolizados. O alarido ia aumentando, não permitindo que os mais afastados ouvissem o que dizíamos.

Alguns gritaram: — Por que todo esse rebuliço?

Outros responderam: — São esses horríveis mórmons, — ao que outros sugeriam: — “Vamos pegá-los e jogar no rio.”

Em pouco houve uma tentativa de nos derrubar e pisar. Mas como éramos mais altos que a maioria deles, apoiamos as mãos em seus ombros, impedindo assim que caíssemos debaixo de seus pés.

Naquela confusão, meu companheiro e eu ficamos separados. Ele foi levado para o fim do lado oposto da estação, e eu para o lado de cá. As coisas começavam a ficar pretas.

Então aproximou-se de mim um sujeito enorme e forte, enquanto os outros formavam um círculo em torno de nós. Olhando-me firme nos olhos, ele disse: “Moço,

acredito palavra por palavra do que falou esta noite.”

Nisto um policial conseguiu furar a multidão. Tomando-me pelo braço, ordenou: “Moço, venha comigo. Você tem sorte de estar vivo no meio dessa turba.” Depois de nos afastarmos alguns quarteirões, ele mandou: “Vá para casa e não saia mais hoje à noite.”

Chegando ao apartamento, meu companheiro ainda não estava lá. Fiquei preocupado, então orei e me pus a esperar. Finalmente a preocupação era tamanha que decidi ir a procura dele disfarçado. Tirei o sobretudo, enfiei um velho boné e saí.

Aproximando-me do local da reunião, um homem me reconheceu e perguntou:

— Já viu seu companheiro?

— Não. Onde está ele? — ao que respondeu:

— Lá do outro lado da estação, com um rombo na cabeça.

Muito assustado, fui correndo para lá. Mas antes de chegar à estação, encontrei o mesmo policial que me disse:

— Pensei ter mandado você ficar longe das ruas esta noite, — ao que repliquei:

— Mandou sim. Mas estou preocupado com meu companheiro. Sabe onde ele está?

— Sei. Levou uma pancada feia na cabeça, mas já foi para casa. Eu o acompanhei parte do caminho como fiz com você antes. Agora volte para casa e não saia mais.

Voltei para o apartamento e encontrei meu companheiro disfarçando-se para sair a minha procura. Caímos nos braços um do outro e nos ajoelhamos em oração. Aquela experiência me ensinou a sempre acatar o conselho dos líderes, uma lição que me acompanhou todos os dias da vida.

Sim, rapazes, preparem-se agora. Preparem-se física, mental, social e espiritualmente. Sejam obedientes à autoridade. Comecem a economizar para a missão se ainda não o fazem. Paguem o dízimo e procurem obter um testemunho do evangelho pelo estudo e oração.

Eu oro, meus jovens irmãos, que nosso Pai Celestial os abençoe com a compreensão de quão desesperadamente necessitamos do seu serviço hoje.

Deus os abençoe ao se prepararem para futuro serviço na Igreja, em nome de Jesus Cristo. Amém.

* Correspondente ao atual “distrito”. N. do T.

A BUSCA DA EXCELÊNCIA

Peter Vidmar

Estaca Los Angeles Califórnia, Ala UCLA

“Decidamos agora que classe de pessoa queremos ser, e quando aparecer uma situação difícil, estaremos preparados para vencer a prova.”



Foi-me solicitado que dirigisse a palavra aos rapazes esta noite. É minha humilde oração que eu consiga instilar neles o desejo de buscar a excelência e dedicar-se ao serviço do Pai Celestial.

Estou orgulhoso de haver representado minha pátria nos Jogos Olímpicos de 1984 em Los Angeles. Participar dessa grandiosa competição é um acontecimento de que sempre me lembrarei com carinho. Minha dedicação à ginástica, entretanto, ensinou-me qualidades que ultrapassam a esfera desportiva. As qualidades, características e chaves para o sucesso no esporte são fatores que se transmitem para todos os aspectos da vida.

Aqueles que de alguma forma tiveram oportunidade de ver os Jogos Olímpicos viram os maiores atletas do mundo apresentando seu melhor desempenho possível. Muitos deles conseguiram o maior número de pontos, os menores tempos ou maiores distâncias na história dos Jogos Olímpicos.

Mas como o conseguiram? O que faz um grande atleta? Lembro-me de um conhecido campeão olímpico que certa vez abordou

esta questão. Ele citou certos fatores importantes como bom treinamento, bom equipamento, bons companheiros para treinar ou apenas puro talento natural. Todos esses ingredientes podem entrar na receita de um grande atleta, e todos eles ajudarão de certa forma. Existe, porém, um atributo que supera tudo mais, e sem ele nenhum atleta é completo. Este ingrediente é o desejo.

O atleta com o maior desejo de vencer terá maior possibilidade de alcançar seu objetivo. O mesmo se aplica ao estudante, ao músico ou seja o que for que vocês, rapazes, aspiram ser. Uma pesquisa de cinco anos a respeito dos melhores atletas, músicos e eruditos dos Estados Unidos, concluiu recentemente que “esforço e determinação, não grande talento natural, os levou ao extraordinário sucesso”. (*Los Angeles Times*, 17 de fevereiro de 1985.)

Em determinados atletas

podemos observar a diferença entre saber e fazer. Aqueles que realmente querem alcançar seus objetivos farão tudo que for necessário para conseguí-lo.

Nosso profeta, Spencer W. Kimball, tem no escritório um lema que diz: “Faça-o.” Em Mateus 21:28-31 lemos:

“Mas que vos parece? Um homem tinha dois filhos e, dirigindo-se ao primeiro, disse: Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha.

“Ele, porém, respondendo, disse: Não quero. Mas depois, arrependendo-se, foi.

“E, dirigindo-se ao segundo, falou-lhe de igual modo; e, respondendo ele, disse: Eu vou, senhor, e não foi.

“Qual dos dois fez a vontade do pai?”

Não fiquemos apenas falando ou sonhando no que queremos ser. Façamos simplesmente o necessário, seja o que for, para sê-lo. Para atingir nossas metas possivelmente tenhamos de nos empenhar mais do que jamais fizemos na vida.

Meu treinador ensinou-me uma importante lição logo nos primeiros tempos de ginasta. Eu estava de partida para meu primeiro campo de treinamento de equipe nacional, e o técnico me disse só uma coisa. Não me mandou aprender nenhuma evolução nova, nem me mandou





Robert Cundick, ao órgão do Tabernáculo.

procurar ser melhor que os outros da equipe. Disse que na volta, queria que pudesse dizer com honestidade, que dera mais duro nos treinos do que qualquer outro da equipe.

Por isso, lembro-me, fazia questão de ser o último a deixar o ginásio todos os dias, e não apenas esperando na porta que todos os companheiros saíssem! Lembro-me também de que, à noite, quando alguns da minha equipe ficavam divertindo-se ocasionalmente com uma pizza e cerveja, eu voltava para o quarto e fazia mais exercícios.

Ao voltar para casa duas semanas mais tarde, pude comunicar orgulhoso ao treinador: "Dei mais duro que qualquer outro." Não treinei o dobro que os demais, apenas um pouco mais. Mas foi o bastante para eu progredir consideravelmente. Às vezes é esse pouco mais que importa.

Vejam qual foi a margem de vitória em algumas modalidades dos últimos Jogos Olímpicos. No ciclismo feminino, ao fim da corrida de setenta e nove quilômetros e duzentos metros, a diferença entre a medalha de ouro e a de prata na linha de chegada foi uma volta de roda. Na acirrada prova de revezamento de natação, a diferença no desempenho da equipe vencedora para a que chegou em segundo lugar foi de quatro centésimos de segundo,

somente. Em muitas provas de ginástica, a diferença entre o primeiro e o segundo lugar foi de apenas um quarto de ponto.

Os campeões não ganharam correndo duas vezes mais depressa, saltando o dobro ou conquistando duas vezes mais pontos que seus concorrentes. Em muitos casos venceram por fração de segundo, fração de centímetro ou fração de ponto. E o mais importante, ninguém se tornou campeão treinando com o dobro do empenho de seus rivais. Se outros ginastas treinam seis horas por dia, eu não posso treinar doze. Doze horas dentro de um ginásio simplesmente não faz bem à saúde! Mas posso treinar seis horas e um quarto por dia. É esse pouquinho de esforço e dedicação a mais que faz a diferença.

Seja no que for que queiram progredir, nos estudos, no atletismo, na música ou no conhecimento das escrituras, empenhem-se simplesmente um pouquinho mais, todos os dias. Quinze minutos por dia somam mais de noventa horas num ano. Estou usando os quinze minutos apenas como exemplo do valor do tempo bem empregado. Sei que eu seria uma pessoa melhor se aplicasse esse pouquinho mais em outros aspectos importantes da vida. Espero sinceramente fazê-lo e oro por isto.

O Presidente Kimball tem outro lembrete em seu escritório, que

diz: "Não desista." Todos nós teremos dificuldades e reveses. Mas o Pai Celestial jamais nos dará uma dificuldade que não possamos vencer. Por trás de muitos campeões olímpicos escondem-se histórias de incríveis dificuldades que tiveram de vencer. Ainda neste último verão, muitos de nós pudemos ver um americano ganhar a primeira medalha de ouro para seu país na luta greco-romana. Vimos aquele sujeito grandalhão chorar de alegria na tribuna da vitória. Fazia apenas dois anos que se submetera a grave cirurgia para extirpar uma rara forma de câncer. Mas ele não desistiu. Agora é campeão olímpico.

Como filhos do Pai nos céus podemos sofrer reveses de pecado. Contudo, jamais devemos desistir ou perder a esperança. O Pai Celestial providenciou um meio de vencermos reveses espirituais através do dom do arrependimento. Ele nos ama e quer perdoar-nos. Basta passarmos pelo processo do arrependimento e triunfaremos sobre os erros.

Estive falando hoje sobre buscar a excelência em todos os aspectos da vida. Não estou aqui como notável exemplo disso. Conquistei um feito maravilhoso no mundo dos esportes. Só oro para conseguir sair-me melhor em outras áreas mais importantes da vida.

Conheço a importância de estabelecer metas elevadas, pois assim ficará mais fácil alcançar as

metas intermediárias. Pensando nas Olimpíadas, tornou-se mais fácil chegar a campeão estadual ou universitário, por saber que precisava melhorar.

Não nos contentemos com a mediocridade. Tentemos alcançar o melhor. Decidamos agora que classe de pessoa queremos ser e, numa situação difícil, estaremos preparados para vencer a prova.

Sinto-me abençoado por me ensinarem ainda pequeno a importância da Palavra de Sabedoria. Comprometi-me a guardar esse mandamento. Lembro-me de uma competição muito prestigiosa na Alemanha, na qual ganhei a prova de saltos. Postado na tribuna da vitória, recebi uma medalha de ouro, flores e presentes. Eu estava radiante.

Antes de descer da tribuna, vi uma pessoa aproximando-se com uma taça de prata e pensei: "Que bom! Outro prêmio!" Mas quando chegou mais perto, vi que estava cheia de vinho.

Voltando-me para meu amigo e competidor alemão, perguntei o que significava aquilo, ao que me explicou que era tradição que o campeão bebesse da taça e depois a passasse ao atleta seguinte.

Respondi:

— Mas eu não bebo.

— Então tome apenas um golinho e passe ao vizinho.

Então expliquei: — Não posso, é contrário a minha religião e não posso tomar nem mesmo um golinho.

Meu amigo procurou explicar ao pessoal, em alemão, que eu não tomaria o vinho, mas não sei por que insistiram em dar-me a taça.

Então peguei a taça, levantei-a bem alto para o público ver e passei-a ao meu vizinho sem sequer molhar os lábios. Admito que fiquei embaraçado com as risadas do público, mas igualmente orgulhoso por ter-me sido tão fácil dizer não. Acredito que se tomarmos as decisões certas antes de enfrentar uma tentação, ficará bem mais fácil resistir.

Concluindo, gostaria de ressaltar que devemos manter as metas na devida perspectiva. Jamais percamos de vista o evangelho ao perseguir ambições temporais. Não viemos para este mundo para nos tornarmos campeões olímpicos ou grandes médicos, advogados ou empresários, ou sermos ricos e famosos. Viemos para nos provar



dignos de voltar à presença do Pai Celestial. Viemos para cá a fim de estabelecer e alcançar a meta suprema.

Sei quanto me esforcei para competir nas Olimpíadas. Cheguei a treinar seis horas por dia, seis dias por semana. Às vezes parecia exaurir-me de toda energia e forças. Acho que estou começando a perceber quão séria deve ser minha dedicação à obra do Senhor para receber o maior dom de Deus. Na verdade, exigirá todo talento, energia e recursos — meu coração, poder, mente e força — ganhar e merecer a vida eterna.

Imaginem como é ser um campeão olímpico! Imaginem a sensação de receber a medalha estando de pé na tribuna da vitória.

É uma emoção que não consigo descrever. Mas lembrem-se de uma coisa. Todos poderemos viver uma emoção infinitamente maior que essa. Se nos provarmos merecedores, retornaremos à presença do Pai Celestial.

Tenho testemunho do Evangelho de Jesus Cristo. Sei que Cristo vive. Sei que Spencer W. Kimball é um profeta de Deus. Tenho muito que agradecer. Meu casamento no templo vale mais que todo o ouro do mundo.

Sei que tenho um longo caminho a percorrer, mas oro que consiga progredir e ser considerado digno das bênçãos que o Pai Celestial reservou para os que o servem sinceramente. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

PREPARAR-SE PARA SERVIR

Élder M. Russell Ballard
do Primeiro Quorum dos Setenta

“Sinto uma profunda urgência de tocar o coração de cada rapaz da Igreja, a fim de que sinta o desejo de ser merecedor do Sacerdócio de Melquisedeque e de cumprir uma missão.”



Faz exatamente quinze dias que, por designação, deixei Addis Abeba, Etiópia, distante uns dezesseis mil quilômetros daqui. O mundo é muito pequeno em certos sentidos. Se fosse possível voar diretamente de Addis Abeba até a Cidade de Lago Salgado, levaria umas dezenove horas. Sob outros aspectos, entretanto, o mundo é enorme. Bilhões de filhos de nosso Pai Celeste vivem na terra em toda sorte de condições; a situação aflitiva dos que vivem nas regiões assoladas pela seca na África é calamitosa. O sofrimento humano ali é praticamente indescritível. Não conheço todas as razões desse sofrimento. Entretanto, esta minha mais recente experiência na vida teve um profundo impacto em mim. Nunca mais serei o mesmo.

Posso testificar-lhes, meus irmãos, que eu sei como nunca antes soube que o privilégio de portar o santo sacerdócio é uma bênção inestimável. Se cada um de vocês, rapazes do Sacerdócio Aarônico, pudesse ter estado com o Bispo Glenn Pace e comigo na Etiópia, seu coração certamente se

encheria do *desejo* de honrar o sacerdócio que tem. Creio que nenhum de nós aqui nesta numerosa congregação do sacerdócio deve deixar de reconhecer o valor das grandes bênçãos que usufruímos como portadores do santo sacerdócio.

Quando chegamos à Etiópia, descobrimos um membro da Igreja, o Irmão Harry Hadlock, de Seattle, Washington. Ele ficou contentíssimo em encontrar-se com dois irmãos do sacerdócio. No domingo de manhã, nós três tivemos uma reunião de testemunho e então, com nosso sacerdócio, abençoamos e tomamos o sacramento. O Espírito do Senhor estava presente. Devido ao profundo anseio de ajudar os filhos sofredores do Pai Celeste, oferecemos uma prece especial para que chovesse na região da seca. Tivemos uma profunda percepção da importância de nossa missão. Eu sabia que se clamássemos ao Senhor em favor daquela terra, os elementos seriam abrandados. Oramos, irmãos, por chuva. Durante o resto do tempo que estivemos na Etiópia, choveu todos os dias por onde quer que viajássemos. Estávamos gratos ao Pai Celestial porque a chuva nos testificou que ele sabia que seus filhos, portadores do seu santo sacerdócio, encontravam-se ao seu serviço naquela parte do mundo.

Nós, porém, podíamos fazer mais por eles, muito mais. Temos um dom espiritual para compartilhar, a *água viva*. (Ver João 4:10.) Se ao menos pudéssemos dá-la a eles, nunca mais teriam sede. Meus irmãos, nesta noite sinto uma profunda urgência de tocar o coração de cada rapaz da Igreja, a fim de que sinta o *desejo* de ser merecedor do Sacerdócio de Melquisedeque e de cumprir missão. Vocês, rapazes,

precisam viver de modo a serem merecedores de se tornarem élderes para que possam levar a luz do Evangelho de Jesus Cristo a toda nação, tribo, língua e povo, conforme o Senhor nos mandou. (Ver Mosiah 15:28.)

As regiões remotas da terra necessitam desesperadamente da luz do Evangelho de Jesus Cristo. Vocês, jovens aqui presentes hoje, precisam preparar-se agora para seu futuro serviço. Gostaria de perguntar, quem de vocês sabe o que o Senhor tenciona que faça no futuro? Poderia perguntar também, quem de vocês poderá um dia sentar-se aqui nestas poltronas vermelhas do Tabernáculo? Por mais improvável que lhes possa parecer hoje, todas as Autoridades Gerais já foram um dia rapazes como vocês. Até mesmo eu já tive sua idade. Nenhum rapaz deve ambicionar um chamado, mas tão certo quanto estão sentados nesta reunião do sacerdócio hoje, muitos de vocês hão de presidir alas, estacas, missões, quoruns e, obviamente, sua própria família. A instrução no sacerdócio, meus irmãos, começa quando um garoto é ordenado diácono no Sacerdócio Aarônico. Vocês, portadores do Sacerdócio Aarônico, precisam compreender que estão sendo instruídos.

Néfi tinha um excelente plano de instrução, que eu recomendo a



todos os rapazes aqui presentes: "E aconteceu que eu, Néfi, sendo muito jovem, (estava na adolescência), apesar de minha grande estatura, e tendo grande desejo de conhecer os mistérios de Deus, clamei ao Senhor; e eis que ele me visitou e enterneceu meu coração, de maneira que acreditei em tudo o que meu pai havia dito, não me revoltando contra ele, como haviam feito meus irmãos." (1 Néfi 2:16; grifo nosso.) A chave, irmãos, foi o *desejo* de Néfi de "conhecer os mistérios de Deus". Rapazes, encham seu coração desse *desejo*.

De todo conhecimento que adquiri em minhas designações na Igreja, nenhum tem sido mais importante para mim do que o aprendido na missão de tempo integral aos dezenove anos. Olhando para trás, vejo que nenhum ensino ou treinamento em minha vida foi mais importante para o que faço agora na Igreja, do que aquele recebido como missionário de tempo integral.

Estou certo, rapazes, de que o Senhor não tem melhor lugar para conhecê-los do que quando o servem no campo missionário. Quando estão em missão, ele os mandará agir em seu nome; dar-lhes-á experiência com o poder do Espírito Santo. Ele os autorizará a ensinar, a converter e depois realizar as sagradas ordenanças de salvação em seu nome. Ele chegará a conhecê-los bem. Saberá que pode confiar em vocês. Ele os ajudará a aprender as lições que os qualificará para a grande obra que terão de executar ao fazerem sua parte na divulgação da mensagem da Restauração a todas as pessoas do mundo.

Em nossa recente missão na Etiópia, o Espírito se manifestou ao Irmão Pace e a mim. Nós sabíamos o que fazer. Sabíamos o que dizer. Sabíamos aonde ir. Muitas vezes rapazes, me vali das experiências missionárias de trinta anos atrás. Por exemplo, precisamos de uma permissão do governo para ir a Makale a fim de visitar os postos de armazenagem e distribuição de mantimentos, onde se encontravam reunidos milhares de refugiados. Como a permissão demorou e querendo cumprir nossa missão, ajoelhamo-nos em oração pedindo a ajuda do Senhor. Na manhã seguinte obtivemos a



Élder Yoshihiko Kikuchi do Primeiro Quorum dos Setenta, o segundo da direita para a esquerda, com visitantes da conferência.

permissão. Então precisávamos viajar de Addis Abeba a Makale. Mais uma vez oramos por ajuda, conseguindo lugar num avião de transporte Hercules C-130 da Real Força Aérea Britânica em missão de caridade. De Makale, não tínhamos como chegar a Asmara. O Senhor sabia de nossa necessidade. Ao entardecer conseguimos carona num vôo de socorro da Força Aérea Sueca. Viajar de carona não é seguro e particularmente de avião, mas estando a serviço do Senhor, deu tudo certo.

Sinto profundo afeto pelas pessoas bondosas que encontramos na distante Etiópia e que não são membros da Igreja, mas que prestam abnegado serviço cristão. Irmãos, senti-me tão grato pelo fato de a Igreja haver contribuído significativamente para ajudar a minorar uma desesperada necessidade. Acredito que se tivéssemos mais missionários no mundo prestando significativo serviço cristão e ajudando pessoas a conhecerem a gloriosa mensagem da Restauração, encontraríamos estima aos olhos do Senhor.

Digo-lhes nesta noite, rapazes, preparem-se; cada um de vocês, prepare-se. O mundo necessita de seus serviços. Arrependam-se, se necessário. Estudem diariamente as obras-padrão. Orem pela manhã e à noite. Acalentem no coração o *desejo* de conhecer os mistérios de Deus. Para dirigir a Igreja amanhã, vocês precisam preparar-se hoje. Esforcem-se, rapazes, e lhes

prometo que um dia serão gratos pelo esforço de preparar-se.

Agora, meus jovens, posso dirigir algumas palavras a seu bispo e ao presidente de estaca? Vocês podem ouvi-las se quiserem. Nos últimos quatro dias tivemos reuniões históricas com os presidentes de Missão e suas esposas de todas as Missões da Igreja, em conjunto com todos os Representantes Regionais e presidentes de estaca. Recebemos instruções da Primeira Presidência, do Conselho dos Doze e outros. Fomos instruídos a *chamar* todo rapaz digno a cumprir missão. Recomendo a cada bispo da Igreja que examine cuidadosamente a lista de rapazes em idade de sair em missão, a fim de poderem chamá-los um por um. Não se esqueçam de nenhum deles!

Gostaria de compartilhar uma experiência com os irmãos. Quando eu servia como bispo há anos, um jovem excelente de nossa ala se apaixonou antes de ser chamado a cumprir missão. Ele dizia que pretendia casar-se e que não estaria disponível para prestar serviço missionário. Fiquei preocupado com a maneira de abordá-lo, pois como seu bispo sentia-me impelido a cuidar de que ele servisse nosso Pai nos céus como missionário. Convidando-o ao meu escritório, abordei-o de forma totalmente diferente do que jamais fizera com um missionário em perspectiva. Fui movido a dizer-lhe: "Doug, o Senhor quer que você cumpra missão." Doug

respondeu que não iria para a missão pois estava para casar-se. Pedi-lhe então que conversasse com a namorada e os pais, e que jejuassem e orassem. E que dentro de uma semana me informasse o que resolvera fazer quanto ao chamado para servir o Senhor.

Uma semana depois, Doug me comunicou com grande emoção: "Bispo, fizemos o que nos pediu. Não posso ignorar um chamado do Senhor. Eu *desejo* servir. O que devo fazer?"

Doug cumpriu o chamado missionário, chegando mesmo a ser conselheiro do presidente da Missão. Quando voltou, desposou sua bem-amada. Ela esperou por ele — não é sempre o caso e talvez nem sempre seja o melhor que esperem — mas no caso de Doug funcionou. Desde então já serviu como bispo e atualmente é primeiro conselheiro numa presidência de estaca. Sua missão foi um dos mais importantes períodos de instrução de sua vida.

Gostaria de pedir a todos os líderes do sacerdócio, particularmente aos pais, que ajudem a preparar seus filhos. Preparem-nos espiritual e temporalmente, para que pareçam e ajam como servos do Senhor.

Agora vocês, meus excelentes jovens do Sacerdócio Aarônico, lembrem-se: O Sacerdócio Aarônico é um sacerdócio preparatório. Vocês estão aprendendo. Esforcem-se. Preparem-se. O Senhor precisa de vocês. O mundo precisa de vocês. A Igreja precisa de vocês.

Um maravilhoso coro de missionários cantou ontem para nós:

*Somos hoje conclamados a servir e
pregar o bom Jesus.
Vamos a um mundo de pesares
para proclamar a luz...
Juntos, todos juntos, cantaremos
em união;
Prontos, sempre prontos,
entoamos a canção,
Todos cantaremos nosso hino
triumfal
Jovens de Sião, lutemos pela causa
celestial.
(Cante Comigo, B-85.)*

Que Deus abençoe todos vocês, jovens, para que desejem servir, é minha humilde oração, em nome de Jesus Cristo. Amém.

SPENCER W. KIMBALL: UM AUTÊNTICO DISCÍPULO DE CRISTO

Élder Marvin J. Ashton
do Quorum dos Doze Apóstolos

*"Por seu exemplo aprendemos a viver a vida cristã.
Dele aprendemos o que é perseverança."*



Toda vez que escuto a voz e as palavras do Presidente Spencer W. Kimball, confirma-se com grande impacto meu testemunho de que é realmente um profeta vivo. Presto-vos testemunho especial desta grande realidade e verdade logo de início. Por meio dele temos sido abençoados com contínua orientação e direção nos caminhos do Senhor. Por seu exemplo aprendemos a viver a vida cristã. Dele aprendemos o que é perseverança.

Dia após dia, provação após provação, o Presidente Kimball vem estabelecendo suas metas e prosseguindo avante e para cima, tornando-se um autêntico discípulo de Cristo.

Nós, membros da Igreja de Jesus Cristo, temos um profeta que nos mostra pelo seu viver cotidiano a fórmula do sucesso. Compartilhando convosco esta noite algumas experiências pessoais que tive com o Presidente Kimball, espero incentivar todos a

buscar na vida dele inspiração para estabelecer nossas metas.

Quando fui ordenado apóstolo, Spencer W. Kimball era presidente do Quorum dos Doze. Lembro-me de que me disse: 'Marvin, sou presidente interino dos Doze. Harold B. Lee é o presidente dos Doze. Enquanto ele servir como conselheiro na Primeira Presidência e for meu sênior, sou mero presidente interino.' Queria que eu compreendesse isso. Sempre cuidou de nunca assumir alguma função que não fosse legitimamente sua. Além de indicar seu respeito pelo Presidente Lee, estava-me ensinando. Ele tem aplicado sempre Mateus 23:12: "O que a si mesmo se humilhar será exaltado."

Após uma de nossas demoradas reuniões no templo, quando fazia pouco tempo que eu era membro dos Doze, o Presidente Kimball tomou-me pelo braço dizendo: "Quer esperar uns poucos minutos? Preciso conversar com você." É lógico que esperei. Quando ficamos a sós, ele disse: "Não quero que a Primeira Presidência ou os outros membros dos Doze saibam, mas não me sinto muito bem hoje. Quer fazer o favor de me dar uma bênção?"

Imediatamente me ocorreu: "Aqui estou eu, o menor e último a ser ordenado, e ele me pedindo uma bênção."

Eu estava muito nervoso; não me recordo de tudo que falei, porém jamais esquecerei a alegria que senti por ele me considerar digno de ajudá-lo. Estava pedindo ao membro mais recente que lhe desse uma bênção, quando poderia tê-la pedido a um da Primeira Presidência ou demais apóstolos.

Por que eu amo esse grande

homem? Na hora da necessidade demonstrou-me afeto e confiança. Ele aprendeu a arte de fazer com que as pessoas fiquem de bem consigo mesmas. Ele nos mostra seu amor com atos. "Todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal; e qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo." (Mateus 20:26-27.)

Vou contar outro incidente que prova que o Presidente Kimball se considera nosso ministro e servo.

Anos atrás, eu estava em meu escritório por volta das seis e meia da manhã quando meu telefone tocou. Menciono a hora para que saibais que eu tinha chegado cedo, alguns chegam um pouco mais tarde. Ao atender o telefone, reconheci aquela voz inconfundível dizendo: — Marvin?

— Sim, Presidente Kimball.

— Posso subir para vê-lo?

O escritório dele fica no primeiro andar e o meu no terceiro. (É o único sentido em que estou acima dele.) Minha resposta foi:

— Presidente, se quiser ver-me eu estarei aí num instante, — ao que ele replicou:

— Você faria isso?

Não demonstrou nenhum sinal de autoridade. Nada que indicasse "você-sabe-com-quem-está-falando" ou "é-bom-que-venha-logo." Apenas a pergunta cortês:

"Eu posso subir para vê-lo?", e quando respondi que desceria imediatamente, sua voz demonstrava gratidão ao dizer: "Você faria isso?"

Desci correndo para o escritório dele. Depois de nos cumprimentarmos, passou-me uma carta e perguntou: — Como você responderia a isto?

Depois de lê-la rapidamente, sugeri: — Presidente Kimball, talvez convenha... — e lhe expus minha opinião.

— Concordo, — disse ele. — Também penso assim.

Apertou-me a mão e voltei para meu escritório, pensando num profeta que pede conselho e não se coloca acima de ninguém.

Aprendi outra lição com o Presidente Kimball ao visitarmos juntos uma prisão.

Um dia, há alguns anos, ele me disse: — Marvin, gostaria de que me levasse a visitar a Penitenciária Estadual de Utah, — lembrando-se de que quando eu era o encarregado dos Serviços Sociais da Igreja, fora responsável pelos prisioneiros. Respondi-lhe:

— Presidente Kimball, não convém que vá a essa prisão. Estou preocupado com sua segurança. Ali estão confinados alguns homens que fariam qualquer coisa para atrair atenção embaraçando,

injuriando ou insultando o senhor. Não gostaria de que fosse.

Foi a única vez que achei não poder atender a um pedido seu. Ele aceitou minha recusa e não fomos.

Entretanto, passados uns dois meses, recebi um telefonema de D. Arthur Haycock, secretário pessoal do Presidente Kimball: "Élder Ashton, o Presidente Kimball quer que o acompanhe à Penitenciária Estadual de Utah." No dia seguinte lá fomos nós. Minha tática protelatória só funcionara algumas semanas.

Telefonei ao Diretor Morris e perguntei: "Poderíamos fazer-lhe uma visita? Queremos que ninguém saiba que vamos aí. Seria possível nos encontrarmos apenas em seu gabinete, sem visitar os pavilhões de segurança mínima, média ou máxima? Talvez o senhor pudesse convidar dois presos a virem conversar com o Presidente Kimball em seu gabinete. Mais tarde poderíamos dar uma volta pelos arredores e falar com outros." Ele gentilmente tomou as providências.

Deslocamo-nos para a instituição em que estão confinados uns mil presos. Logo dois deles chegaram ao gabinete do diretor. Impressionou-me a aparência desprezível deles, seus olhares duros, taciturnos. Depois



A Primeira Presidência assiste à conferência geral: da esquerda para a direita, Presidente Marion G. Romney, Primeiro Conselheiro; Presidente Spencer W. Kimball; Presidente Gordon B. Hinckley, Segundo Conselheiro; com Presidente Ezra Taft Benson, Presidente do Quorum dos Doze e outros membros do Quorum.



das apresentações e de os presos estarem sentados, quebrei o silêncio perguntando ao Presidente Kimball: — Gostaria de dizer algumas palavras a esses dois?

— Sim.

Os dois não tiravam os olhos do chão. O Presidente Kimball ficou esperando e quando finalmente um deles levantou um pouco a cabeça, fitou-o diretamente nos olhos.

Permiti-me interromper por um minuto para esclarecer a cena. Um dos homens havia sido condenado por assassinato e o outro por homicídio culposo. Aqui está um profeta. Ali dois criminosos empedernidos. O que dizer? O que fazer? Talvez: "Não está envergonhado? Que desperdício de vida estar num lugar como este." São coisas que talvez nos viessem à mente, vossa e minha.

Conforme disse, assim que o Presidente Kimball conseguiu captar a atenção de um deles, fitou-o com um olhar penetrante e pediu: "Fale-me de sua mãe."

Então o homem ergueu a cabeça e falou de sua mãe com os olhos marejados de lágrimas.

Quando ele se calou, o Presidente olhou para o outro, que agora era também todo atenção, e disse:

— Meu jovem, conte-me como seu pai ganha a vida.

— Não sei onde anda meu pai. Nunca tenho notícias dele, — respondeu o preso, e continuou falando francamente sobre sua família.

Não vou entrar em minúcias, mas que lição de aconselhamento, entrevista e bondade dada por um grande profeta. Naqueles quinze minutos aprendi mais sobre entrevistar que em qualquer outra ocasião de minha vida. Nenhuma condenação. Nenhum julgamento. Apenas demonstração de sincero interesse pela pessoa e suas condições.

Antes do fim da entrevista, não sei como a imprensa soube da presença ali do Presidente Kimball. Desejavam entrar no gabinete do diretor para uma entrevista e fotos. Lembro-me de que um dos presos pediu: — Sr. Kimball, poderia tirar uma foto com o senhor? — ao que o Presidente respondeu:

— Por que eu não fico entre vocês dois, e tiramos uma foto de nós três.

Não fiquei muito tranquilo vendo o Presidente Kimball entre aqueles dois homens naquele ambiente. Eu era o responsável por sua segurança. Tentara convencê-lo a não ir, mas ele é um discípulo de Cristo e se apegava às palavras de Deus: "Tive fome, e destes-me de comer... estive na prisão, e fostes-me ver." (Mateus 25:35-36.)

Tiradas as fotos, o Presidente Kimball encarou um preso e depois o outro, e disse: "Obrigado por terem tirado uma foto comigo." Haverá motivos para amá-lo? Ele ama a todos e nos ensina o verdadeiro sentido de Mateus 22:37-40:

"Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu

coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

"Este é o primeiro e grande mandamento.

"E o segundo semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

"Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas."

Uma vez por semana, depois que os Doze e a Primeira Presidência se reúnem no templo para cuidar dos negócios da Igreja, nós nos revezamos prestando contas de onde estivemos e o que foi feito quanto à divisão ou reorganização de estacas, visitas a Missões, comparecimento a Conferências regionais etc. Lembro-me de que certa semana, nós, os Doze, estivéramos praticamente em todos os cantos do mundo. Depois de ouvir o relatório de todos, ele apresentou o seu: "Passei o sábado e o domingo visitando os doentes e os confinados ao lar." E nós, que achávamos ter tido um fim-de-semana atarefado e produtivo, soubemos que mais uma vez um homem de Deus nos dera uma lição.

O profeta nos ensinou alguma coisa com suas preces? Os Doze e a Primeira Presidência oram juntos freqüentemente. Quando é a vez do Presidente Kimball proferi-la, ele geralmente inclui esta frase: "Abençoa nossos inimigos. Ajuda-nos a compreendê-los e que eles nos compreendam." Ele não pede vingança ou retaliação, apenas compreensão para que as divergências possam ser solucionadas. Talvez fosse possível resolver as divergências familiares e problemas de vizinhança se seguissemos o exemplo de nosso profeta e orássemos por paciência e perdão.

Certa vez, logo depois de tornar-se presidente da Igreja, disse ele: "Pensei que eu soubesse orar, mas é agora que estou aprendendo a orar de verdade." Um homem de Deus sabe que não consegue nada sozinho. Sabe que pode obter ajuda e orientação orando.

Conto estas experiências pessoais para ilustrar lições que aprendi de um discípulo de Cristo. Faço-o unicamente para incentivar a mim mesmo e a vós, particularmente os membros do Sacerdócio Aarônico, a escolhermos e incorporarmos em nossa vida os atributos que acabo de ilustrar. Devemos anotar nossas



Presidente Spencer W. Kimball confabula com Arthur Haycock, seu secretário particular, durante uma das sessões da conferência.



Presidente Spencer W. Kimball, ao centro, com o secretário D. Arthur Haycock, à esquerda. Atrás do Presidente Kimball está o Presidente Gordon B. Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência.



Presidente Gordon B. Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência.

AUTORIDADES GERAIS DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA



Presidente Marion G. Romney
Primeiro Conselheiro



Presidente Spencer W. Kimball



Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo Conselheiro

O QUORUM DOS DOZE



Ezra Taft Benson



Howard W. Hunter



Thomas S. Monson



Boyd K. Packer



Marvin J. Ashton



Bruce R. McConkie



L. Tom Perry



David B. Haight



James E. Faust



Neal A. Maxwell



Russell M. Nelson



Dallin H. Oaks

PRESIDÊNCIA DO PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA



J. Thomas Fyans



Carlos E. Asay



M. Russell Ballard



Dean L. Larsen



Richard G. Scott



Marion D. Hanks



W. Grant Bangerter

MEMBROS ADICIONAIS DO PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA



A. Theodore Tuttle



Franklin D. Richards



Theodore M. Burton



Paul H. Dunn



Hartman Rector, Jr.



Loren C. Dunn



Robert L. Simpson



Rex D. Pinegar



Adney Y. Komatsu



Joseph B. Wirthlin



Gene R. Cook



Charles Didier



William R. Bradford



George P. Lee



John H. Groberg



Jacob de Jager



Vaughn J. Featherstone



Royden G. Derrick



Robert E. Wells



James M. Paramore



Hugh W. Pinnock



F. Enzo Busche



Yoshihiko Kikuchi



Ronald E. Poelmen



Derek A. Cuthbert



Robert L. Backman



Rex C. Reeve, Sr.



F. Burton Howard



Ted E. Brewerton



Jack H. Goasland, Jr.



Angel Abrea



John K. Carmack



Russell C. Taylor



Robert B. Harbertson



Devere Harris



Spencer H. Osborn



Philip T. Sonntag



John Sonnenberg



F. Arthur Kay



Keith W. Wilcox



Victor L. Brown



H. Burke Peterson



J. Richard Clarke



Hans B. Ringger



Waldo P. Call



Helio R. Camargo

O BISPADO PRESIDENTE



Henry B. Eyring
Primeira Conselheiro



Robert D. Hales
Bispo Presidente



Glenn L. Pace
Segundo Conselheiro

Patriarca



Eldred G. Smith



Sterling W. Sill



Henry D. Taylor

AUTORIDADES GERAIS EMÉRITAS

Membros do Primeiro Quorum dos Setenta



Bernard P. Brockbank



James A. Cullimore



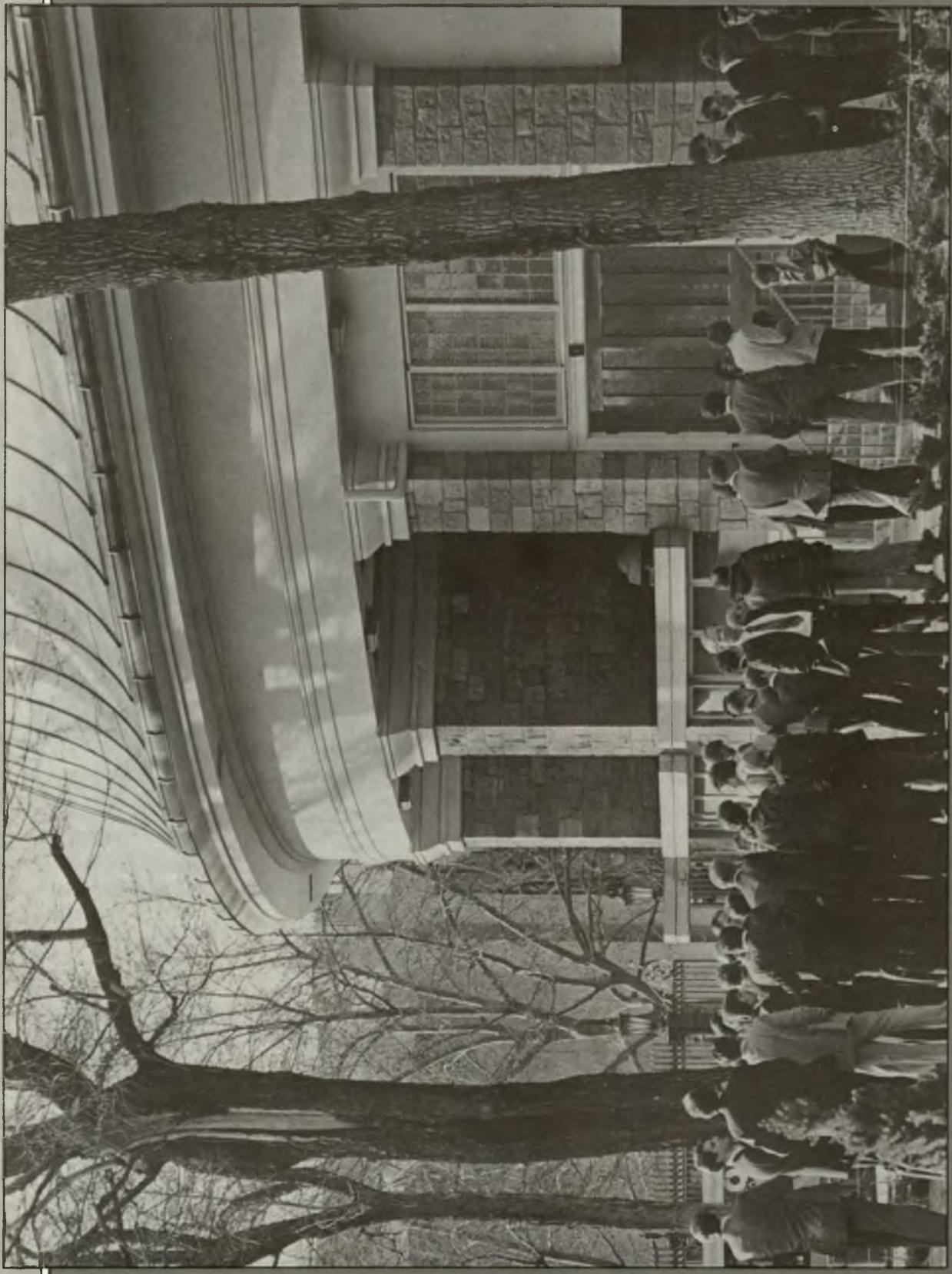
Joseph Anderson



John H. Vandenberg



O. Leslie Stone



metas e depois nos empenharmos nelas consistentemente, até que pouco a pouco se tornem parte de nós.

Este nosso amado profeta quase não nos fala mais. Já nos deu mais conselhos e orientação do que muitos de nós estamos seguindo. Tantas vezes somos lembrados do lema em sua mesa de trabalho:

“Faça-o.” Não obstante, será que estamos fazendo tudo que podemos para levar uma vida produtiva, espiritual, tendo o amor a Deus e ao próximo como ponto focal de nossos planos e ações? Será que aprendemos o poder e a necessidade do amor incondicional? Ele demonstra amor até mesmo aos inimigos, e muitos se convertem em amigos. Ele não tem tempo para inveja, ódio, ridículo ou maledicência. E nós?

Há poucas semanas, este grande mestre deu-me motivo para tentar com mais empenho ainda seguir seu exemplo. Todas as quintas-feiras pela manhã, terminada a reunião de duas horas dos Doze, a Primeira Presidência se junta a nós para tratarmos dos assuntos de responsabilidade comum. Quando o Presidente Kimball entra na sala do quarto andar do templo, nós vamos cumprimentá-lo um por um.

Já desgastado e cansado por longos anos de serviço, o Presidente Kimball atualmente tem dificuldade de enxergar, ouvir e falar. Por isso, quando chegou a minha vez, eu disse: “Presidente Kimball, sou Marvin Ashton.” Ele segurou minha mão, fez uma pausa e falou mansamente: “Marv Ashton, eu amo você.” Foi tudo que me disse. Do que mais precisaria? Agora posso sair pelo mundo e cumprir melhor minhas designações, sabendo que o Presidente Kimball confia em mim e me ama.

Quando me indagam: “O que diz o Presidente Kimball quando está com você e os outros no templo?”, eu digo: “Isto não importa. O importante é a presença dele. A despeito de suas dores, mal-estar e seu corpo gasto, cansado ele está lá. Dele aprendemos o que é realmente suportar e persistir.”

A seção cinquenta de Doutrina & Convênios nos dá, creio eu, uma descrição exata do Presidente Spencer W. Kimball: “Aquele que é ordenado por Deus e enviado, é designado para ser o maior, não



obstante ele é o menor e o servo de todos.” (D&C 50:26.)

Atualmente um grande conselheiro senta-se ao lado deste maravilhoso profeta, ao qual o Presidente Kimball delegou muita responsabilidade. Com sabedoria e discernimento, o Presidente Gordon B. Hinckley carrega o enorme fardo de cuidar das numerosas tarefas que precisam ser feitas. Semana após semana o Presidente Hinckley senta-se ao lado do Presidente Kimball no templo mostrando-lhe deferência, respeitando seus desejos, arcando com as responsabilidades cotidianas da Primeira Presidência, jamais assumindo autoridade ou se intrometendo. Existe um poderoso vínculo entre o Presidente Kimball, Presidente Romney e

Presidente Hinckley. Servindo juntos, eles nos ensinam o que significa união e ser um homem de Deus.

Deixo-vos o testemunho de que o Presidente Spencer W. Kimball é um profeta, preservado neste dia para propósitos e ocasiões como esta. Podemos refletir, ponderar e ser gratos ao Senhor pelo prolongado período em que gozamos de sua influência. Sua vida nos motiva a estabelecer metas e fazer planos para nos tornarmos discípulos de Cristo iguais a ele. Que Deus nos ajude, como portadores do sacerdócio, a seguir seu exemplo, acatar seu inestimável conselho e compartilhar sua sabedoria e amor em nosso lar, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

ESTABELECER METAS E PROGREDIR

Presidente Spencer W. Kimball

Apresentação do videotape destacando resumos dos discursos proferidos pelo Presidente Kimball, na sessão do sacerdócio de conferências gerais passadas.



Estou feliz por estar aqui convosco, hoje, nesta reunião do sacerdócio. É particularmente delicioso ver pais e filhos chegando cedo para a reunião do sacerdócio de sábado à noite — muitos com antecedência de uma ou duas horas, a fim de assegurarem um bom lugar, e milhares mais, pais e filhos, apressando-se em chegar ao Tabernáculo e aos inúmeros edifícios de estaca e ala por todo o país. Isto é um agradável prolongamento da vida familiar que tanto exaltamos e amamos, e que o mundo está começando a reconhecer como o modelo familiar básico — pais e filhos, juntos.

Estamos gratos por vossa presença, e grande é o nosso apreço e sincera nossa afeição por vós. ("Planos Para Uma Vida Plena e Abundante", *A Liahona*, setembro de 1974, p. 34.)

Estamos preocupados, irmãos, com a necessidade de provermos continuamente oportunidades significativas aos nossos jovens, para que ampliem a alma

prestando serviços. Os jovens geralmente não se tornam inativos na Igreja por lhe terem dado coisas significativas demais para fazer. Nenhum moço que realmente viu por si mesmo como o evangelho funciona na vida das pessoas, se afastará de seus deveres no reino, deixando-os por fazer.

É muito aconselhável que a juventude do Sacerdócio Aarônico, bem como os homens do Sacerdócio de Melquisedeque, estabeleça, sem alarde mas com determinação, algumas sérias metas pessoais de aperfeiçoamento, escolhendo determinadas coisas que farão dentro de determinado período de tempo. Ainda que os portadores do sacerdócio do Pai Celestial estejam no rumo certo, se forem homens sem ímpeto, pouca influência exercerão. Vós sois o levedo do qual depende o mundo; tendes que usar vosso poder para deter o mundo que anda à deriva, sem rumo.

Esperamos que ajudeis as moças e os moços a compreenderem, mais cedo ainda do que fazem agora, que certas decisões precisam ser tomadas uma única vez. Já mencionei deste púlpito antes algumas decisões que tomei cedo na vida e que me foram de grande ajuda, por não ser obrigado a retomá-las seguidamente. Podemos afastar certas coisas de nós de uma vez por todas! Podemos tomar uma só decisão a respeito de certas coisas que incorporaremos a nossa vida, tornando-a nossa — sem ter que remoer e decidir centenas de vezes o que vamos ou não vamos fazer. ("Os Rapazes Precisam de Heróis Junto de Si", *A Liahona*, agosto de 1976, p. 39.)

Vou contar-vos sobre uma de minhas metas, quando ainda era

garoto. Ouvindo um líder da Igreja vindo da Cidade do Lago Salgado dizer na conferência que deveríamos ler as escrituras, dei-me conta de que nunca havia lido a Bíblia; naquela mesma noite, ao final do discurso, fui para casa a um quarto de distância, subi para a minha pequena mansarda perto do telhado, acendi um lampião de querosene que estava sobre a mesinha, e li os primeiros capítulos de Gênesis. Um ano mais tarde, fechei a Bíblia, depois de haver lido cada capítulo desse grande e glorioso livro.

Descobri que a tal Bíblia que estava lendo tinha sessenta e seis livros, e quando vi que eram ao todo mil cento e oitenta e nove capítulos e mil e quinhentas e dezenove páginas, quase desisti. Era formidável, mas sabia que, se outros o conseguiram, eu podia fazê-lo também.

Descobri que havia certas partes duras de serem entendidas por um garoto de quatorze anos. Havia páginas não muito interessantes para mim, mas quando terminei de ler os sessenta e seis livros, mil cento e oitenta e nove capítulos, e mil e quinhentas e dezenove páginas, tive a gloriosa satisfação de haver estabelecido e atingido uma meta.

Não vos conto este caso para me gloriar; desejo usá-lo simplesmente como exemplo, para mostrar que, se eu consegui fazê-lo à luz de um lampião de querosene, vós podeis fazer o mesmo com luz elétrica. Sempre me alegrei de haver lido a Bíblia de capa a capa.

E lembro-me de que, sem ser pressionado por quem quer que seja, eu resolvi, enquanto ainda menino, que nunca quebraria a Palavra de Sabedoria. Eu sabia onde estava escrito e também em termos gerais o que o Senhor dissera; e eu sabia que, desde que o Senhor falara, era do seu agrado que os homens se abstivessem de todas aquelas substâncias nocivas, e o que eu desejava era agradecer ao Pai Celestial. E tomei a firme decisão de que jamais tocaria naquelas coisas perniciosas. Tendo-me decidido total e inequivocamente, não encontrei muita dificuldade para manter a promessa feita a mim mesmo e ao Pai Celestial.

Para assegurar que vossa vida seja plena e abundante, tendes que planejá-la. O que planejadestes agora

que sois diáconos, pode assegurar-vos uma vida abundante. Já estais economizando dinheiro para a missão?

Talvez ainda não escolhestes a ocupação ou profissão ou futuro trabalho, porém são muitas as generalidades que já podeis estabelecer, mesmo sem saber se sereis um advogado ou médico, ou professor ou engenheiro. Há decisões que já devíeis ter tomado ou estar tomando. O que ides fazer nos anos antes do casamento? E que pretendeis fazer a respeito do casamento?

Vós podeis decidir agora que quereis ser o mais fiel dos diáconos ou mestre ou sacerdote. Podeis decidí-lo agora com um convênio irrevogável. Podeis ser um bom aluno, usar vosso tempo adequada e eficientemente. Se fizerdes bom uso do tempo, podereis ser felizes para o resto da vida.

Podeis resolver já, agora, que haveis de cumprir uma missão honrosa quando chegar a época, e para tal fim começar agora a ganhar dinheiro, economizá-lo e investí-lo; que haveis de estudar, servir e aproveitar toda e qualquer oportunidade para preparar devidamente a alma, o coração e o intelecto para esse glorioso período da vida. ("Planos Para Uma Vida Plena e Abundante", *A Liahona*, setembro de 1974, p. 34.)

E uma vez que agora vocês estabelecerão o objetivo de cumprir uma missão, lembrem-se de que custa dinheiro ir às várias partes do mundo e pregar o evangelho. Recordem-se de que é privilégio de vocês agora comecem a economizar dinheiro.

Toda vez que vier dinheiro às mãos de vocês, seja por presente ou por trabalho, separem pelo menos uma parte em uma conta de poupança para ser usado na missão. Todo rapaz gostaria de ser independente e fornecer os fundos para a sua própria missão, em lugar de pedir aos pais que o façam. Todo rapaz em todos os países do mundo, que haja sido batizado, haja recebido o Espírito Santo, terá a responsabilidade de levar a mensagem do evangelho ao povo do mundo. Esta é igualmente a oportunidade de vocês, e contribuirá muito para o engrandecimento de cada um. ("Os Davis e os Golias", *A Liahona*, março de 1975, p. 32.)

Muitas vezes surge a pergunta: O programa missionário é compulsório? A resposta, obviamente, é não. Todos têm o livre-arbítrio... da mesma forma como deveria pagar o dízimo, frequentar as reuniões, manter a vida limpa e isenta da fealdade do mundo e planejar um casamento para a eternidade no templo do Senhor. ("Planos Para Uma Vida Plena e Abundante", *A Liahona*, setembro de 1974, p. 34.)

Eu lhes recorde, rapazes, que, a despeito da pouca idade atual, vocês estão edificando sua vida; ela será vulgar e de baixa qualidade, ou valiosa e bela; será cheia de atividades construtivas, ou poderá ser destrutiva; poderá ser plena de alegria e felicidade, ou cheia de

miséria. Tudo depende de vocês e de suas atitudes, porque a altitude, ou a altura a que vocês atingirão, depende de sua atitude ou de sua reação às situações. ("Os Davis e os Golias", *A Liahona*, março de 1975, p. 32.)

E vocês, meus magníficos jovens, não devem ser apenas medíocres. Sua vida deve ser limpa e livre de todo tipo de maus pensamentos ou atos: nem mentiras, nem roubo, nem ira, nem infidelidade, nem insucesso em fazer o que é certo, nem pecados sexuais de qualquer espécie, em tempo algum.

Vocês sabem o que é certo e o que é errado. Vocês todos receberam o Espírito Santo logo após o batismo. Vocês não



Presidente Ezra Taft Benson, do Quorum dos Doze.

precisam de que ninguém julgue se o ato ou o pensamento é certo ou errado. Vocês sabem pelo Espírito. Vocês estão pintando seu próprio retrato, esculpindo sua própria estátua. Depende de vocês torná-los aceitáveis.

Que Deus os abençoe, queridos rapazes. Eu sei que o Pai Celestial é verdadeiro amigo de vocês. Tudo o que ele lhes pede que façam é justo e lhes trará bênçãos, e os tornará másculos e fortes. (“Os Davis e os Golias”, *A Liahona*, março de 1975, p. 32.)

Os jovens da Igreja deveriam compreender que não precisam ser homens maduros, experimentados para receberem as bênçãos da Igreja. Joseph Smith tinha apenas quatorze anos, quando teve a Visão, dezoito quando conheceu Morôni, vinte e quatro quando lhe foram confiadas as placas, vinte e cinco quando organizou a Igreja e trinta e nove ao ser martirizado.

Thomas B. Marsh tinha trinta e um anos e David W. Patten trinta, na época em que se tornaram apóstolos. Eram homens jovens, por assim dizer.

Brigham Young tinha vinte e oito; Heber C. Kimball, vinte e oito; Orson Hyde apenas vinte e cinco; William E. McLellin, vinte e quatro; Parley P. Pratt vinte e três; Luke Johnson, vinte e dois; William Smith, dezoito; Orson Pratt, dezoito; John F. Boynton, dezoito; e Lyman E. Johnson, dezoito, quando a Igreja foi organizada a 6 de abril de 1830. E estes homens, muitos deles, eram do apostolado em 1835, quando foi organizado o Conselho dos Doze. Todos eram ainda moços quando foram privados de Joseph Smith.

Eles eram capazes de inspirar os jovens. Tornaram-se grandes missionários. Vós, rapazes, não precisais esperar para ser grandes. Podeis ser missionários excelentes, moços fortes, ótimos companheiros, líderes felizes e dignos de confiança. Não precisareis esperar até amanhã.

Que o Senhor vos abençoe ao crescerdes ano após ano, para receber a inspiração do Senhor, a fim de serdes capazes de passar adiante as gloriosas bênçãos do evangelho.

E isto, meus caros, amados irmãos, eu oro em nome de Jesus Cristo, Amém. (“Os Rapazes Precisam de Heróis Junto de Si”, *A Liahona*, agosto de 1976, p. 39.)

“AGRADAR AO PAI CELESTIAL”

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

“Quero lembrar aos rapazes e aos homens ao alcance de minha voz, as palavras do Presidente Kimball: ‘Tentarei fazer o que agradará ao Pai Celestial.’”



Meus irmãos, oro pela inspiração do Santo Espírito. É quase que supérfluo falar depois do que ouvimos. Esta foi uma reunião maravilhosa, que se iniciou com o coro cantando a sublime súplica de Parley P. Pratt: “Vem, Ó Rei dos Reis”, seguida da bela oração do Bispo Robert L. Simpson.

As palavras do Presidente Benson nos tocaram a todos. Penso que todos nós tenderemos a ser um pouco mais obedientes depois do que ele disse.

Estou certo de que os comentários de Peter Vidmar interessaram bastante a vocês, rapazes. Que maravilhoso ser o melhor de todos no mundo inteiro em alguma coisa. É um feito notável conquistar duas medalhas de ouro e uma de prata nas Olimpíadas. Peter deixou de ganhar a terceira medalha de ouro por apenas vinte e cinco milésimos de ponto. Isto significa que ele é muito bom e também que a diferença entre o primeiro e o segundo pode ser ínfima, conforme

explicou.

Peter pesa só cinquenta e oito quilos e meio, e tem vinte e três anos. Começou a dedicar-se à ginástica aos onze. Decidido a competir nos Jogos Olímpicos, durante onze anos preparou-se para esse grande confronto internacional. Ele nasceu na Igreja e casou no templo; é membro da Ala UCLA da Estaca Los Angeles Califórnia. Serviu na missão de estaca. É um exemplo para todos os jovens em sua maneira de viver, falar e agir. Obrigado, Peter, por estar conosco nesta noite e pelo que falou.

Gostaria de que tivéssemos mais tempo para escutar o Irmão Ballard, que dirige o Departamento Missionário da Igreja. Espero que tenha despertado em cada rapaz um desejo maior de cumprir missão. Ele é um formidável exemplo de servo capaz e pressuroso. Quando lhe pedimos que fosse à Etiópia observar a situação com os próprios olhos, em companhia do Irmão Pace, respondeu prontamente: — Quando devo partir? — ao que sugeri: — O que acha de amanhã?.

Então ele disse: — Vou já tomar uma vacina contra febre amarela e estarei pronto.

Não fez nenhuma pergunta; não houve nenhuma demora. Amanhã falarei um pouco mais a respeito do que ele e o Irmão Pace lá encontraram.

Ficamos edificados pelo maravilhoso tributo que o Elder Ashton prestou ao Presidente Kimball. Espero que todos nós guardemos na memória o que ele falou e o tenhamos por diretriz.

E agora, que experiência inspiradora e deleitosa ouvir novamente nosso amado líder, Presidente Kimball, como ele

falava nos dias de sua grande vitalidade. Suas palavras voltaram a despertar em nós a resolução de alongar os passos e acelerar o ritmo na imensa responsabilidade de levar o evangelho ao mundo enquanto fortalecemos os membros onde quer que haja fraqueza. É fácil perceber por que o Presidente Kimball é tão querido por todos. Ele tem sido antes um líder que comandante, e penso que há distinção entre os dois. Ele próprio vem fazendo o que pede aos outros que façam, e isto com grande devoção e energia.

Gostaria de usar como tema por poucos minutos algumas palavras dele que ouvistes hoje. Certamente vos lembrais de que, ao falar de sua vida de menino, ele disse que tomou a decisão de querer agradar ao Pai Celestial. Eis uma declaração muito simples. Qualquer pessoa pode fazer declaração semelhante, mas que enorme efeito essa decisão teve em sua vida. E que enorme efeito uma decisão semelhante terá sobre a vida de cada um de nós, isto é, viver de forma a agradar ao Pai Celestial.

Fosse esta a medida pela qual pautamos tudo que fazemos, que grande diferença não faria. Ponderai o que significaria em vossa própria vida. Se toda vez que planejásemos um programa, toda

vez que participássemos de uma atividade, toda vez que traçássemos um rumo para a vida, nos perguntássemos: "Agradará ao Pai Celestial?", seríamos poupados de tanta dor e remorso, e teríamos tanto sucesso e progresso que seria maravilhoso.

Pensai no que essa decisão, tomada quando menino, fez por Spencer Kimball. Ela fez dele um homem íntegro nos negócios de sua comunidade. Fez dele um moço com ambição de preparar-se para o futuro. Fez dele um rapaz virtuoso, um marido e pai dotado de amor e compaixão, um servo em quem o Senhor não via dolo, um profeta para o povo.

"Eu queria fazer o que agradaria ao Pai Celestial," explicou. Não existe nada de grandioso ou heróico nessa declaração. É uma simples expressão de atitude: "Como (o homem) imaginou na sua alma, assim (ele) é." (Provérbios 23:7.)

Desejaria poder gravar a fogo na consciência de todo homem e todo rapaz que me ouve, as palavras dessa resolução do Presidente Kimball quando menino.

O que nosso Pai gostaria de que fizésseis para agradá-lo? Primeiro, vocês, rapazes. Gostaria de que vivessem honestamente, isto é, sem trapacear na escola. Nenhum rapaz disposto a agradar ao Pai

Celestial deixará de aproveitar toda as oportunidades de instruir-se. Pela revelação moderna, o Senhor nos impôs a responsabilidade de buscar conhecimento "pelo estudo e também pela fé". (D&C 88:118.) O Senhor espera que todos levemos uma vida produtiva e útil. A juventude é o tempo de preparar-se e se quisermos agradá-lo, nos esforçaremos em treinar nosso intelecto e nossas mãos, a fim de podermos contribuir mais substancialmente para a sociedade da qual somos parte.

Nenhum rapaz disposto a agradar ao Pai Celestial há-de menosprezar ou degradar uma filha de nosso Pai com imoralidades. Sabe que degradar ou desonrar uma jovem é insultar seu Pai Celeste que a ama e almeja coisas grandes e boas para ela.

Todo jovem que procura agradar ao Pai Celestial estará disposto e ansioso de dar o "dízimo" de sua vida aos dezoito ou vinte anos, indo pregar o evangelho ao mundo. Ele economiza para isso; programa sua vida em torno disso; mantém-se física, mental e moralmente em forma, bem como espiritualmente forte, a fim de estar preparado para esse grande e sagrado encargo.

No campo missionário, ocupar-se-á zelosamente na obra do Senhor (ver D&C 58:27), sempre disposto a dar liberalmente de seu



Presidente Kimball une-se à congregação cantando.



tempo, talentos, energias e meios em favor do próximo. Cuidará de não desperdiçar o tempo ou prejudicar sua eficiência dedicando-se a atividades não condizentes, em qualquer sentido, com seu grande e sagrado chamado.

Depois de cumprir uma missão honrosa, voltará para casa desejoso de completar sua instrução e encontrar uma companheira para amar e tratar com carinho por toda eternidade. Procurando agradar ao Pai Celestial, cuidará de que o namoro seja imaculado. Procurando mais uma vez agradar ao Pai Celestial, se casará honrosamente como o Senhor determinou àqueles que o amam e almejam as supremas bênçãos, isto é, na sua santa casa, pela autoridade do sacerdócio eterno.

Como marido, respeitará a esposa, tratando-a de igual para igual, jamais a menosprezando ou humilhando, mas incentivando-a no desenvolvimento contínuo de seus talentos e atividades da Igreja a ela destinadas. Considerá-la-á como seu maior tesouro desta vida, alguém com quem pode compartilhar as preocupações, os pensamentos mais íntimos, as ambições e esperanças. Em seu lar não haverá jamais "injusto domínio" do marido sobre a esposa (ver D&C 121:37,39), nenhuma pretensão de superioridade ou reivindicação de autoridade, antes

uma demonstração de que os dois cumprem seu papel em pé de igualdade.

Nenhum homem que deixa de respeitar as filhas de Deus consegue agradar ao Pai Celestial. Nenhum homem que deixa de magnificar a esposa e companheira, e acalentá-la, edificá-la, fortalecê-la e dar-se a ela, consegue agradar ao Pai Celestial.

Tem sido maravilhoso observar o relacionamento do Presidente e Irmã Kimball. Ela é uma mulher instruída, que costuma ler muito, uma mulher que constantemente aprimora seus talentos, que ama o Senhor e serve em seu reino; uma mulher que apóia e sustém, ama e incentiva o marido e os filhos. E ele, durante toda a vida matrimonial, a tem incentivado e apoiado, confiado nela, compartilhando com ela as alegrias e tristezas, nas épocas boas e más, na doença e na saúde. Eles têm trabalhado juntos, orado juntos, chorado juntos, andando lado a lado num relacionamento que serve de exemplo para toda a Igreja. Ele nunca perdeu de vista aquela decisão de menino de fazer o que agrada ao Pai Celestial.

Maltratar a esposa é totalmente inconsistente com o Evangelho de Jesus Cristo. Maltratar um filho é uma afronta ao Pai Celestial. Conforme o Presidente Harold B. Lee costumava lembrar-nos, a

maior obra que qualquer um de nós poderá realizar será entre as paredes do próprio lar. O pai que deseja agradar ao Pai Celeste, governará a família com amor e pelo exemplo.

Parece estar-se alastrando pelo mundo a praga de maltratar crianças. Talvez sempre existisse, mas sem despertar a atenção que atualmente recebe. Estou contente de que o clamor público contra esse terrível mal esteja aumentando, que infelizmente existe demais entre nós também. Pais, não podeis maltratar vossos pequeninos sem ofender a Deus. Qualquer homem envolvido em relação incestuosa é indigno de portar o sacerdócio, indigno de ser membro da Igreja, devendo ser tratado de acordo. Qualquer homem que espanca ou maltrata os filhos de outra maneira, terá de prestar contas ao grande juiz de todos nós. Se entre os que me ouvem houver alguém culpado disso, que se arrependa imediatamente, repare o que for possível, desenvolva em si a disciplina capaz de evitar esses males, rogue perdão ao Senhor e decida no coração a daqui por diante andar de mãos limpas.

Quão belo é o lar em que vive um homem de bem, que ama aqueles por quem é responsável, que lhes serve como exemplo de integridade e bondade, que ensina operosidade e lealdade, não

estragando os filhos fazendo-lhes todas as vontades, mas ensinando-lhes o gosto de trabalhar e servir, o que lhe será um alicerce para toda a vida. Quão feliz o homem cuja esposa irradia um espírito de amor, compaixão, ordem, silente bondade, cujos filhos se apreciam mutuamente, honram e respeitam pai e mãe, aconselham-se com eles e deles aceitam conselhos. Uma vida familiar assim está ao alcance de todos os que acalentam o desejo de fazer o que agrada ao Pai Celeste.

O mesmo se aplica à vida comunitária. Os que amam o Senhor, procurarão fazer tudo que incentive e promova os padrões da comunidade, o que criará e conservará um ambiente de cultura, progresso e convivência pacífica. Jamais nos esqueçamos de que somos filhos e filhas de Deus, e que, se quisermos agradar ao Pai, precisamos empenhar-nos em edificar e fortalecer seus filhos e as comunidades em que todos vivemos juntos.

Aquele que procura agradar ao Pai Celestial cuidará das necessidades de seu reino. Esta Igreja é parte do seu divino plano, é o reino de Deus na terra. Sua obra é importante, é necessária para a realização dos propósitos eternos de nosso Pai. Para que agrademos ao Pai, precisamos ser sensíveis às necessidades do seu reino. Precisamos estar dispostos a trabalhar sempre que formos chamados e a desenvolver nossos talentos para que o trabalho seja mais eficaz em atingir os não-membros da Igreja, ou que dela se afastaram. Precisamos ser diligentes em levar avante a grande obra de salvação dos mortos, e dar de nossas forças, talentos e meios para a promoção e fortalecimento da Igreja em outros aspectos. Isto talvez exija sacrifício, sim, mas todo sacrifício é acompanhado de uma bênção.

Nestes últimos dois ou três meses tive o privilégio de entrevistar e chamar cinquenta e oito irmãos para servirem como presidentes de Missão. Que experiência gratificante e inspiradora. Todos eles são homens de substancial responsabilidade empresarial ou profissional, com muitos problemas e interesses exigindo atenção. Mas em todos os casos, sem exceção, a resposta foi: "Se eu



puder ajudar na obra do Senhor, eu o farei. Se o Senhor me chama, estou pronto para partir." Depois de algumas dessas entrevistas, vieram-me lágrimas aos olhos quando pensei nos muitos membros de grande fé que, ao serem chamados pela Igreja, estão prontos a deixar de lado qualquer outro interesse pelo desejo de agradar ao Pai Celestial.

O mais extraordinário e maravilhoso é que, desistindo de tanta coisa para ir, quando voltam para casa ganham muito mais, o que é único e maravilhoso, conforme todos podem testificar. Todos retornam afirmando que não existe experiência que se compare, e que não a trocariam por nada nesta terra. O mesmo acontece com qualquer serviço que

prestamos por amor ao Pai. Repito, são muito simples as palavras que ouvimos do Presidente Kimball esta noite, ditas por ele quando ainda menino. Mas quanto poder elas têm para nos induzir a um desempenho melhor e mais divino.

Quero repeti-las aos rapazes e aos homens ao alcance de minha voz: "Tentarei fazer o que agradará ao Pai Celestial." Não hesito em prometer que se assim fizermos, nossa vida será mais rica, mais satisfatória e terá mais propósito. Nosso lar será mais feliz e um dia, na vida vindoura, ouviremos daquele a quem servimos: "Bem está, servo bom e fiel... entra no gozo do teu Senhor." (Mateus 25:21.) Por isto oro humildemente em favor de cada um de nós, em nome de Jesus Cristo. Amém.

A VITÓRIA SOBRE A MORTE

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

“Nesta manhã de Páscoa, quando nos lembramos daquele que deu a vida por nós, resolvamos andar em obediência aos seus ensinamentos e agir com misericórdia” no relacionamento com o próximo.”



Alguns dias antes do último Natal, houve uma terrível tragédia em uma das grandes minas de carvão na região central de Utah. Vinte e sete mineiros perderam a vida quando o fogo tomou conta das longas galerias subterrâneas e poços. Muitos deles eram jovens, casados e com filhos pequenos. O coração de milhares de pessoas, em todo o mundo, afligiu-se com o sofrimento dos familiares enlutados.

Fiquei conhecendo muitos deles. Falei com muitos deles. Uni-me a eles no serviço fúnebre. É claro que houve lágrimas, muitos choraram. Havia um sentimento opressivo de solidão quando as viúvas com filhos para alimentar, vestir e educar, pensavam no futuro sombrio. Nossas lágrimas se uniram às deles. Mas em meio a tudo isso reluzia a fé transcendente de que, tão certo como houve

morte física, haverá uma vida imortal; e tão certo como houve separação, haverá uma reunião. Esta é a fé que promana de Cristo, o qual trouxe a todos a promessa de imortalidade.

Queridos irmãos e irmãs, que dia glorioso é a Páscoa! Neste dia nós, com os cristãos de todo o mundo, celebramos o evento mais significativo da história da humanidade: A ressurreição do túmulo, o retorno da morte à vida do Filho de Deus. Dentre todos os aspectos da mortalidade, nenhum é mais certo que seu fim. Quão trágica e pungente é a tristeza daqueles que ficam. A viúva angustiada, a criança órfã, o pai desolado e só, todos eles conhecem a dor da separação.

Mas, agradeçamos a Deus a maravilha e majestade de seu plano eterno. Agradeçamos e glorifiquemos seu Filho Amado, que, com sofrimento indescritível deu a vida na cruz do Calvário em resgate da dívida do pecado mortal. Foi ele quem, através do sacrifício expiatório, quebrou as cadeias da morte e pelo poder divino saiu triunfante do túmulo. Ele é nosso Redentor, o Redentor de toda a humanidade. Ele é o Salvador do mundo, o Filho de Deus, o Autor da Salvação.

“Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” (Jó 14:14.) Esta é a grande questão universal formulada por Jó. Ele expressou o que todos os outros homens e mulheres vivos ponderaram. Somente Cristo, dentre os milhões que até então haviam pisado a face da terra, foi o primeiro a emergir triunfante da

tumba, alma vivente completa em espírito e corpo, tornando-se “as primícias dos que dormem” — (I Cor. 15:20.) Quem já ouviu palavras mais importantes que as proferidas pelo anjo naquela primeira ressurreição: “Por que buscais o vivente entre os mortos?” (Lucas 24:5.) “Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito.” (Mateus 28:6.)

Sua morte selou o testemunho de seu amor a toda a humanidade. A ressurreição abriu as portas da salvação aos filhos e filhas de Deus de todas as gerações.

Em toda a história não encontramos majestade igual à sua majestade. Ele, o poderoso Jeová, condescendeu em nascer na vida mortal num estábulo de Belém. Foi um menino em Nazaré, e “crescia em sabedoria e em estatura, e em graça para com Deus e os homens”. (Lucas 2:52.)

Ele foi batizado por João nas águas do Jordão, “e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele;

E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.” (Mateus 3:16-17.)

Durante os três anos de ministério terreno, ele fez o que nenhum outro fizera antes; ensinou como ninguém havia ensinado antes.

Chegou então a hora de ser oferecido. Houve a ceia no cenáculo, a última com os Doze, na mortalidade. Lavando os pés deles, deu-lhes uma lição de humildade e serviço que jamais esqueceriam. Seguiu-se o sofrimento no Getsêmani, “sofrimento que me fez”, disse ele, “mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente”. (D&C 19:18.)

Ele foi levado por mãos impiedosas e cruéis, e de noite, contrário à lei, levado perante Caifás, o astuto e perverso sumo sacerdote do Sinédrio. Seguiu-se, na manhã seguinte, o segundo comparecimento diante desse homem ardiloso e perverso. Depois foi levado a Pilatos, o governador romano que fora advertido pela esposa: “Não entres na questão desse justo.” (Mateus 27:19.)

O romano, tentando fugir à responsabilidade, enviou-o a



Herodes, o corrupto, depravado e perverso tetrarca da Judéia. Cristo foi humilhado e flagelado. Sua cabeça foi coroada com espinhos afiados e jogaram-lhe uma capa escarlate sobre as costas ensangüentadas. E foi levado novamente a Pilatos, com a multidão gritando: "Crucifica-o, crucifica-o."

Com passos trópegos percorreu o caminho para o Gólgota, onde seu corpo ferido foi pregado na cruz, execução a mais dolorosa e desumana que mentes sádicas poderiam imaginar.

E lá, murmurando, disse: "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34.)

As horas passavam enquanto sua vida se esvaía em dor. A terra tremeu, rompeu-se o véu do templo. De seus lábios crestados ouviram-se as palavras: "Pai, em tuas mãos entrego meu espírito: e havendo dito isso, expirou." (Lucas 23:46.)

Estava consumado. Sua vida mortal terminara. Ele a ofereceu como resgate por todos.

Perdidas estavam as esperanças daqueles que o amavam; esquecidas as promessas que ele fizera. Seu corpo foi colocado com

pressa e cuidado num sepulcro emprestado na véspera do sábado judaico. O sábado chegou e foi-se. Então, na madrugada de domingo, Maria Madalena e outras mulheres foram ao sepulcro, imaginando como conseguiriam remover a pedra da entrada. Ao chegarem viram um anjo que lhes disse: "Sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui porque já ressuscitou, como havia dito." (Mateus 28:5-6.)

Isto nunca acontecera antes. A tumba vazia foi a resposta à pergunta de todas as épocas. Bem disse Paulo: "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?" (I Coríntios 15:55.)

O milagre daquela manhã da ressurreição, aquele primeiro domingo de Páscoa, é um milagre para toda a humanidade. É o milagre do poder de Deus, cujo Filho Amado deu a própria vida para expiar os pecados de todos, um sacrifício de amor a todos os filhos de Deus. E com isso quebrou as cadeias da morte.

Todos nós morreremos. Mas isto não será o fim. Assim como ele próprio pregou a todos os espíritos que estavam em prisão, que foram

desobedientes nos dias de Noé e podiam ser ensinados, do mesmo modo nós continuaremos a ser uma personalidade individual capaz de aprender e ensinar e participar de outras atividades.

E assim como ele retomou seu corpo e se levantou do sepulcro, assim também acontecerá conosco, uma reunião do corpo e do espírito, tornando-nos almas viventes no dia da ressurreição.

Por isso nos regozijamos como muitos outros e como deveria fazer toda a humanidade, quando nos lembramos do mais glorioso, do mais confortador, do mais animador evento da história da humanidade, a vitória sobre a morte.

Ao mundo inteiro prestamos solene testemunho. Lemos o testemunho dos que participaram dos eventos daqueles três dias de dor, tristeza e regozijo. Lemos sobre os sofrimentos por que passaram aqueles que testificaram dessas coisas e de sua disposição de dar a própria vida para não negar o que haviam visto. Lemos o testemunho daqueles na Palestina e daqueles no Novo Mundo que foram visitados pelo Senhor ressurreto. O Espírito testificou ao

nosso coração a veracidade desses testemunhos.

Temos também o testemunho de uma pessoa que, no início desta dispensação, falou com o Cristo vivo e com o Pai Celestial, e que deu a própria vida para selar aquele testemunho com seu sangue.

Declarou ele com palavras sóbrias:

"E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: que ele vive!

"Pois vimos-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai;

"Que por ele, por meio dele, e dele, são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são

filhos e filhas gerados para Deus." (D&C 76:22-24.)

Solenemente, e compreendendo a gravidade do que afirmamos, acrescentamos o nosso testemunho para todo o mundo, da realidade da Ressurreição, que este mesmo Jesus que se levantou da tumba subiu aos céus. Declaramos que nesta dispensação dos tempos, ele voltou à terra para restaurar o evangelho primitivo que ensinou ao caminhar entre os homens; que esta restauração trouxe um testemunho indiscutível de sua realidade e também o santo sacerdócio, concedido ao homem, que é exercido em seu nome. Este é o testemunho que prestamos em nome de Jesus Cristo, e convidamos todos os homens a

ouvi-lo e aceitá-lo.

E agora, gostaria de tratar de outro assunto relacionado ao evangelho do Senhor, de quem falamos.

Quando interpelado pelo doutor da lei: "Mestre, qual é o grande mandamento na lei?"

"Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

"Este é o primeiro e grande mandamento.

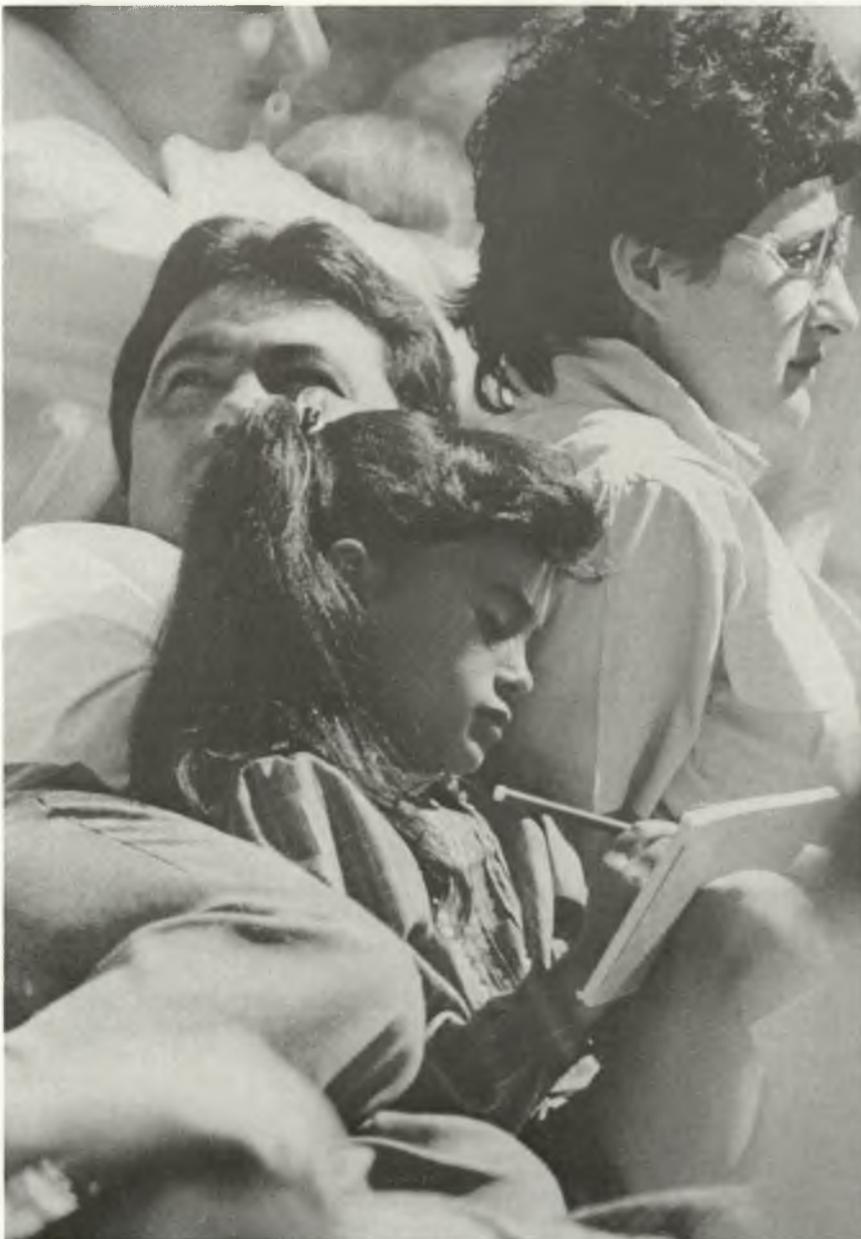
"E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo."

"Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas." (Mateus 22:36-40.)

Quando corações no mundo inteiro foram tocados pela notícia da fome reinante na África, pedimos aos membros da Igreja nos Estados Unidos e no Canadá que observassem um dia de jejum especial, abstendo-se de duas refeições e doando o equivalente em dinheiro, ou mais, para ajuda a esses povos famintos. Na época pedimos isso somente aos membros da América do Norte, porque queríamos agir rapidamente, e achamos que não havia tempo suficiente para estabelecer o programa em outros lugares. Muitos fora dos Estados Unidos solicitaram-nos uma oportunidade semelhante, e alguns já corresponderam.

A reação dos que participaram foi maravilhosa e muito gratificante. As doações foram bem mais generosas que nos jejuns mensais. Nós, como depositários de vossas contribuições, gostaríamos de prestar contas do que fizemos até agora. Vossas contribuições alcançaram a soma de US\$ 6.025.656. Ficou implícito que qualquer dinheiro recebido seria utilizado através de organizações de notória idoneidade. Não temos membros da Igreja nas áreas onde as necessidades são mais prementes. Para podermos ajudar rápida e eficazmente foi necessário nos unirmos a outros, o que tem sido uma experiência sumamente gratificante.

Ficamos sabendo que há muitas organizações fazendo um excelente trabalho no combate ao avanço da fome que ameaça milhões naquela parte do mundo. Associamo-nos a quatro dessas organizações nesse





esforço, as quais têm-se mostrado muito cooperadoras e prestativas.

Até hoje distribuimos fundos conforme demonstração a seguir:

Cruz Vermelha	
Americana	US\$1.300.000
(para uso do	(e mais
Comitê	US\$ 100.000
Internacional	doados
da Cruz	anteriormente,
Vermelha	perfazendo o
e da Liga	total de
Internacional	US\$ 1.400.000)
da Cruz	
Vermelha)	
Serviços de	
Assistência	
Católica	US\$ 1.400.000
Africare	US\$ 1.100.000
Care, Inc.	US\$ 500.000
Total	
desembolsado	
do jejum	
especial	US\$ 4.300.000
<i>Discriminação</i>	
<i>Geográfica</i>	
<i>das Despesas</i>	
Etiópia	US\$ 2.850.000
Sudão	US\$ 825.000
Outras nações	
africanas	US\$ 625.000
	<u>US\$ 4.300.000</u>

Conforme demonstramos, já havíamos dado US\$ 100.000, somando US\$ 4.400.000.

O saldo será doado a áreas onde nossa pesquisa indicar necessidade maior, e será administrado também por órgãos qualificados.

Alguns nos têm criticado por ajudarmos vítimas de diretrizes políticas ou má administração de seus governos. Minha resposta tem sido que onde houver fome grave,

independente da causa, não deixarei que considerações políticas entorpeçam meu senso de misericórdia ou calem minha responsabilidade para com os filhos e filhas de Deus, onde quer que estejam ou quaisquer que sejam as circunstâncias.

O Élder M. Russell Ballard, da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, e o Bispo Glenn Pace, que ontem passou a integrar o Bispado Presidente, acabam de voltar da África onde visitaram áreas rurais da Etiópia. Viram pessoalmente como os fundos que consagraram estão literalmente salvando a vida de muitos que morreriam de fome, doença e abandono. Vossas contribuições não só têm proporcionado mantimentos e remédios onde são tão desesperadamente necessários, mas também forneceram barracas suficientes para abrigar trinta mil pessoas do sol abrasador e dos ventos frios da noite, com cobertores para aquecê-las. A alimentação e os artigos de primeira necessidade estão chegando aos que deles necessitam. Não tem havido interferência, unicamente a melhor cooperação possível.

O Élder Ballard e o Bispo Pace estiveram com esse povo que sofre. Contam que são homens e mulheres de coragem e caráter, mas vencidos e amedrontados pelas terríveis condições em que se encontram. Suas terras estão secas e despidas de vegetação. Não há água para irrigação nem comida. Eles vagam a esmo em desespero até que eles e seus filhos morram

se não forem socorridos. Um pouco de trigo moído significa literalmente a diferença entre a vida e morte.

Somente se vierem as chuvas e poços forem perfurados poderá haver recuperação e subsistência a longo prazo. Parte de nossos fundos será usada em conjunto com outros na perfuração em áreas com água no subsolo, a fim de permitir o cultivo da terra e torná-la produtiva, na esperança de que haja auxílio a longo e curto prazo para esse povo necessitado.

Pessoalmente, sou profundamente grato pela oportunidade de ajudar a abençoar esses filhos do Nosso Pai naquela parte da terra, que estão desesperadamente necessitados. Estou confiante de que no coração de cada um de vós brote apreço pelo que se tem conseguido fazer e pelo que ainda acontecerá como resultado do esforço conjunto de nosso povo, fazendo uma coisa tão fácil como abster-se de duas refeições e contribuir com esse valor para uma causa comum. Pensei em que poderia acontecer se no mundo inteiro houvesse um dia de jejum especial. Ninguém sofreria, e muitos seriam socorridos. Quão gratos somos pela inspiração do Todo-Poderoso em estabelecer um programa tão simples, mas tão eficaz para aliviar sofrimento e necessidade.

No socorro à África não usamos um dólar sequer para despesas gerais; cada dólar que contribuístes foi ou será usado para socorrer os tão necessitados, nenhum dos quais é membro da Igreja.

Gostaria de ler algumas linhas de duas cartas. A primeira é do presidente dos Serviços de Assistência Católica:

"Gostaria de reconhecer a contribuição tão generosa de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias... para a prestação de socorro na Etiópia e no Sudão. Podem ter certeza de que esses fundos serão usados de imediato para ajudar a aliviar o sofrimento que aflige milhões naqueles países.

"Estamos felizes de sermos parte numa ação conjunta desse tipo. Tais esforços ecumênicos realçam a compaixão e preocupação que temos em comum quando nos defrontamos com essas tragédias humanas, bem como nosso empenho comum em agir positivamente.

"Esta nossa cooperação tem um caráter especial, uma vez que os recursos provêm diretamente do jejum praticado por todo membro seu. Isto é realmente um exemplo

comovedor de solidariedade de um povo para com outro num nível fundamental de preocupação moral e prática. Sinceramente em Cristo, (ass.) Daniel P. Reilly, Bispo de Norwick, Presidente do Conselho Diretor."

E agora, do presidente da Cruz Vermelha Americana:

"Não posso agradecer suficientemente a vocês membros dos Estados Unidos e do Canadá pelo apoio fantástico que têm prestado à Cruz Vermelha na África. Sua recente contribuição de US\$ 800.000 (dólares) eleva seu total de doações a US\$ 1.400.000. Esse apoio... permitiu-nos alimentar 350.000 vítimas, durante um mês, baseado na estimativa da Cruz Vermelha de que são necessários quatro dólares por mês para alimentar uma criança...

"Na Etiópia... os servidores da Cruz Vermelha estão alimentando, em média mais de 50.000 pessoas por dia... A assistência da Cruz

Vermelha está sendo prestada aos grupos mais vulneráveis: Crianças menores de cinco anos, mulheres grávidas e que amamentam, e os idosos. No norte da Etiópia, onde poucas outras organizações conseguem trabalhar, estão sendo assistidos os mais carentes.

"No Sudão a situação está-se agravando rapidamente. De 200.000 a 300.000 novos refugiados do Chad, Uganda e Etiópia estão sendo esperados até fins de maio. Além disso, o próprio Sudão está sendo afetado pela seca, com 280.000 pessoas forçadas a deixar suas casas em busca de alimento. Verificou-se recentemente que 15.000 crianças estão acometidas de cegueira noturna, o último passo antes da cegueira total devida a desnutrição. Essas crianças estão sendo agora alimentadas pela Cruz Vermelha...

"Podem ter certeza de que a Cruz Vermelha se sente honrada com a confiança que depositaram em nosso trabalho de auxílio. *Todas* as contribuições encaminhadas pela Cruz Vermelha são usadas no alívio da fome africana. Nenhuma despesa geral ou custo de coleta é deduzida. Eu sei que seus membros se têm sacrificado para poderem dar essa contribuição. A confiança de sua congregação será honrada. Que Deus os abençoe a todos. (Assinado) Richard Schubert, Presidente."

Como podeis ver, prestamos assistência imediata no valor de US\$4.400.000.

Obrigado pelo que tendes feito. Muitos contribuíram mais que o valor de duas refeições. Lançastes pão sobre as águas, e ele vos será devolvido ao sentirdes a paz de um coração generoso.

Correspondestes magnificamente, compartilhando vossa abundância com aqueles que nada têm. Podemos enfrentar vários outros desafios como santos dos últimos dias para levar avante a obra de Deus. Nesta manhã de Páscoa, quando nos lembrarmos daquele que deu a vida por nós, e por toda a humanidade, resolvamos, individualmente, andar em obediência aos ensinamentos e mandamentos do Salvador, e agir com misericórdia, eu oro humildemente ao deixar-vos meu testemunho solene da divindade desta obra, em nome de Jesus Cristo. Amém.



Cantando com a congregação, membros do Primeiro Quorum dos Setenta, sentados, na fila da frente, da esquerda para direita Elderes F. Burton Howard, Jack H. Goaslind, Jr., Victor L. Brown, H. Burke Peterson, J. Richard Clarke e recentemente chamados ao Bispado Presidente, Henry B. Eyring, primeiro conselheiro, e Bispo Robert D. Hales. Segunda fila, da esquerda para a direita: Elderes Jacob de Jager, Vaughn J. Featherstone, Royden G. Derrick, Robert E. Wells, James M. Paramore, Hugh W. Pinnock, F. Enzio Busche, Yoshihiko Kikuchi. Terceira fila, da esquerda para a direita: Elderes Loren C. Dunn, Robert L. Simpson, Rex D. Pinegar, Adney Y. Komatsu, Joseph B. Wirthlin, Gene R. Cook, Charles Didier. Quarta fila, da esquerda para a direita, membros da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, Elderes Dean L. Larsen, Richard G. Scott, Marion D. Hanks e W. Grant Bangerter. Última fila, em pé, da esquerda para a direita, Presidente Ezra Taft Benson, do Quorum dos Doze e membros do conselho, Elderes Howard W. Hunter, Thomas S. Monson, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry e David B. Haight.

O CRISTO RESSURRETO

Élder David B. Haight
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá.”
(João 11:25-26.)



Nesta gloriosa manhã de Páscoa, rejubilo-me convosco e incontáveis milhões de pessoas em todo o mundo, cujo coração se volta para Jesus de Nazaré. À mulher samaritana junto à Fonte de Jacó que disse: “Eu sei que o Messias... vem; quando ele vier, nos anunciará tudo”, ele afirmou: “Eu o sou, eu que falo contigo.” (João 4:25-26.)

Muitos dos acontecimentos divinamente dirigidos, antes e depois da crucificação do Senhor, foram narrados pelos primeiros apóstolos e outras testemunhas.

Segundo esses depoimentos, José, homem rico de Arimatéia e membro do Sinédrio, não manifestava abertamente a fé em Cristo por medo das autoridades judaicas. Agora, porém, pesar e indignação despertaram sua coragem. Pediu a Pilatos o corpo de Jesus.

Nicodemos, um discípulo nobre que visitara Jesus à noite para não serem vistos juntos, auxiliou José. Segundo o costume dos judeus, envolveram o corpo de Jesus em linho fino com especiarias, em

preparação para o sepultamento. A seguir depositaram o corpo reverentemente num sepulcro novo, cavado na rocha, num horto que pertencia a José. Era a véspera do sábado judaico. (Ver João 19:38-42.)

No dia seguinte, Pilatos deu permissão para que o sepulcro fosse cuidadosamente vigiado até o terceiro dia, para que os discípulos não pudessem retirar o corpo, alegando depois que Jesus havia ressuscitado, conforme a profecia. Os príncipes dos sacerdotes e fariseus, pois, colocaram guardas depois de fechar o sepulcro com pesada pedra. (Ver Mateus 27:62-66.)

No dia seguinte, ao amanhecer, Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, tendo preparado mais especiarias e unguentos, dirigiram-se ao sepulcro de Jesus e lá chegando viram que a pedra havia sido removida. Não vendo mais o corpo, correram em busca de Pedro e dos apóstolos para lhes dar a notícia. Pedro e João foram apressados para o sepulcro. João chegou antes do companheiro mais velho. Abaixando-se, examinou em assombrado silêncio a tumba vazia. Pedro entrou no sepulcro e encontrou os lençóis espalhados onde estivera o corpo de Jesus. Então João também entrou. E a despeito do medo, despontou neles a esperança que depois se tornaria absoluta certeza, de que Cristo de fato ressuscitara, embora ninguém ainda o tivesse visto. Admirados, os dois apóstolos voltaram para junto dos irmãos.

Maria continuou junto ao sepulcro, chorando, quando percebeu alguém aproximar-se. Julgando que fosse o jardineiro, perguntou-lhe o que fizera com o corpo de seu Senhor. Então falou Jesus: “Maria.”

Era o próprio Jesus diante dela,

mas estava diferente de quando o conhecera; agora era um ser glorioso e ressuscitado. Ela reconheceu o Senhor e deve ter tentado abraçá-lo, pois ele disse: “Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.”

Tomada de assombro, ela se apressou em obedecer e repetiu a gloriosa mensagem que daria esperança por todas as eras futuras e à qual acrescentou seu testemunho pessoal de que vira o Senhor. (Ver João 20:1-18.)

Mais tarde, algumas mulheres levando especiarias para a preparação do corpo para o sepultamento, encontraram anjos no sepulcro que lhes disseram: “Buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado. Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou.” (Marcos 16:6; Lucas 24:6.)

Os anjos mandaram as mulheres avisar os discípulos, mas estes não acreditaram nelas. (Ver Marcos 16:7; Lucas 24:9-11.)

O evangelho segundo Lucas conta que no mesmo dia, dois discípulos estavam a caminho de Emaús, distante uns treze quilômetros de Jerusalém; e iam conversando preocupados sobre os acontecimentos dos últimos dois dias.

Enquanto caminhavam, juntou-se a eles um estranho. Embora o estranho fosse o Cristo ressurreto, eles não o reconheceram.

Dizem os evangelistas que o diálogo transcorreu mais ou menos assim:

Jesus perguntou: — Do que estais falando?

Surpresos, retrucaram: — Serás o único visitante de Jerusalém que não sabe o que aconteceu nos últimos dias?

— O que aconteceu? — indagou Jesus.

— O que aconteceu a Jesus de Nazaré, um profeta amado por Deus e que o povo sabia ser poderoso em tudo que dizia e fazia. Os sumos sacerdotes e príncipes o entregaram para ser condenado à morte, e ele foi crucificado. Tínhamos esperança de que fosse ele o libertador de Israel.

— Além disso, hoje já é o terceiro dia desde que aconteceu. Algumas de nossas mulheres foram até o sepulcro, mas não encontraram o



Élder Victor L. Brown, ex-Bispo Presidente da Igreja, apoiado na conferência como membro do Primeiro Quorum dos Setenta e designado presidente do Templo de Lago Salgado.

corpo. Voltaram dizendo que haviam visto anjos, que lhes disseram que ele havia ressuscitado. Alguns dos nossos foram ao sepulcro e o encontraram exatamente como as mulheres contaram, mas não o viram.

— Como sois tolos, — disse-lhes o estranho, — em demorardes a crer em tudo o que disseram os profetas. Porventura não era necessário que Cristo sofresse essas coisas e entrasse em sua glória?

E enquanto caminhavam, Jesus foi-lhes explicando o que diziam as escrituras a seu próprio respeito, começando por Moisés e todos os profetas.

Quando se aproximavam da aldeia, Jesus fez como se fosse prosseguir, mas eles o persuadiram a ficar, dizendo: “Fica conosco, porque já é tarde e já declinou o dia.”

Ele ficou. E durante a refeição que tomou com eles, tomou do pão e o abençoou; depois o partiu e lhos deu. Então se lhes abriram os olhos e reconheceram o Senhor; mas ele desapareceu.

Assombrados, comentaram entre si: “Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as escrituras?”

Voltando depressa para Jerusalém, encontraram reunidos a portas fechadas, por medo dos

judeus, dez dos apóstolos e outros discípulos, (ver João 20:19) os quais disseram: “Ressuscitou verdadeiramente o Senhor, e já apareceu a Simão.”

Os dois contaram o que lhes acontecera na estrada e como reconheceram o Senhor quando ele partiu o pão.

Enquanto os dois falavam, o Senhor apareceu repentinamente a eles e disse: “Paz seja convosco.” Todos ficaram espantados e assustados, achando que fosse um espírito, mas ele falou: “Por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos aos vossos corações?

“Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.” E mostrou-lhes as mãos e os pés. Como ainda não acreditaram, tamanha a alegria e o assombro, ele lhes perguntou: “Tendes alguma coisa que comer? Então apresentaram-lhe parte de um peixe assado e um favo de mel. O que ele tomou e comeu diante deles.”

Em seguida lhes disse: “São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: Que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas, e nos salmos.

“Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as escrituras, e disse-lhes: Assim está escrito e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dos mortos; e em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém.” Depois lembrou-lhes: “E destas coisas sois vós testemunhas.” (Ver Lucas 13-48.)

Tomé não estava com eles quando Jesus apareceu, por isso os outros discípulos lhe contaram: “Vimos o Senhor.” Mas ele lhes disse: “Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei.”

Passada uma semana, os discípulos estavam novamente reunidos a portas fechadas, e Tomé estava com eles. E Jesus apareceu entre eles dizendo: “Paz seja convosco.

“Depois disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e mete-a no meu lado, e não sejas incrédulo, mas crente.”

Muitas vezes tenho procurado visualizar mentalmente o profundo remorso que lhe deve ter queimado a alma quando seu coração

duvidoso, agora purificado, procurava como responder ao Senhor. A única coisa que Tomé conseguiu dizer foi: "Senhor meu, e Deus meu!"

Então lhe disse Jesus: "Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram." (Ver João 20:25-29.)

Jamais existiram declarações de fato mais claras que as que nos falam da ressurreição literal de Cristo. Os registros das aparições aos apóstolos durante os quarenta dias após a ressurreição — em grupo ou individualmente para falar-lhes "do que respeita ao reino de Deus" (Atos 1:3) — não deixa margem a dúvidas. João nos informa de que "há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez; e se cada uma das quais fosse escrita... nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem". (João 21:25.)

Pouco depois de mostrar-se aos discípulos do hemisfério oriental, Jesus apareceu aos nefitas no hemisfério ocidental. Deus pessoalmente apresentou seu Filho à multidão: "Eis aqui meu Filho bem amado, no qual me alegro e no qual glorifiquei meu nome; a ele deveis ouvir." (3 Néfi 11:7.)

"Enquanto fitavam o alto em reverente expectativa, viram um Homem, vestido de brancas vestes, que descia e se colocava no meio deles, e que lhes falou dizendo: 'Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas. E eis que sou a luz e a vida do mundo; bebi da taça amarga que o Pai me deu e o glorifiquei, tomando sobre mim os pecados do mundo, cumprindo assim a vontade do Pai em todas as coisas, desde o princípio.' A multidão prostrou-se em adoração, pois lembrava-se de que os profetas haviam predito a aparição do Senhor entre eles depois de sua ressurreição e ascensão.

"Determinando-o ele, o povo levantou-se e, um por um, achegaram-se, viram e tocaram as marcas dos cravos nas mãos e nos pés, bem como o ferimento de lança em seu lado... A uma só voz clamaram: 'Hosana! Bendito seja o nome do Deus Altíssimo!' e caindo aos pés de Jesus, adoraram-no." (James E. Talmage, *Jesus, o Cristo*, p. 702.)

Quando Joseph Smith foi visitado pelo Pai e o Cristo ressurreto em 1820, este foi



apresentado pelo Pai: "Este é o meu Filho Amado. Ouve-o!" (JS 2:17.), dando início aos maravilhosos eventos da restauração do Evangelho de Jesus Cristo.

Nosso Senhor ressurreto foi visto numa visão por Joseph Smith e Sidney Rigdon em 1832. Diz Joseph: "O Senhor tocou os olhos do nosso entendimento..."

"E contemplamos a glória do Filho, à direita do Pai, e recebemos da sua plenitude;

"E vimos os santos anjos, e aqueles que estão santificados diante de seu trono, adorando a Deus e ao Cordeiro, a quem adoram para todo o sempre.

"E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho... que

nós damos dele: Que ele vive!

Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai;

"Que por ele, por meio dele, e dele são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus." (D&C 76:19-24.)

Pois bem, estes acontecimentos fragmentários descritos em breves linhas, prestam testemunho e testificam que a ressurreição e a vida eterna devemos ao que Cristo, nosso Senhor, fez por nos. Ele afirmou: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim, nunca morrerá." (João 11:25-26.) Disto presto solene testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

O ESPÍRITO DE COLIGAÇÃO

Élder Wm. Grant Bangerter
da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

“Centenas de milhares de pessoas vivas hoje encontraram pessoalmente a pérola de grande valor. Elas são os avós do futuro cujo nome será bendito por sua posteridade.”



A glória da manhã de Páscoa dilata a alma dos que almejam a vida eterna. Glória semelhante iluminou a majestosa manhã em que o Pai e o Filho anunciaram o alvorecer do dia da salvação nos últimos dias. Refletir sobre o que se passou nessas manhãs grandiosas desperta os sentimentos mais profundos dos membros da Igreja.

Uma força mística, espiritual, semelhante ao magnetismo do imã, tem atraído os santos ao lugar capaz de satisfazer seus anseios. Esse é o espírito de coligação predito nas escrituras. É a razão de estarmos aqui hoje, de termos sido atraídos literal e espiritualmente a Sião, um lugar real, tangível onde os anseios d'alma podem ser satisfeitos em antecipação à salvação e vida eterna no reino de Deus.

Ao assumir a nova designação, faço-o com profundo afeto pelo Élder G. Homer Durham, cujo passamento deixou a yaga para a qual fui chamado. O Élder Durham

desposou Eudora, filha do Élder John A. Widtsoe. Além dos serviços prestados à Igreja, estes dois homens eram figuras exponenciais na vida profissional, particularmente no campo da educação. Dr. Durham foi o primeiro Comissário de Educação Superior do Estado de Utah, tendo antes presidido a Universidade Estadual do Arizona. Sua falta é muito sentida. Dr. John A. Widtsoe foi reitor de duas universidades antes de ser chamado a integrar o Quorum dos Doze Apóstolos.

Muitos anos atrás, o Élder Widtsoe contou a história de sua mãe, Anna Karine Widtsoe que faz aproximadamente um século foi apanhada pela "rede do evangelho". Diz o Élder Widtsoe em seu prólogo:

"Esta é a história de uma mulher que buscava a verdade e que, impelida pelas ondas de misteriosa sina, foi apanhada pelas redes do evangelho e levada para um país distante onde, apesar de muitas adversidades, a posse da verdade eterna fê-la encontrar, com sua família, imensa felicidade." (*In the Gospel Net*, Independence, Mo: Zion's Printing and Publishing Co., 1941, Prólogo.)

A bela história de sua mãe, nascida numa obscura ilha ao largo da Noruega, tem sido contada milhares de vezes entre os santos dos últimos dias. Experiências assim são o fundamento da fé para os membros da Igreja. Ao abordar algumas influências que nos têm atraído para o evangelho, espero que todo santo dos últimos dias reflita sobre a força espiritual que nos trouxe a ele.

A mãe do Élder Widtsoe mostrou-se sensível às palavras de

um humilde sapateiro que colocara alguns folhetos nos sapatos de seu filho. Dirigindo-se a ela um pouco hesitante quando saía de sua oficina, ele disse:

"— Talvez a surpreenda ouvindo-me dizer que posso dar-lhe algo de muito mais valor que solas de sapatos, — ao que ela retrucou:

"— O que o senhor, um sapateiro, poderia dar-me além de solas para os sapatos de meu filho?"

"— Basta querer, poderei ensinar-lhe o verdadeiro plano de salvação do Senhor para seus filhos. Posso ensiná-la a encontrar felicidade nesta vida e prepará-la para alegria eterna na vida vindoura. Posso dizer-lhe de onde veio, por que está aqui na terra e para onde irá após a morte. Posso ensinar-lhe, como não soube jamais, o amor de Deus a seus filhos na terra." (*In the Gospel Net*, pp. 54-55.)

A profunda e poderosa influência que se faz sentir através do tempo e espaço, muitas vezes alcançando distantes e remotos recantos da terra, consegue arrebatar pessoas de seu padrão de vida normal e trazê-las a Sião.

Desde a organização da Igreja em 1830, as redes do evangelho têm colhido e coligado milhões de pessoas que encontraram o caminho da vida eterna por sua própria experiência ou pelos ensinamentos recebidos dos pais e avós.

Para aqueles que recebem a





Membros do Quorum dos Doze, da esquerda para a direita: Élderes Ezra Taft Benson, presidente, Howard W. Hunter, Thomas S. Monson, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, Bruce R. McConkie, L. Tom Perry e David B. Haight.

mensagem, isto significa o fim da confusão de muitos séculos de como chegar a Cristo. Estão aí respostas para as decisivas perguntas, como:

Qual o sentido da vida humana na terra?

Existe revelação dos céus?

Onde estão os apóstolos e profetas?

O que será dos que nunca ouviram falar de Cristo?

Qual entre as muitas igrejas é autorizada por Deus?

Quem tem autoridade para administrar o evangelho?

Como saber o que Deus quer que eu faça?

Só existe uma única maneira de tais perguntas serem respondida. Deus teria de fazê-lo, e para isso chamou um profeta moderno. O Senhor enviou mensageiros celestes para conferir-lhe o verdadeiro sacerdócio e autoridade. Ele revelou o Livro de Mórmon para corroborar o testemunho da Bíblia de que Jesus é o Cristo. Restabeleceu as ordenanças e restaurou o convênio eterno. Está, mais uma vez, indicando o caminho seguro para a vida eterna.

Eu próprio sou membro da Igreja devido a essa poderosa influência. Meus avós também foram levados pelo Espírito, em meio a perseguições e escárnio na Suíça, a encontrar o caminho no qual poderiam criar seus filhos com conhecimento seguro da verdade divina.

Meus bisavós maternos estavam

entre os primeiros que aceitaram, na Inglaterra, os ensinamentos de Heber C. Kimball e Willard Richards em 1837. Eles vibraram com a emocionante notícia de que o reino de Deus estava de volta na terra.

Para estar espiritualmente viva, a alma humana precisa de visão, anseio, esperança, desejo. O espírito da América vai de encontro a esse anseio: A grande visão de liberdade, o espírito de independência, a terra de oportunidades e esperança. Recentemente, a Irmã Bangerter e eu estivemos aos pés da Estátua da Liberdade no porto de Nova York, em companhia do Presidente e Irmã McGregor de Caldwell, Nova Jersey. Mostraram-nos a Ilha Ellis, ponto de entrada para centenas de milhares de imigrantes neste país, incluindo meus avós e também o Élder Widtsoe e sua mãe. Voltamos a ler as inspiradoras palavras de Emma Lazarus proclamando o farol guia das almas peregrinas. Referindo-se à antiga estátua na ilha grega de Rodes, diz ela:

“O Novo Colosso”: Não como o brônzeo gigante de grega fama,

Com um pé conquistador plantado em cada terra;

Em nosso portal banhado de sol e mar,

Há de erguer-se forte mulher de tocha em punho,

Cuja flama é qual corisco em prisão e se chama:

Mãe dos Exilados. Sua mão com tocha erguida,

Ao mundo inteiro dá boas-vindas; seus calmos olhos Dominam o largo porto por cidades irmãs abraçado.

“Guarda, mundo antigo, tua pompa acumulada”,

Brada com lábios calados.” Dá-me teus pobres, cansados,

“As massas oprimidas que liberdade anseiam sorver,

“O mísero refugio de tuas praias palpitantes.

“Manda-me aqueles sem lar, desarvorados,

“Minha tocha levanto junto à porta dourada!”

Então o Presidente McGregor relacionou estes versos comoventes às palavras de Léhi:

“Portanto, esta terra é consagrada àqueles que ele trouxe. E se eles o servirem, de acordo com os seus mandamentos, será uma terra de liberdade para eles; e, portanto, não serão mais levados cativos;... será, porém, sempre bendito para os justos.” (2 Néfi 1:7.)

A antiga Israel ansiava por Jerusalém. Durante o cativo, a alma do povo se extravasa no Salmo 137:

“Junto aos rios da Babilônia nos assentamos e choramos lembrando-nos de Sião...

“Porquanto aqueles que nos levaram cativos, nos pediam uma canção; e os que nos destruíram, que os alegrássemos, dizendo: Cantai-nos um dos cânticos de Sião.

“Mas como entoaremos o



Elder John K. Carmack, do Primeiro Quorum dos Setenta.

cântico do Senhor em terra estranha?

"Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, esqueça-se a minha destra da sua destreza.

"Apegue-se-me a língua ao paladar, se não me lembrar de ti, se não preferir Jerusalém à minha maior alegria." (Salmo 137:1, 3-6.)

Todos nós deveríamos refletir sobre aquilo a que nos unimos e o poder que capturou nossa fé. Centenas de milhares de pessoas vivas hoje encontraram pessoalmente a pérola de grande valor. Elas são os avós do futuro cujo nome será bendito por sua posteridade.

Durante quarenta anos convivi de perto com o povo do Brasil. Dezenas de milhares deles se filiaram à Igreja. Fiquei muito feliz ontem ao saber do chamado do Élder da Rocha Camargo, nosso companheiro e irmão na Igreja. O Irmão Camargo e sua esposa eram pessoas devotas e firmes antes de se filiarem à Igreja, tendo sido criados e ensinados segundo a admoestação do Senhor. O Irmão Camargo graduou-se na Academia Militar do Brasil. Posteriormente, ainda jovem, tornou-se ministro metodista. Ele contou-me um pouco de sua experiência com a "rede do evangelho". Certa noite,

dois moços bateram à sua porta. Diz ele que a primeira coisa que notou foram os pés enormes de um deles. Então foi subindo o olhar até encontrar o rosto do mais espigado norte-americano que já vira. A princípio, não ficou impressionado com a beleza dos pés nem do rosto. Mesmo assim, convidou-os a entrar e eles acabaram deixando-lhe um Livro de Mórmon.

Numa visita subsequente, perguntaram se havia lido o livro. Ele respondeu que lera bastante, e anotara as coisas com que não concordava. O élder explicou-lhe então que não era próprio ler um livro de escrituras com o intuito de encontrar erros, mas que deveria lê-lo conforme diz Morôni, "com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo" e desejando saber se ele é verdadeiro. (Ver Morôni 10:4.)

Diz o Irmão Camargo que então achou necessário ler o livro mais uma vez. E durante a leitura, o Espírito lhe testificou tratar-se verdadeiramente da palavra de Deus e ele se filiou à Igreja com a família. Às vezes, ele se refere à passagem de Isaías 52:7 que diz: "Quão suaves são sobre os montes os pés [aqueles enormes pés de missionário] do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz,...

que diz a Sião: O teu Deus reina!" A verdade que encontrou proporcionou beleza semelhante aos pés de seus três filhos que serviram como missionários. Todos os filhos se casaram no templo, e ele e a esposa têm grande alegria e regozijo em sua posteridade. Um de seus filhos está presente a esta conferência como presidente de estaca.

O Presidente J. Reuben Clark Jr. captou o espírito dessa força de atração em um de seus memoráveis discursos proferido em 1947, no qual homenageia "os do último carroção", nossos irmãos pioneiros que suportaram as provações da longa e dura jornada:

"Eles mantinham seu testemunho de que o evangelho restaurado é verdadeiro," dizia, "sempre ardendo qual fogo num altar sagrado..."

"Quando à noite, o último carroção ocupava rangendo seu lugar, fechando o círculo e os irmãos presidentes vinham indagar como a mãe passara o dia, seu coração se lhes enchia de alegria, pois não tinham sido lembrados pelas autoridades? Renascia a esperança, a estafa era esquecida, cobravam novo ânimo; sua gratidão extravasava por conhecerem a verdade, pelo testemunho de que Deus vive, que Jesus é o Cristo, que Joseph era um profeta... e que para os justos estava reservada uma coroa de glória que lhes pertenceria nas eternidades da vida por vir."

Diz ele que no fim da jornada "todos se ajoelharam com alma jubilosa, agradecendo a Deus por terem chegado a Sião. 'Sião, Sião, adorável Sião, bela Sião, Sião, Cidade de nosso Deus.'" (Conference Report, outubro de 1947, pp. 157-58.)

Que frêmito de alegria não deve ter estremecido André quando dizia a Pedro: "Achamos o Mestre." (João 1:41.) Junto com incontáveis milhares, "acontecerá que os justos serão reunidos de entre todas as nações, e virão a Sião cantando os cantos de eterno regozijo". (D&C 45:71.)

Nesta linda manhã de Páscoa, elevemos a alma com a certeza de que pelo místico chamado do evangelho restaurado, nós chegamos às portas de Sião e à entrada para a vida eterna. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

ALTRUÍSMO: RECEITA DE FELICIDADE

Élder H. Burke Peterson
do Primeiro Quorum dos Setenta

“Ser altruísta não costuma ser uma coisa natural em nós. Muitas vezes é bem mais fácil dizer ‘não posso’, ou ‘não é meu feitio’, ou ‘não tenho tempo’ do que contribuir para que a vida de outros seja mais feliz ou agradável.”



Nesta manhã, é com emoção que externo meu agradecimento ao Senhor pela oportunidade de servir e aprender. Sou grato pela sua confiança. Gostaria também de que soubésseis que tenho guardado inestimáveis lembranças a respeito de muitos fiéis funcionários da Igreja, tanto aqui como nos recantos mais distantes do mundo. São santos de primeira categoria. Sinto-me comovido ao expressar meu afeto ao Bispo Brown, ao Bispo Clark e ao Bispo Featherstone, com quem servi nestes últimos anos. Vou sentir muita falta da fraternidade do Bispado Presidente.

Minha esposa e eu estamos emocionados e honrados com o chamado para dedicar nossos esforços e energias ao templo sagrado. Sabemos quão magnífica será essa experiência. Expresso meu profundo apreço às Autoridades Gerais por nos oferecerem esta oportunidade

ímpar de servir.

Alguns anos atrás, fomos designados juntamente com outras Autoridades Gerais a participar de uma série de conferências de área na Nova Zelândia e Austrália. Inicialmente, o líder de nosso grupo deveria ser o presidente Spencer W. Kimball. No entanto, devido a uma cirurgia de emergência, ele não pode viajar conosco. Então, o Presidente N. Eldon Tanner liderou o grupo em seu lugar.

Todos os dias durante a viagem, o Presidente Tanner telefonava ao Presidente Kimball em seu quarto do hospital para saber de sua condição e fazer relato resumido das conferências de que estávamos participando. Depois de sua chamada diária para a Cidade de Lago Salgado, o Presidente Tanner sempre nos informava da condição do Presidente. Estávamos ansiosos e agradecíamos essas breves mensagens.

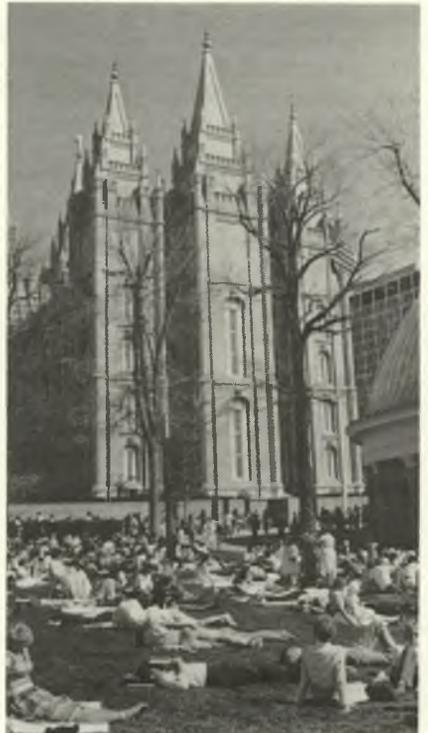
Após uns cinco ou seis dias de viagem, o Presidente Tanner fez sua costumeira chamada para o hospital em Lago Salgado. Nesse dia, porém, ele não deu nenhuma notícia. Quando lhe perguntamos se havia falado com o Presidente Kimball, ele disse que não porque não estava no quarto. “Onde é que ele estava?”, perguntamos. “Eles não sabiam ao certo, não conseguiram encontrá-lo,” respondeu o Presidente Tanner. “Achavam que provavelmente estava visitando doentes em outro andar.”

Parafraseando Wendell Phillips, pode-se dizer em verdade: “Quão prudentemente a maioria dos homens se afunda num túmulo anônimo, enquanto que de vez em

quando uns poucos, esquecendo-se de si, alcançam imortalidade.” (Citado por William Jennings Bryan, *The Prince of Peace*, Independence: Zion’s Printing and Publishing Co, 1925.)

No dia-a-dia da vida, com todas as provações, desafios e desânimos, freqüentemente subestimamos nossa capacidade e atributos divinos que nos possibilitam pautar a vida pela do Salvador e realmente fazer algumas coisas que ele fez quando viveu na terra entre os homens. Talvez jamais presenciemos o milagre de levantar mortos, ou transformar água em vinho. Talvez jamais seremos um dos milhares alimentados com uns poucos pães e peixes, ou participemos da experiência milagrosa de andar sobre ondas revoltas. Entretanto, cada um de nós pode adotar uma série de padrões de vida cristã na jornada mortal.

Por exemplo, hoje estão aqui conosco muitos que demonstram obediência inquestionável a tudo que lhes é pedido — como ele fez. Existem aqueles que perdoam plenamente as ofensas alheias — como ele perdoou. Alguns de nós somos escrupulosamente honestos, mesmo quando não é conveniente — como ele foi. A lista de atributos e padrões de vida cristãos é interminável, bem como a lista daqueles que procurarão ser





obedientes, por mais difícil que seja. Ainda bem que existem esses que continuam a se esforçar! Eles não podem falhar.

Esta manhã gostaria de falar sobre um outro atributo divino, uma qualidade, que, quando faz parte de nossa vida, produz indivíduos felizes no relacionamento com os outros e em paz consigo mesmos e com aqueles ao seu redor: Irmãos que se amam, casais que apreciam seu relacionamento; pessoas sós, por qualquer razão, que encontram uma vida mais feliz e abundante. Pois, existem entre nós pessoas totalmente *altruístas* — como ele foi.

Pessoa altruísta é aquela que se preocupa mais com a felicidade e bem-estar alheio do que com seu próprio conforto e conveniência; que está disposta a servir mesmo sem lhe ser solicitado ou seu esforço ser reconhecido; ou servir até mesmo aqueles de quem não gosta.

A pessoa altruísta demonstra desejo de sacrificar-se, disposição de purgar sua mente e coração de desejos, necessidades e sentimentos pessoais. Em vez de almejar louvor e reconhecimento para si mesma, ou gratificação de seus desejos, a pessoa altruísta satisfará em outros essas necessidades humanas. Lembrai-vos das palavras do Salvador aos discípulos, certa ocasião, quando

houve sede de reconhecimento pessoal:

"Mas Jesus, chamando-os a si, disse-lhes: ... qualquer que entre vós quiser ser grande, será vosso serviçal;

"E qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro, será servo de todos.

"Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos." (Marcos 10:42-45.)

Há uma outra palavra que soa parecido com esta que estamos usando. No entanto, é uma palavra feia. Descreve uma característica de proporções satânicas. Não direi muito a seu respeito, pois não é agradável pensar nela, e não gostamos de usá-la. A palavra é *egoísmo*. O dicionário descreve a pessoa egoísta como "... preocupada excessiva ou exclusivamente consigo própria, procurando o prazer ou bem-estar sem considerar o próximo". Poderíamos acrescentar que a pessoa egoísta costuma usar muito "eu", "mim" e "meu" em vez de "nós", "nosso", "seus" ou "deles".

Tais pessoas anseiam por estar em evidência, no centro do palco dos pequenos dramas da vida. Poderá ser um mau ouvinte ou monopolizador de conversa. O egoísmo é o grande pecado desconhecido. Nenhuma pessoa

egoísta se considera egoísta.

Agora, voltemos ao positivo. O que podemos fazer para cultivar e nutrir esta qualidade divina, o altruísmo? Como primeiro passo gostaria de sugerir uma avaliação introspectiva. Consideremos os padrões de comportamento que acabamos de mencionar. Será que algum deles se reflete em nosso estilo ou conduta? Por exemplo:

Conseguiríeis obedecer se vos fosse solicitado desistir de vosso lar por dois ou três anos, deixar vossos filhos e netos e ir viver noutra parte do mundo, num lugar muito menos confortável do que vossa casa e numa cultura estranha? Muitos dos aqui presentes fizeram isso sem ao menos olhar para trás.

E quanto àqueles que vivem sós: Será que vos sentiríeis tão sozinhos se, depois do trabalho, visitásseis um asilo de velhos antes de ir para casa?

E vós, pais, será que dais atenção a vossos filhos quando estes querem falar sobre a moda atual dos jovens, ou sobre um comentário do professor? Se o fazeis, sem *interrompê-los*, vereis que quando eles tiverem um problema *sério*, eles vos procurarão por saber que terão vossa atenção.

Observai-vos num jantar ou com um grupo de pessoas. Costumais açambarcar a maior parte da conversa?

Como parte desse processo de auto-avaliação, é importante lembrar que não conseguiremos



nenhuma mudança significativa em nós sem reconhecermos a necessidade de mudar. Reconhecer é o primeiro passo.

Reconhecida a necessidade de melhorar, gostaria de sugerir que como parte do processo de cultivar e nutrir o altruísmo, comecemos a manifestar uma atitude de servir, o interesse contínuo pelo bem-estar do próximo. Poderíamos começar sentindo empatia por aqueles que necessitam de ser edificados e em seguida agir com ponderação, como por exemplo:

Um telefonema para alguém que vive só, somente para perguntar como passou o dia.

Ou talvez um bilhete a um jovem orador que fez o melhor que pôde no domingo passado.

Até mesmo um bilhete de agradecimento ao garoto levado do vizinho por não ter pulado a cerca ou pisado nas flores do jardim. Lembrai-vos de que aqueles que não têm a melhor das aparências ou comportamento, são os que mais precisam de nossa carinhosa atenção.

Ou talvez parar para um bate-papo com um deficiente físico, a quem jamais destes atenção? Será que nos damos conta de que eles sentem a mesma necessidade de terem amigos e serem amados, e geralmente recebem muito menos carinho e atenção?

É importante rompermos as cadeias do egoísmo que nos tolhem. Atos sinceros e sensíveis em favor de *outros* são a marca do altruísmo.

Dirijo-me agora aos incapacitados em qualquer sentido, seja física, mental ou financeiramente; àqueles que não *podem* fazer o que sinceramente *gostariam* de fazer pelo próximo. Gostaria de contar-vos uma experiência familiar pessoal.

Meses atrás, minha esposa foi fazer sua costumeira visita semanal à mãe em Provo, que tem estado bem doente ultimamente. Nesse dia, em particular, ela estava passando mal, não tendo forças nem para levantar a cabeça e sequer abrir os olhos. Apesar de fisicamente debilitada, sua mente estava muito alerta. Enquanto minha esposa cuidava de suas muitas necessidades, ela conversava com a mãe da família. Amparando a cabeça dela com uma das mãos enquanto que com a outra lhe dava de comer, a



conversa voltou-se para uma de nossas filhas e o genro que têm cinco filhos com menos de sete anos. Minha esposa comentou que três das crianças de nossa filha estavam com catapora ao mesmo tempo.

Era óbvio que a jovem mãe estava extremamente ocupada. Minha sogra parou de comer, pensou um instante e com a voz fraca e quase inaudível, disse: "Sinta tanta pena de Robin. Gostaria de poder ir até lá para ajudá-la." Minha esposa ponderou um pouquinho e comentou: "Sabe mamãe, acho que no seu caso querer já basta. Certamente receberá uma bênção por serviço e altruísmo como se houvesse ido até lá e ajudado Robin." Quando eu soube do caso, lembrei-me das palavras do Rei Benjamim quando, em seu último discurso ao povo, disse:

"E agora digo aos pobres e a vós que não tendes e, ainda assim, tendes o suficiente para passar de um dia para outro; refiro-me a vós, que negais ao mendigo porque não tendes; quisera que dissésseis em vossos corações: Não dou porque não tenho, mas se tivesse daria" (Mosiah 4:24).

Sinto que depois de tudo feito e dito, seremos julgados pelo intento de nosso coração. Mas tenhamos o cuidado de não encher o coração com desculpas *injustificadas*. Em geral, não somos naturalmente

inclinados ao altruísmo. Muitas vezes é mais fácil dizer: "Não posso", ou "Sou diferente", ou "Não tenho tempo", do que tornar a vida de outros mais feliz e agradável. Lembremo-nos das palavras das escrituras:

"Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;...

"Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber?

"E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos?

"E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te?

"E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Mateus 25:34, 37-41.)

Altruísmo é uma palavra bela e expressiva. É uma palavra divina que expressa um padrão divino de vida.

Testifico-vos do altruísmo do Salvador. Testifico que através de sua vida, seu sacrifício expiatório e sua ressurreição, tornou possível a ressurreição de toda humanidade e a vida eterna aos obedientes. Sei que ele vive! Em nome de Jesus Cristo. Amém.

“O ESPÍRITO VIVIFICA”

Élder Thomas S. Monson
do Quorum dos Doze Apóstolos

“O domínio da língua do Espírito permite à pessoa vencer barreiras, transpor obstáculos e tocar o coração humano.”



Visitei recentemente o Centro de Treinamento Missionário em Provo, onde os missionários chamados a servir missão aprendem os fundamentos das línguas faladas pelas pessoas a quem vão ensinar e testemunhar.

As conversas em espanhol, francês, alemão e sueco soaram-me vagamente familiares. Totalmente estranhos e talvez também à maioria dos missionários eram os sons do japonês, chinês e finlandês. É maravilhosa a devoção e total concentração desses jovens enfrentando o desconhecido e aprendendo o difícil.

Contaram-me que quando um missionário em treinamento acha que o espanhol que está tentando aprender é muito difícil, na hora do lanche o colocam junto aos missionários que estudam as complexas línguas do Oriente. Ele fica ouvindo. De repente, o espanhol não mais parece insuperável e o missionário volta entusiasmado aos estudos.

Existe uma língua, no entanto, que todo missionário entende; a língua do Espírito. Não se aprende nos livros escolares, nem se estuda

pela leitura e memorização. A língua do Espírito é dada àquele que procura de todo o coração conhecer a Deus e guardar seus mandamentos. O domínio dessa língua permite à pessoa vencer barreiras, transpor obstáculos e tocar o coração humano.

Em sua segunda epístola aos coríntios, o Apóstolo Paulo nos pede que nos livremos do confinamento da letra da lei e procuremos o horizonte infinito que o Espírito oferece. Eu gosto e admiro o que Paulo disse: “A letra mata, mas o espírito vivifica.” (II Cor. 3:6.)

Num dia de perigo ou tempos de provação, tal conhecimento, esperança e compreensão traz conforto à mente conturbada e ao coração aflito. Toda a mensagem do Novo Testamento inspira ânimo à alma humana. As sombras do desespero são dispersadas pelos raios da esperança, a tristeza dá lugar à alegria, e a sensação de

estar perdido na multidão da vida desaparece com o conhecimento de que o Pai Celestial se preocupa com cada um de nós.

O Salvador nos deu certeza dessa verdade ao ensinar que nem mesmo um pardal cai no chão sem que o Pai saiba. Então conclui o lindo pensamento, dizendo: “Não temais pois; mais valeis vós do que muitos passarinhos”. (Mateus 10:29-31.)

Vivemos num mundo complexo, com desafios diários. Existe uma tendência de nos sentirmos separados, até mesmo isolados do Doador de todas as boas coisas. Achamos que caminhamos a sós.

Do leito de dor, do travesseiro úmido de lágrimas da solidão, somos transportados ao céu pela afirmação divina e preciosa promessa: “Não te deixarei nem te desampararei.” (Josué 1:5.)

Esse consolo é inestimável em nossa jornada pelo caminho da mortalidade, com suas inúmeras encruzilhadas e bifurcações. Raramente segurança é transmitida por um sinal ostensivo ou voz alta. Pelo contrário, a voz do Espírito é gentil, calma, elevando o coração e acalmando a alma.

Às vezes, nossas dúvidas e orações diárias são respondidas por influxos inaudíveis do Espírito. Como diz William Cowper:

*Deus é Consolador sem par
Que com potente mão,
A tempestade faz calmar
E aplaca o tufão.*



A música para a sessão matutina de sábado, na conferência, foi proporcionada por 400 membros do coro de jovens da Região Jordan Utah.

*Oh, não deveis julgar a Deus,
Mas, sim, deveis confiar,
Pois abençoa os filhos seus.
Por muito os amar.
(Hinos nº 35.)*

Vigiamos. Esperamos.
Escutamos a "voz mansa e suave".
Quando ela fala, homens e
mulheres sábios obedecem. O
influxo do Espírito não deve ser
ignorado.

Falando de um assunto tão
sagrado, prefiro não me referir a
escritos alheios, mas a experiências
reais de minha vida. São
verdadeiras, pois passei por elas.
Compartilho com os irmãos hoje,
três exemplos que o Presidente
David O. McKay chamaria de
"pétalas do coração", a voz do
Espírito, as inspirações de uma
fonte celeste.

Primeiro: A inspiração que
acompanha um chamado para
servir.

Segundo: A gratidão de Deus por
uma vida bem vivida.

Terceiro: O conhecimento de
que não andamos sós.

Todo bispo pode testemunhar
sobre a inspiração que acompanha
o chamado para servir na Igreja.
Frequentemente, o chamado
parece ser mais para o benefício da
pessoa que irá ensinar ou liderar do
que de seus alunos ou liderados.

Como bispo, eu me preocupava
com membros inativos, que não
compareciam e não serviam. Isto
era o que eu pensava ao passar pela
rua na qual moravam Ben e Emily.
Eram idosos, já nos últimos anos
de vida. Os achaques e mazelas da
idade os levaram a trocar a
atividade na Igreja pelo aconchego
do lar, isolados, desligados, alheios
à vida, às amizades e
acontecimentos diários.

Tive a irrefutável inspiração de
visitá-los, embora estivesse a
caminho de uma reunião. Era um
fim-de-semana ensolarado.
Aproximei-me da porta da casa
deles, e bati. Emily abriu a porta.
Quando me reconheceu, seu bispo,
exclamou: "Espere em vão o dia
inteiro que o telefone tocasse.
Esperei que o carteiro me trouxesse
uma carta. Trouxe somente
contas. Bispo, como sabia que hoje
é meu aniversário?" Respondi:
"Deus sabe, Emily, porque a
ama."

No silêncio da sala-de-estar,
disse a Ben e Emily: "Não sei por
que fui guiado para cá hoje, mas o
Pai Celestial sabe. Ajoelhem-nos



em oração e perguntemos.
" Fizemos isto e a resposta veio.
Emily foi convidada a cantar no
coro, até mesmo a fazer um solo na
conferência de Ala. Ben foi
convidado a fazer um discurso para
o Sacerdócio Aarônico, sobre uma
experiência especial em sua vida,
quando sua segurança pessoal
dependeu de obedecer à voz do
Espírito.

Ela cantou, ele falou. Muitos
corações se alegraram com o
retorno de Ben e Emily à atividade.
A partir daquele dia, raramente
faltaram a uma reunião
sacramental até que regressaram ao
lar celeste. A voz do Espírito falara.
Foi ouvida e atendida. Corações
foram tocados e vidas de salvaram.

Meu segundo exemplo refere-se
à desobrigação de um presidente de

estaca em Star Valley, Wyoming, o
falecido E. Francis Winters. Ele
havia servido fielmente durante
vinte e três anos. Modesto por
natureza e circunstância, fora um
perpétuo pilar de força para todos
em Star Valley. No dia da
conferência de estaca, a capela
estava repleta. Cada coração
parecia dizer um silencioso
"obrigado" a esse líder que
abnegadamente dera tanto de sua
vida, em benefício dos outros.

Ao levantar-me para falar, depois
da reorganização da presidência da
estaca, fui inspirado a fazer algo
que jamais havia feito ou fiz desde
então. Mencionei quanto tempo
Francis Winters havia presidido a
estaca. Depois pedi a todos que ele
havia abençoado e confirmado
quando crianças, que se



levantassem e permanecessem de pé. Depois pedi a todos que o Presidente Winters havia ordenado, aconselhado ou abençoado pessoalmente que se levantassem. O resultado foi eletrizante. A congregação inteira estava de pé. As lágrimas corriam — lágrimas que comunicavam melhor do que palavras a gratidão de corações comovidos. Dirigi-me ao Presidente e à Irmã Winters, e disse: "Somos testemunhas hoje da inspiração do Espírito. Esta multidão não reflete somente sentimentos individuais, mas também a gratidão de Deus por uma vida bem vivida."

Nenhuma pessoa presente na congregação naquele dia, se esquecerá jamais de como se sentiu ao testemunhar a linguagem do Espírito do Senhor.

Por fim, testifico que não andamos sós.

Stan, um querido amigo meu, adoeceu gravemente e ficou parcialmente paralisado. Fora um homem saudável, de porte atlético e extremamente ativo. Agora, não podia andar nem ficar de pé. Sua cadeira de rodas era seu lar. Teve os melhores médicos, e as orações de familiares e amigos foram

oferecidas com esperança e confiança. Mesmo assim, Stan continuava numa cama do hospital da universidade. Estava desesperado.

Certa tarde, enquanto nadava de costas na piscina do Ginásio Deseret, observando a cobertura, veio-me à mente, silencioso mas com toda clareza, este pensamento: "Aí está você nadando à vontade enquanto seu amigo Stan definha numa cama de hospital, incapaz de mover-se." Senti o influxo: "Vá ao hospital e dê-lhe uma bênção."

Parei de nadar, vesti-me e fui direto ao quarto de Stan, no hospital. Sua cama estava vazia. A enfermeira disse que ele estava na cadeira de rodas, perto da piscina, preparando-se para a fisioterapia. Fui até lá e encontrei Stan, sozinho à beira da parte mais funda da piscina. Cumprimentamo-nos, e voltamos para o quarto, onde lhe dei uma bênção.

Aos poucos as pernas de Stan foram recuperando forças e movimentos. Primeiro conseguiu levantar-se com pés ainda vacilantes. Depois aprendeu novamente a andar — passo a passo. Hoje já nem se percebe que

Stan esteve tão perto da morte e sem nenhuma esperança de cura.

Stan fala freqüentemente em reuniões da Igreja a respeito da bondade do Senhor para com ele. A alguns ele revela os negros pensamentos de depressão que dele se apossaram naquela tarde à beira da piscina, aparentemente sentenciado a uma vida de desespero. Conta como chegou a pensar na alternativa. Teria sido tão fácil impelir a odiosa cadeira de rodas para as águas silenciosas da piscina. A vida teria terminado. Mas naquele preciso momento ele me viu, seu amigo. Naquele dia Stan aprendeu literalmente que não andamos sós. Eu também aprendi uma lição naquele dia. Jamais, jamais, jamais deixei de seguir a voz do Espírito.

Prosseguindo em nossa jornada da vida, aprendamos a linguagem do Espírito. Lembremo-nos sempre do convite do Mestre e acatemo-lo: "Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa." (Apo. 3:20.) Esta é a linguagem do Espírito. Ele a falava, ensinava e vivia. Que todos nós façamos como ele, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

“DISPOSTO A SE SUBMETER”

Élder Neal A. Maxwell
do Quorum dos Doze Apóstolos

“A alma submissa se conduzirá corretamente, suportando bem algumas coisas enquanto se empenha ansiosamente em corrigir outras, sempre discernindo a diferença.”



Não me escuso por tentar falar sobre o que Paulo chama de “as profundezas de Deus” (I Cor. 2:10), apenas pela incapacidade de aprofundar-me o bastante.

Enquanto vemos esse atributo na calma mas espiritualmente luxuriante vida dos autênticos heróis e heroínas com quem convivemos, a falta dele mantém muitos de nós vagueando pelos contrafortes e longe dos picos na escalada do verdadeiro discipulado. Refiro-me à hesitação e relutância em nos submeter sem reservas ao Senhor e seus propósitos para nós.

Esta relutância é como sair do Egito sem fazer toda a jornada até a Terra Santa, ou aguardar em Nauvoo a construção da ferrovia, ou ainda permanecer em Winter Quarters.

Ainda que detentores de outros excelentes atributos, pode-nos faltar esta qualidade única. Foi o

caso do jovem rico e justo que se ajoelhou sinceramente aos pés de Jesus. Faltando-lhe, porém, uma coisa, ele se afastou pesaroso e insubmisso, quando lhe foi lançado determinado desafio. (Ver Marcos 10:20-21; Lucas 18:22-23.) Seja abandonar sem olhar para trás “muitas propriedades” (Marcos 10:22), ou uma posição de destaque na sinagoga secular (ver João 12:42-43), ou atitudes altivas porém erradas acumuladas no correr dos anos, ou simplesmente largar “logo” suas redes de pesca (Marcos 1:18), a prova é sempre a mesma.

Depois de uma auto-avaliação honesta, todos nós poderíamos apontar o que ainda nos falta; no meu caso, mais de uma coisa.

Submissão espiritual vai muito além de joelhos dobrados ou cabeça abaixada. Ah!, a tal ponto que enquanto nos inclinamos “para as coisas da carne” (Rom. 8:5), simplesmente não podemos ter a “mente de Cristo”, (I Cor. 2:16.)

Jesus estabeleceu este solene princípio: “Se... não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus.” (Mateus 18:3.)

Um dos profetas de Jesus delineou, acentuando três vezes a submissão, como um discípulo consegue tornar-se “como criança, submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor e disposto a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que lhe deve infligir, assim como uma criança se submete a seu pai”. (Mosiah 3:19.)

Três outras passagens das escrituras ressaltam esses sublimes atributos. (Ver Alma 7:23; 13:28; D&C 121:41-42.)

Assombrosamente semelhantes, elas formam uma ladainha contínua de atributos a desenvolver, tendo como núcleo catalisador a submissão. Tais repetições são demasiadamente notáveis para serem um acaso.

Além disso, a simplicidade descritiva dessa qualidade se contrapõe à dificuldade em adquiri-la. É tão fácil ser irresoluto, mas isto produz apenas metade do crescimento possível, metade das bênçãos e só “meia vida”, na verdade com mais brotos que floração.

Não basta, portanto, uma visão superficial desta vida, para que não consideremos a experiência mortal como vir para cá apanhar um corpo, como se apanha uma roupa no tintureiro. Ou então, digamos casualmente que viemos para cá a fim de sermos provados, como se fossem suficientes alguns leves exercícios físicos.

Exatamente quanta submissão se espera de nós, essas breves referências não dizem. Basta dizer, Deus “concede aos homens”





Jeffrey R. Holland, à direita, presidente da Universidade de Brigham Young, Provo, Utah.

certas coisas com as quais nos devemos contentar. (Ver Alma 29:4; Filip. 4:11; I Tim. 6:8.) A falta de um pai ou de um membro do corpo é preciso aceitar. Todavia, temperamento e apetites devem ser controlados. Nossa origem está fixada; nossos dotes genéticos porém, oferecem oportunidade de sermos um bom mordomo. A alma submissa se conduzirá corretamente, suportando bem algumas coisas enquanto se empenha ansiosamente em corrigir outras, sempre discernindo a diferença.

É requerido, em particular, uma mente humilde que reconhece o perfeito amor de Deus a seus filhos e sua onisciência. Aceitando essas realidades confortantes e reconhecendo que Deus deseja nosso pleno desenvolvimento e genuína felicidade, estamos preparados para as experiências instrutivas quando aparecerem. Tal docilidade exige autêntica honestidade intelectual, tirar proveito das experiências passadas e dar ouvidos ao Espírito Santo quando procura orientar-nos.

À medida que o Senhor se comunica com os mansos e submissos, eles vão-se tornando mais receptivos. Até mesmo o mais manso, como Moisés (ver Núm. 12:3), aprende coisas

assombrosas que "nunca havia imaginado". (Moisés 1:10.) Mas é somente a mente dócil que pode ser assim instruída e alargada; não aqueles que, no dizer de Isaías, "são sábios a seus próprios olhos". (Isaías 5:21; ver também 2 Néfi, 9:29 e 15:21.)

O conselho de Deus nos coloca em harmonia com as grandes realidades do universo, enquanto que o pecado nos esvazia, isola e separa, confinando-nos na cela solitária do egoísmo. Daí a solidão no inferno.

A submissão espiritual, pelo contrário, significa unidade e comunhão entre a mente e o coração. Então passamos muito menos tempo decidindo, e muito mais tempo servindo; por outro lado, quanto maior a hesitação, menor a inspiração.

Render o coração a Deus assinala o estágio final de nosso desenvolvimento espiritual. Só então estamos começando a ser realmente úteis a Deus! Como poderemos orar sinceramente para sermos um instrumento em suas mãos, se esse instrumento quer dar as ordens?

Quando realmente começamos a guardar o primeiro mandamento — "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de todo o teu poder, mente e força" (D&C 59:5;

ver também Mat. 22:37) — então a doação de tempo, talento e meios é acompanhada da doação plena de si próprio.

Às vezes, nossa relutância se deve à falta de fé, ou ao envolvimento excessivo com os cuidados do mundo. Outras, existe em nós um compreensível temor que se contrapõe a nossa rendição, por intuirmos o que ela poderá trazer.

No entanto, nós precisamos romper com o antigo eu, aquele ego limitado, refreador e lamuriento, e nos deixar modelar pelo Senhor, O velho eu, entretanto, não cede rápida nem facilmente. Ainda assim, essa sujeição a Deus é na verdade emancipação.

Como podemos reconhecer sinceramente a paternidade de Deus e recusar seu ensino? Particularmente em vista do fato de que o Senhor castiga mesmo aqueles que ama. (Ver Hebreus 12:6; D&C 136:31; Mosiah 23:21; Apo. 3:19.)

Ao ser escolhido, Saul era um "mancebo... tão belo que entre os filhos de Israel não havia outro homem mais belo que ele". (I Sam. 9:2.) Mais tarde, tornou-se um homem convencido, cheio de si e enfatado pelo poder. Samuel então recorda o tempo em que Saul era "pequeno aos (próprios) olhos". (I Sam. 15:17.) A genuína submissão, pelo contrário, amplia grandemente a alma. porém, *sem* hipocrisia e sem dolo. (D&C 121:42.)

A submissão freia igualmente a tendência de exigir explicações antecipadas do Senhor, conforme percebia o perplexo embora confiante Néfi: "Sei que ele (Deus) ama seus filhos; não conheço, no entanto, o significado de todas as coisas." (1 Néfi 11:17.)

O mesmo fez a assombrada porém submissa Maria: "Disse então Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra." (Lucas 1:38:)

Assim como a capacidade de retardar a gratificação é sinal da verdadeira maturidade, também a disposição de aguardar explicações posteriores é um sinal de genuína fé e confiança irrestrita.

Se formos fiéis, acabaremos reconhecendo que estamos nas mãos do Senhor e a ele nos devemos render nos termos dele, e

não nos nossos. É uma rendição total, incondicional; é submeter-se sem nenhuma condição prévia.

Suponhamos que Enoque hesitasse ao ser chamado pelo Senhor? Ele continuaria sendo uma pessoa de bem, servindo o Senhor nas horas vagas, vivendo num lugar que era uma cidade miserável comparada à gloriosa Cidade de Enoque; tampouco participaria do glorioso encontro ainda por acontecer. (Ver Moisés 7:63.)

Suponhamos que Pedro não houvesse largado "logo" as redes? (Ver Marcos 1:18.) Talvez se tornasse o respeitado presidente do sindicato dos pescadores galileus. Mas jamais estaria no Monte da Transfiguração com Jesus, Moisés e Elias, ouvindo a voz de Deus. (Ver Mat. 17:4.)

Três palavras especiais nos foram legadas — *e se não* — por três jovens submissos que entraram na fornalha ardente sabendo que "nosso Deus... é que nos pode livrar... do forno de fogo ardente, ... *e, se não*, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses". (Daniel 3:17-18; grifo nosso.)

Além delas, nossas preces devem levar em conta quatro outras palavras especiais: "E tudo quanto pedirdes ao Pai, em meu nome, se pedirdes *o que é direito* e com fé, eis que receberéis." (3 Néfi 18:20; grifo nosso.)

É somente nos rendendo a Deus que começaremos a compreender o que quer para nós. E se realmente confiamos nele, por que não nos render à sua amante onisciência? Afinal, ele nos conhece e sabe de nossas possibilidades muito melhor do que nós.

"Não obstante, jejuavam e oravam freqüentemente, e faziam-se mais fortes em sua humildade, firmando-se cada vez mais na fé em Cristo, até... entregar a Deus seus corações." (Helamã 3:35.)

Do contrário, pode acontecer estarmos demasiado ocupados promovendo nossos próprios interesses: "Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus." (Rom. 10:3.)

Disto se distingue o claro chamado de Jesus mandando procurar edificar primeiro o reino de Deus e estabelecer a sua justiça, em lugar de buscar as coisas do mundo, segundo a versão revisada



da Bíblia por Joseph Smith. (Ver Mateus 6:33.)

Embora muitas vezes certos acontecimentos nos induzem à submissão, nosso desenvolvimento não precisa ser dramático nem necessariamente ligado a determinado momento; pode acontecer paulatinamente no ambiente normal do dia-a-dia. Se formos humildes, uma reprimenda pode conter um precioso e necessário discernimento. Um novo chamado pode afastar-nos de uma agradável rotina e competência já adquirida. Podemos ser privados do luxo a que nos acostumamos para nos libertar do maléfico apego ao materialismo. Podemos nos sentir humilhados a fim de que seja removida a jaça do

orgulho.

A moldagem prossegue e vai muito além de mera cosmética superficial.

Nossa atitude de primeiro momento é muito vital. O que segue será encarado com desdém ou como tendo algum propósito? O que faremos mais vezes, reclamar ou ponderar?

Embora grande parte de nosso sofrimento seja provocado por nós próprios, um pouco dele é causado ou permitido por Deus. Esta realidade requer profunda submissão, principalmente quando Deus não nos poupa da taça. Nessas condições, quando nos lembraram a alegria pré-mortal ao ser-nos revelado o plano desta vida (ver Jó 38:7), talvez sejamos



perdoados se em certos momentos nos perguntamos o motivo de tanto júbilo.

Aos fiéis acaba emergindo a compreensão "das coisas como realmente são" (Jacó 4:13), tal como a confortante certeza de que estamos nas mãos do Senhor! Mas, irmãos e irmãs, na realidade nunca deixou de ser assim! Esta magnífica atitude está-nos demonstrando nosso querido e submisso irmão, Bruce R. McConkie.

"Não sabeis que estais nas mãos de Deus?" (Mórmon 5:23.) Assim como "toda a carne" (D&C 101:16; Moisés 6:32) e "os céus e a terra"! (D&C 67:2.) Talvez só venhamos a compreender plenamente estar nas mãos de Deus ao ponderar a significação das marcas nas mãos de nosso submisso Salvador. (Ver 3 Néfi 11:14-15.) Tendo-se alienado, alguns terão de perguntar o que são aquelas feridas. (D&C 45:51-52.) Esses são os que "não olham para o trabalho do Senhor, nem consideram as obras de suas mãos." (2 Néfi 15:12.)

Quanto mais estudarmos, orarmos e ponderarmos a espantosa Expição, tanto mais nos inclinamos a reconhecer que estamos nas mãos dele e do Pai. Ponderemos, pois, essas coisas definitivas.

Quando o fardo inimaginável começou a pesar sobre Cristo, ele confirmou o que de há muito sabia claramente lhe caberia fazer. Iniciada sua dolorosa faina, Jesus declara: "Agora minha alma está

perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora." Em seguida, talvez em soliloquio espiritual ou à guisa de instrução para os que o cercavam, ele observa: "Mas para isto vim a esta hora." (João 12:27.) Mais tarde, no Getsêmani, o aflito Jesus "começou a ter pavor" (Marcos 14:33), ou, em grego, sentir-se "aterrorizado" e "assombrado".

Imaginai Jeová, o Criador deste e outros mundos, "assombrado"! Jesus tinha consciência do que teria de sofrer, mas não passara ainda pela experiência. Jamais conhecera o intenso e pungente processo de uma expiação. Assim, quando a agonia chegou ao máximo, ela era muito, muito pior do que até ele com sua inigualável inteligência conseguira imaginar! Não é de admirar que aparecesse um anjo para fortalecê-lo! (Ver Lucas 22:43.)

O peso acumulado de todos os pecados mortais — passados, presentes e futuros — caiu sobre aquela alma perfeita, sensível e sem pecado! Todas as nossas enfermidades e faltas fizeram igualmente parte do terrível fardo da Expição. (Ver Alma 7:11-12; Isaías 53:3-5; Mat. 8:17.) Em sua angústia, Jesus não só implorou ao Pai que o poupasse daquela hora e cálice, mas com esta relevante menção: "Aba, Pai, todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice." (Marcos 14:35-36.)

Não declarara Jesus, como Jeová, a Abraão: "Haveria alguma coisa difícil ao Senhor?" (Gên. 18:14.) Não dissera o anjo à perplexa

Maria: "Porque para Deus nada é impossível"? (Lucas 1:37; ver também Mat. 19:28; Marc. 10:27; Luc. 18:27.)

O pedido de Jesus não foi mera encenação!

Porventura, em sua hora extrema teve esperança de ser salvo por um carneiro enredado no mato? Não sei. Seu sofrimento — como se fora *enormidade* multiplicada por *infinito*, — provocou seu posterior brado na cruz, um brado de abandono. (Ver Mateus 27:46.)

Mesmo assim, Jesus manteve a sublime submissão, como fizera no Getsêmani: "Todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres." (Ver Mateus 26:39.)

Enquanto assumia nossos pecados, nossas enfermidades e dores, e realizava a Expição (ver Alma 7:11-12), Jesus tornou-se o perfeito Pastor, emprestando particular relevância e confirmação a estas palavras de Paulo: "Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?" (Rom. 8:35.)

Na verdade, nós estamos em suas mãos, e que mãos benditas!

A maravilhosa e gloriosa Expição foi o ato central de toda a história humana. É o eixo sobre o qual gira tudo o que realmente importa. Dependeu, entretanto, da submissão de Jesus!

Possamos agora, em nossa hora e vez, estar dispostos a nos submeter (ver Mosiah 3:19), eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

“LEVANTAI VOSSA LUZ”

Élder J. Richard Clarke
do Primeiro Quorum dos Setenta

“Todos nós damos diariamente a vida pelo que julgamos importante. Aqueles com quem convivemos, silenciosamente nos avaliam, assim como nossos valores e traços de caráter.”



Irmãos e irmãs, esta semana tem sido maravilhosa. Fomos tão bem alimentados espiritualmente, e oro agora que consiga falar algo que seja condizente.

Antes de fazê-lo, gostaria de externar meu amor e apreço ao Bispo Brown e ao Bispo Peterson pelos maravilhosos oito anos e meio de convívio no Bispado Presidente. E aos Setenta, e aos Doze, e à Primeira Presidência que que me têm dado tanto apoio e incentivo, expressei meu amor e contínuo apoio. Gostaria igualmente de reconhecer os maravilhosos irmãos e irmãs que trabalham nos bastidores aqui na sede e pelo mundo afora, prestando tantos serviços e recursos que contribuem para o andamento da obra.

É maravilhoso estar a serviço do Senhor e agora ser chamado como testemunha de nosso Senhor e Salvador, e poder voltar a uma terra que amo mais do que consigo expressar. É quase que emoção demasiada de uma só vez. Por isso oro que eu seja capaz de cumprir as expectativas desse maravilhoso

chamado.

Na Pérola de Grande Valor lemos que o Senhor livrou Abraão de ser sacrificado aos ídolos. Apresentando-se como Jeová, diz ele: “(Abraão) eis que te conduzirei pela mão, e te levarei para pôr sobre ti meu nome, até mesmo o sacerdócio de teu pai, e meu poder estará sobre ti.

“... (e) mediante teu ministério meu nome será conhecido na terra para sempre, porque eu sou teu Deus.” (Abraão 1:18-19.)

Esta bênção foi estendida à posteridade de Abraão, que levaria “este ministério e sacerdócio a todas as nações”. (Ver Abraão 2:9.) Os filhos do convênio de Abraão se distinguiam pela sagrada obrigação de proclamar ao mundo o verdadeiro Deus vivente. Não só criariam nele e o adorariam, mas seriam suas testemunhas, dele testificando corajosamente entre os incrédulos.

Deus falou mais uma vez dos céus, restaurando a plenitude do evangelho por intermédio de um profeta escolhido. Nós nos tornamos os filhos do convênio de Abraão, uma nova geração de testemunhas para testificar que Deus vive e Jesus é o Cristo. Devemos ser um povo puro, um povo santo, plenamente dedicados e zelosos na proclamação do evangelho em palavras e atos. Esta é uma responsabilidade aterradora.

No Livro de Mórmon é-nos dito que, para sermos chamado de seu povo, temos de estar “dispostos a... servir de testemunhas de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar... mesmo até a morte.” (Mosiah 18:8-9.) Como membros individuais da Igreja, o testemunho que exemplificamos no contexto da vida cotidiana, sofre constante escrutínio.

Posso contar uma experiência

pessoal que ilustra quão constrangedor isto pode ser? Fui funcionário de uma grande corporação durante quase vinte e cinco anos. Durante esses anos desenvolvi profunda amizade pessoal com um excelente colega do Texas. Nossas carreiras corriam paralelas. Faz alguns anos, ofereceu-me um presente bastante incomum, que guardo com muito carinho: Um grande brasão de bronze personalizado, dizendo: “Venho observando você há muitos anos e criei um brasão original, usando símbolos que creio representem os quatro mais importantes valores a que dediquei sua vida, isto é, a igreja, a família, a profissão e a busca de aprimoramento pessoal.”

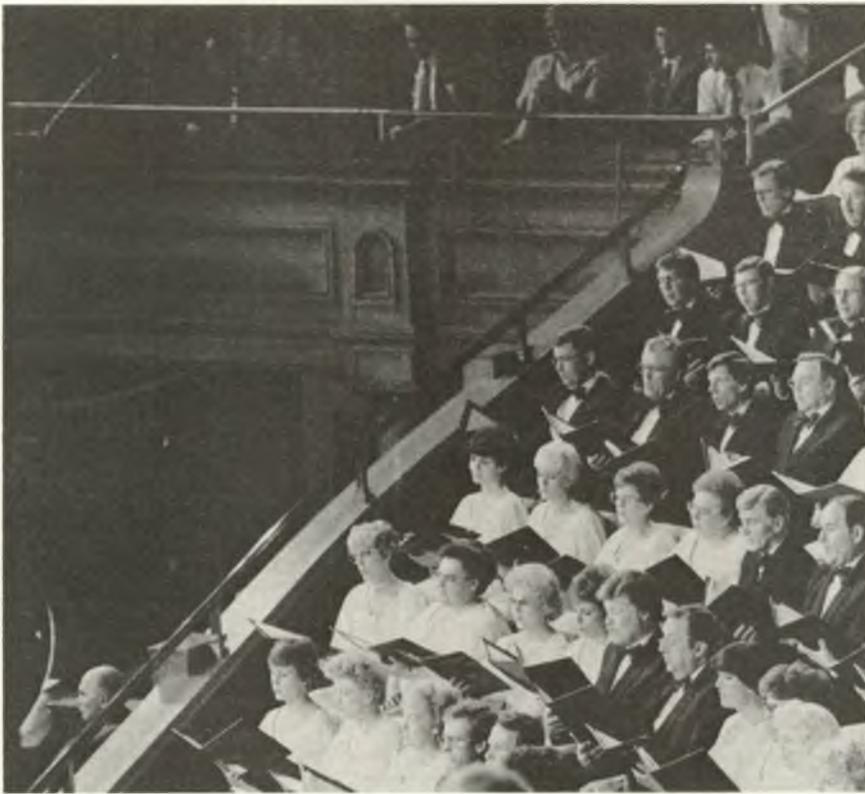
Naturalmente fiquei surpreso, profundamente comovido e lisonjeado. Quando me dei conta do que significava aquele presente, o pensamento de alguém anotando mentalmente meus atos, atitudes e valores, inflamou minha imaginação. Percebi a imensa responsabilidade de cada um de nós de demonstrar corretamente os princípios e prioridades a que nos comprometemos. Foi como que uma pequena prévia do Juízo Final.

Lembrei-me da passagem do Apocalipse em que João viu os livros abertos “e os mortos julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras”. (Apo. 20:12.) Foi uma experiência que me fez pensar.

Todos nós damos diariamente a vida pelo que julgamos importante. Aqueles com quem convivemos nos avaliam silenciosamente, assim como nossos valores e traços de caráter. Haveria alguma coisa em nossa conduta diária que mudaríamos, se soubéssemos que está sendo feita uma avaliação escrita para publicação?

Suponhamos que vós, chefes de família, recebaís um telefonema do presidente de estaca, dizendo: “O jornal local está publicando uma série de artigos sobre a Igreja. Pediram-me permissão para que um repórter se mude para um lar de membros durante uma semana para observar pessoalmente como transcorre a vida familiar mórmon. Nós escolhemos o irmão para representar a Igreja em nossa estaca.”

E vós dizeis: “Está bem, presidente, com todo prazer.” São sete filhos variando em idade de



dois meses ao rapaz de dezenove anos que aguarda o chamado para a missão. Resta pouco tempo para "ajeitar" as coisas, apenas uma típica semana em vosso lar.

Isto realmente aconteceu a Max e Nettie Ann Nelson, de Boise, Idaho, em 1983. Como me orgulhei dessa excelente família, quando li o depoimento do repórter. Como foi positiva a impressão que teve. A pergunta que vos passa pela mente é possivelmente a mesma que eu me fiz: "Se a nossa família fosse escolhida, estaríamos preparados?"

Disse Jesus aos nefitas: "Levantai vossa luz para que brilhe perante o mundo. Eis que sou a luz que levantareis." (3 Néfi 18:24.)

Numa admoestação correlata, Pedro lembra que deveis anunciar "as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz..."

"... peço-vos... que vos abstenhais das concupiscências carnis que combatem contra a alma;

"Tendo o vosso viver honesto entre os gentios; para que... glorifiquem a Deus no dia da visitação, pelas boas obras que em vós observem." (I Pedro 1:9, 11-12.)

O Senhor ordenou aos israelitas e novamente aos nefitas: "Não dirás falso testemunho." (Êxodo 20:16; Mosiah 13:23.) Não somos

testemunhas falsas se formos infiéis aos princípios do evangelho que professamos mas não praticamos?

O maior dano à reputação coletiva da Igreja é causado pelos membros que querem viver com um pé no reino de Deus e o outro na Babilônia espiritual. Aqueles que assim comprometem seus princípios procuram jogar nos dois times ao mesmo tempo — o do Senhor e o de Satanás — como que dizendo: "Esperamos para ver qual dos dois está ganhando antes de eu me decidir."

Alguns membros não se preocupam com a impressão que causam na aparência e nas ações, racionalizando que eles sabem o que realmente são por dentro. Tais pessoas são inevitavelmente julgadas "culpadas por dedução". Para sermos julgados imparcialmente, devemos evitar até a aparência negativa. Seria bom que nos lembrássemos das palavras citadas pelo Presidente McKay: "Seja lá o que fores, desempenha bem o teu papel." (*Cherished Experiences*, comp. Claire Middlemiss, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1955, pp. 174-75.)

O caráter se revela sob pressão. Vou ilustrar. Poucos anos atrás, o Élder Gordon B. Hinckley contou esta comovente história:

"Conversei com um rapaz que fazia pouco voltara da guerra. Ele também fizera patrulhas na selva com o coração palpitando de medo. Mas admitiu, um pouco relutante, que seu maior medo era ser ridicularizado.

"O pessoal de sua companhia costumava rir dele, e debicá-lo, e dar-lhe um apelido que o incomodava. Contavam-lhe as coisas que faziam. Certa ocasião em que a situação estava particularmente pesada, ele os enfrentou e disse: 'Olhem, sei que vocês me consideram um quadrado. Não me julgo melhor que qualquer um de vocês... Mas criei-me num ambiente diferente. Cresci num lar religioso, numa cidade religiosa. Aos domingos ia à Igreja. Orávamos juntos em família. Aprendi a me manter afastado dessas coisas. É simples diferença de crença. Para mim é uma questão de religião, uma forma de respeitar meus pais. Todos vocês juntos poderiam forçar-me a uma situação comprometedora, mas isto não faria nenhuma diferença em mim e vocês não se sentiriam bem depois de fazê-lo.'

"Um por um foram-se afastando calados. Mas nos dias seguintes, todos vieram pedir-lhe perdão e seu exemplo deu força e vontade a outros para mudarem de vida. A dois dos companheiros ele pregou o evangelho e os trouxe para a Igreja." (*Church News*, 29 de abril de 1972, p. 14.)

Como membros da Igreja, todos se beneficiam quando um é honrado e justo. Anos atrás, fiz um discurso numa convenção de empresários. Mais tarde um cavalheiro veio cumprimentar-me e perguntou: "O Senhor é mórmon?", o que confirmei. Então ele disse: "Conheço bem John Russon, um membro de sua igreja. É o melhor cristão praticante que já tive o prazer de conhecer." Para ele e inúmeros outros, estou certo, o Irmão Russon, atualmente presidente do Templo St. George, é uma testemunha confiável.

Uma de nossas maiores necessidades é de boas testemunhas entre nossa juventude. Os jovens precisam de modelos de sua própria geração. Felizmente temos um enorme exército moderno de filhos e filhas de Helamã, jovens "combatentes" que não se envergonham do

Evangelho de Jesus Cristo. Pelo contrário, converteram sua devoção ao Senhor numa vantagem. Vou contar-vos um caso.

Steve Hawes é presidente do corpo discente da New Canaan High School em Connecticut. De seus dois mil e trezentos alunos, apenas vinte e quatro são SUD. Steve foi eleito por esmagadora maioria. Isto é extraordinário. Entretanto, mais impressionante é a coragem moral de Steve, sua resolução de viver os princípios do evangelho.

Os Hawes viveram algum tempo em Tampa, Flórida, onde Steve jogava futebol americano e basquete no ginásio. Quando a família se preparava para mudar para Connecticut, o técnico contou ao pai o quanto apreciava e admirava Steve, não só por ser um excelente atleta, mas por suas profundas convicções religiosas.

"Ele não faz sermões; simplesmente vive calado sua religião todos os dias. Lembro-me," dizia o técnico, "de quando certa vez nosso grupo estava na sala de reunião e um dos rapazes apareceu com uma revista *Playboy*. Abrindo a página do meio puseram-se a fazer comentários vulgares.

"Como vi o Steve sair, fui atrás dele querendo saber o que havia. Ele disse: "Não é nada, só que não é meu tipo de conversa.""

E o técnico comentou: "Steve nos tornou pessoas melhores. Quando chegou à equipe, a maioria do pessoal costumava praguejar. Então deixaram de fazê-lo perto de Steve e, passado algum tempo, já não praguejavam mais."

Ouvindo este tributo, lembrei-me do conselho de Paulo a Timóteo: "Sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza." (I Tim. 4:12.)

"Vós sois as minhas testemunhas," diz o Senhor por intermédio de Isaías.

Andemos de cabeça erguida, irmãos e irmãs, não nos envergonhando de assumir o nome de Cristo. Que Deus nos abençoe como igreja e individualmente para que o testemunho que prestamos como suas testemunhas seja verdadeiro, claro e plenamente confiável, eu oro humildemente em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

OUVIDOS PARA OUVIR

Bispo Henry B. Eyring

Primeiro conselheiro no Bispado Presidente

"Se estudarmos as escrituras, orarmos e convertermos nosso coração, ouviremos a voz de Deus na voz das pessoas que ele mandou para nos ensinar e dirigir."



Sexta-feira de manhã, o Presidente Hinckley me chamou para servir como conselheiro do Bispo Hales no Bispado Presidente. Sou grato pelo chamado e por saber que em sua Igreja, é o Salvador quem faz tais chamados por intermédio de seus servos. E sou grato por vosso voto de apoio, que certamente se deve à vossa convicção de que o chamado veio de Deus.

Durante as reuniões de ontem, fiquei profundamente emocionado pela reação das Autoridades Gerais. Em primeiro lugar expressaram-me amor e confiança, o que aprecio muito. Mas além desse amor, senti da parte dos bispos Brown, Peterson e Clarke uma demonstração de quase solicitude. Percebi que eles sabiam o que me esperava e talvez intuissem o crescente sentimento em meu coração de que a tarefa que me espera é assoberbante. Ao intensificar-se esse sentimento, comecei a pensar mais e mais em mim. Mas então lembrei-me de que há algumas semanas, um diácono voltara para casa anunciando que era o novo

secretário do quorum; um mestre fora chamado para presidir seu quorum; uma mãe foi chamada como conselheira na presidência da Sociedade de Socorro; e um rapaz de dezenove anos foi transferido para nova cidade com um novo companheiro. O medo de falhar talvez tente acabrunhar cada um deles, e vós também, como aconteceu comigo.

Ontem à tarde aconteceu-me uma coisa que me ajudou muito, e talvez vos seja igualmente útil. Desde então, o medo sumiu. Foi quando o Bispo Hales estava discursando. Ele mencionou que nós nos conhecemos desde garotos, e foi aí que me despertou a memória de um salão de baile num hotel de Nova Brunswick, Nova Jersey. O Bispo Hales provavelmente não estava lá, pois vivia no que julgávamos uma bem organizada estaca de Nova York. Nós pertencíamos ao Distrito de Nova Jersey, um distrito só abrangendo o estado inteiro. O Ramo Princeton reunia-se na sala de jantar lá de casa. Papai era o presidente do ramo. Mamãe fazia as vezes de pianista e regente ao mesmo tempo (o que não é nada fácil). Como no ramo não havia outra família com crianças, meu irmão Ted era o Sacerdócio Aarônico, enquanto meu irmão Harden e eu compúnhamos a Primária e a Escola Dominical Júnior. Os membros eram jovens estudantes que ali residiam temporariamente, como Jim Fletcher e Neil Zundle, e uns poucos conversos mais velhos, cujos cônjuges não eram membros.

Como não havia nenhum prédio, ginásio, nem centro de estacas, fomos ao tal salão de baile para o que deve ter sido uma conferência de distrito. Eu ocupava uma cadeira dobrável no fundo do salão, ao lado de mamãe. Devia ser bem



discernir a voz do Mestre nas escrituras. A lembrança do gravador preto com a fita girando sempre me recordará a escritura que diz: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça." (Mateus 11:15.)

Poucos anos mais tarde, falei no seu funeral. Tinha mais ou menos a mesma idade que o Profeta Joseph quando viu o Pai e Jesus Cristo no bosque. Esse meu diácono não teve nenhuma visão, mas ouvira a voz de Deus através de seus servos no quorum de diáconos. Ele queria ouvir, sabia como ouvir e tinha a fé para poder ouvir. Como o profeta-menino, sabia que os céus estavam abertos.

Vós e eu podemos ter esta certeza. Se estudarmos as escrituras, orarmos e convertermos nosso coração, ouviremos a voz de Deus na voz das pessoas que ele mandou para nos ensinar e dirigir. Eu a ouvi ontem escutando o Bispo Hales, e ouvi-a na sessão do sacerdócio da noite passada ao escutar a voz gravada do Presidente Kimball, um profeta de Deus. Vós e eu podemos ter esta certeza pela própria Igreja. Por mais que o reino cresça (e ele há de encher a terra), jamais vos sentireis perdidos ou esquecidos, e nunca precisareis sentir-vos assoberbados. Deus há de chamar pessoas que cuidam de vós e vos ensinam. E se escutardes e ouvirdes a voz de Deus, o reino avançará ocupando seu lugar designado, pronto para a vinda do Mestre.

Ninguém consegue ver agora

pequeno, pois me lembro de estar sentado virado para trás. Mas depois me lembro de ouvir uma voz de homem do púlpito. Virei-me para olhar. Recordo perfeitamente que o orador falava de um púlpito colocado sobre uma plataforma de madeira, e atrás dele havia uma janela alta. Era o representante do sacerdócio. Não sei quem era, só que era alto e calvo, e me parecia muito velho.

Ele devia estar falando sobre o Salvador ou o Profeta Joseph Smith ou ambos, pois é a única coisa de que me lembro ter ouvido. Mas ao ouvi-lo falar, eu sabia que o que dizia vinha de Deus e era verdade, fazendo arder meu coração. Isto foi antes de os entendidos me dizerem quão difícil é sabê-lo. Eu simplesmente sabia com certeza, sabia que era a verdade. E ouvindo o Bispo Hales falar ontem, eu soube que o que estava dizendo era de Deus e era verdade, e então o medo se foi.

Vós podeis ter a mesma certeza, não de vós mesmos, mas de Deus. Ele vive e se comunica com seus filhos. Esta é a Igreja de Jesus Cristo, e é ele quem a dirige. Nenhuma designação precisa deixar-vos assustados se souberdes isto e atentardes para a voz do Mestre.

Agora como que ouço os jovens diáconos dizendo: "Ora, isto pode funcionar com o irmão. Mas de certo não pensa que me vai ajudar aqui no meu quorum de diáconos." Penso sim. No interalo entre ser sumo conselheiro e membro da Junta Geral da Escola Dominical, eu fui consultor de um quorum de diáconos. Um deles, o presidente, presidia as reuniões e eu dava as aulas baseadas nas escrituras e no livro de lições. E

sempre me atinha bastante ao esboço delas.

Lembro-me de um dos meninos que, sendo obrigado a faltar a diversas reuniões, mandava seu irmãozinho à classe com um gravador. O garotinho gravava a reunião e voltava para casa. Aconteceu mais de uma vez. Quando o tal diácono voltou, perguntei-lhe por que fizera aquilo. Não me recordo de suas palavras, mas deixou claro que ele sabia o que eu sabia: Que Deus falava ao quorum dos diáconos. Ele não fazia questão de ouvir a minha voz na gravação; procurava ouvir Deus. Sabia onde e como ouvir.

Quando ele nos lia escrituras na classe, eu percebia que ele as conhecia e amava. E assim, mesmo quando meu ensino não era dos melhores, ele conseguia ouvir o que precisava ouvir por



Elder Hugh W. Pinnock, à esquerda, do Primeiro Quorum dos Setenta, com Elder Robert D. Hales, que foi apoiado durante a conferência como o novo Bispo Presidente da Igreja.

todas as maravilhas tecnológicas e de organização e construção que nos poderá conceder; mas vós, sim, vós mesmos, ouvindo a voz de Deus através de vosso mestre e líder, estareis sempre em seu coração.

Sou grato pelo dom de ter ouvidos para ouvir. Um de meus bisavós, John Bennion, veio a pé ou a cavalo de além de Jordan até aqui para ouvir seu nome ser chamado para cumprir missão nos estados do sul. Seu diário não diz muita coisa, apenas que no dia seguinte se preparou para partir e foi. Sua designação era ser pastor de ovelhas. Seu diário fala de uma noite em que se encontrou com Erastus Snow. Diz que havia outro homem presente, chamava-se Henry Eyring. E na mesma noite, nalguma parte de St. George estava o Bispo Miles Romney. E conversaram sobre ovelhas. Talvez possam achar que falavam de coisas temporais. Não esses homens, pois sabiam que eram ovelhas de Deus e destinadas ao povo de Deus. E sabiam como ouvir, e também pôr em prática o que tinham ouvido.

John Bennion cumpriu outra missão no País de Gales, e voltou para este vale. Henry Eyring seguiu para a Colônia Juarez, assim como Miles Romney. E legaram-me uma tradição que aprecio profundamente. Foram os servos da Igreja, os soldados da Igreja e meus bisavós. Nos seus diários não se encontra menção aos cargos que ocuparam, apenas as instruções que ouviram e sabiam ser de Deus, e as seguiram. Sou grato por meus pais que me transmitiram essa herança ilibada. Sou grato á minha esposa que mais de uma vez ouviu quando eu estava surdo e bondosamente sugeriu: "Não quer orar a respeito?" Se meus filhos e filhas lhe derem ouvidos e por meio dela escutarem o que Deus deseja, passaremos o legado adiante.

Deus vive. Jesus é o Cristo, Joseph Smith viu de fato Deus e seu Filho, e recebeu todas as chaves do sacerdócio. E quem as retém hoje é o Presidente Kimball. Testifico que Deus ama seus filhos e pode dizer-nos o que é certo. Oro que todos nós tenhamos ouvidos para ouvir, para que ele nos possa guiar. Oro que eu possa servi-lo, bem como a vós, em nome de Jesus Cristo. Amém.

CONFIANÇA NO SENHOR

Bispo Glenn L. Pace

Segundo conselheiro no Bispado Presidente

"Tenho confiança de que o Senhor toma homens e mulheres aptos para o encargo que lhes é dado."



Presidente Kimball, nós o amamos. Antes de abordar o tema, quero desculpar-me com os aqui presentes e com os ouvintes pelo mundo afora que acompanham esta conferência por meio de intérpretes. Neste último ano, tive o privilégio de viajar bastante por vossos países, e sinto muito afeto e respeito por vós. Peço desculpas por não saber falar-vos em vosso idioma. Que o Senhor nos abençoe enquanto eu falar, para que possais escutar-me como se vos falasse pessoalmente em vossa língua. Talvez ainda chegue o dia em que nós, santos da "Frente Wasatch", teremos de usar fones de ouvido para entender o que se passa.

Espero conseguir comunicar-vos a humildade com que aceito este chamado. Eu acabo de ser desobrigado como segundo conselheiro. O que dizer quando um dia se é segundo conselheiro no bispado da Ala Bountiful XIII, e no dia seguinte segundo conselheiro no Bispado Presidente. No seminário de Representantes Regionais na sexta-feira de manhã, o Élder Russell M. Nelson lembrou que no ano passado ele estava sentado muito confortavelmente lá no fundo da sala durante idêntico

seminário. Mais tarde, no mesmo dia, teve uma entrevista que provocou uma reviravolta total em sua vida.

Na sexta-feira participei do seminário de Representantes Regionais, só que minha identificação não dizia "Representante Regional", mas "convidado". Às quatro horas da tarde, recebi uma carta assinada pelo Presidente Hinckley designando-me a falar treze minutos na sessão vespertina de domingo da conferência.

Minha primeira pergunta ao Presidente Hinckley não foi: "O que devo falar?", mas: "Como vou entrar?"

Ainda na quarta-feira à noite eu estava ensaiando uma peça teatral da ala. (A propósito, Irmã Lalli, onde estiver, sinto muito ter faltado ao ensaio de ontem.) Fui desobrigado do bispado em janeiro depois de servir quatro anos. Como eu gostava do meu chamado e dos irmãos com quem servi — o Bispo Lee J. Lalli e seu capaz e dedicado primeiro conselheiro, D. Ray Alexander — Lee J. e Ray como os chamava carinhosamente.

Desde minha desobrigação viajei muito e por isso fiquei sem chamado por dois meses. Naquele ensaio de quarta-feira, dei uma dica ao novo bispo, Russ Herscher que estava pronto para entrar na "liça". Espero que não me julgueis um sujeito pretensioso, mas sugeri à presidente da Primária, Susan Mabey, que gostaria de lecionar na Primária, de preferência a classe de minha filhinha de sete anos. Sei que a santificação não depende de nenhum chamado em particular, mas resulta de genuínos atos de serviço, muitas vezes sem nenhum chamado especial.

Agora, a despeito da humildade com que aceito este chamado, tenho plena confiança em minha capacidade de cumpri-lo. Não se trata de autoconfiança, mas confiança no fato de que o Senhor



torna homens e mulheres aptos para o encargo que lhes é dado. Por isso, declarou humilde mas categoricamente: "Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens, sem antes preparar o caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas." (1 Néfi 2:7.)

Irmãos e irmãs, jamais fui bispo. Desde sexta-feira à tarde sinto-me intrigado, quase que aturdido e assoberbado, perguntando-me como pode alguém ser chamado para integrar o Bispado Presidente sem ter sido bispo? Afligi-me vinte e quatro horas até ontem à tarde, quando o Presidente Hinckley impôs as mãos sobre minha cabeça e me ordenou bispo. Ouvi a voz do Senhor dizer em meu coração: "Não, Glenn, tu nunca foste bispo, mas agora és um bispo e sempre o serás."

Anos atrás, fiz um convênio com o Senhor. Prometi dar-lhe tudo que me pedisse, orando que esse gesto garantisse o perdão de minhas transgressões. Ontem dei-lhe a única coisa que me restava, uma coisa muito valiosa para mim e à qual me apeguei até o último momento. Jamais pensei nela como algo egocêntrico. Aquilo a que me refiro saiu voando pela janela quando liguei a televisão para acompanhar o noticiário e dei com minha foto no visor. Falo do único bem valioso que me restava — o anonimato.

Como eu adorava passar

despercebido! Não quero sentar-me de terno azul-marinho como as Autoridades Gerais no "aquário" durante as partidas de futebol americano da BYU! Quero estar nas arquibancadas com meu pai usando uma camiseta com os provocativos dizeres: "BYU # 1. FALOU!" Tenho licença e credenciais para ser antipático, provocativo! Nasci e me criei em Provo, Utah, Estudei em Provo. Fiz meus estudos universitários e de pós-graduação na BYU. Sou membro da Igreja e até mesmo trabalho para a Igreja. Minhas credenciais são irrefutáveis. Quero agir como doido nos últimos bancos do Estádio San Diego como o fiz nos últimos quatro anos na Taça Holiday — com exceção da partida com Ohio State (que derrotou sem apelação o time da BYU) quando caí em profunda depressão. Mas ainda tenho uma leve esperança: Talvez me deixem sentar ao lado do Élder Perry por ocasião dos jogos. Não obstante, desisto de meu precioso anonimato, exatamente como darei minha vida se me for requerido.

Amo o Senhor Jesus Cristo. Amo a transformação que sua expiação operou em mim. Os oradores que me precederam falaram dele com tanta eloquência. Quisera ter domínio da oratória para poder externar o que sinto nesta tarde de Páscoa. Gostaria de acrescentar meu simples testemunho aos que foram tão bem expressos. Eu me encontrava nas trevas e agora vejo

luz. Eu havia perdido toda confiança em mim e agora sei que tudo é possível ao Senhor. Eu antes sentia vergonha e agora ele "encheu-me com seu amor, até consumir a minha carne". (2 Néfi 4:21.) "Estarei eternamente cercado pelos braços de seu amor." (2 Néfi 1:15.)

Empenho minha mais profunda lealdade ao Bispo Hales e seu primeiro conselheiro, Bispo Eyring. Não trairei sua confiança. Externo meu amor e lealdade à Primeira Presidência, ao Conselho dos Doze Apóstolos, ao Primeiro Quorum dos Setenta e àqueles que amo acima de tudo, os membros da Igreja. Expresso meu amor a minha esposa; sem o seu amor e compreensão eu literalmente não me encontraria neste púlpito hoje. Amo meus filhos que também terão de ceder seu anonimato, bem como algum tempo de convívio com o pai. Como gostaria de poder abraçar meu filho mais velho que se encontra em missão nas Ilhas Cook!

Dou graças a Deus de haver nascido de boa família. Pedi a minha mãe que não tirasse minha foto quando ontem de manhã subi pela primeira vez aqui na tribuna! Mas o que seria de mim se durante meus anos de formação ela não tivesse demonstrado o mesmo orgulho e entusiasmo por tudo que eu conseguia, por pouco que fosse. Meu pai, Bispo Kenneth L. Pace, era bispo da Ala Bonneville da Estaca Provo Leste em minha adolescência. Ele continua para mim o supremo exemplo do puro amor de Cristo em toda sua vida.

Finalmente, compartilho convosco a prece de meu coração neste momento. Possa eu demonstrar em meu serviço a coragem de minhas convicções de maneira idêntica à do Bispo Victor L. Brown. Possa eu adquirir o inspirado, objetivo discernimento do Bispo H. Burke Peterson. E a franca, calorosa personalidade cristã do Bispo J. Richard Clarke. Que eu demonstre ao Bispo Hales o amor e a lealdade tão maravilhosamente exemplificados pelo querido irmão de Joseph Smith, Hyrum. E finalmente que nós, como bispado, cheguemos ao mesmo amor, respeito e união que havia no bispado da Ala Bountiful XIII com o Bispo Lee J. Lalli e D. Ray Alexander, em nome de Jesus Cristo. Amém.

TOMAR SOBRE SI O NOME DE JESUS CRISTO

Élder Dallin H. Oaks
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Ao participarmos do sacramento, “o testemunho de que desejamos tomar sobre nós o nome de Jesus Cristo constitui nossa declaração de candidatura à exaltação no reino celestial.”



Neste domingo de Páscoa, regozijamo-nos com a ressurreição do Senhor e Salvador, Jesus Cristo. É um dia sagrado para toda a cristandade. Incontáveis cristãos comparecem hoje a cultos de adoração a fim de participar do sacramento da Ceia do Senhor que muitos chamam de comunhão. (Ver I Cor. 10:16.)

Os membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias têm por mandamento participar semanalmente do sacramento. (Ver D&C 59:9, 12.) Assim fazendo, eles testificam a Deus, o Pai Eterno, conforme diz a bênção do pão, que “desejam tomar sobre si o nome de teu Filho, e recordá-lo sempre e guardar os mandamentos que ele lhes deu”. (D&C 2:77; Morôni 4:3.) São estes sagrados convênios que devemos ponderar durante o serviço sacramental.

Este domingo de Páscoa é bem apropriado para refletirmos sobre o que significa participar do sacramento. Vou ater-me à

primeira das solenes afirmações ao Pai Eterno: Que desejamos tomar sobre nós o nome de deus Filho. O que isto quer dizer?

A afirmação de que desejamos tomar sobre nós o nome de Jesus Cristo tem diversos sentidos. Alguns deles são óbvios e claramente entendidos até por nossos filhos. Outros são discernidos somente pelos que estudam as escrituras e ponderam as maravilhas da vida eterna.

Um dos significados óbvios é renovar a promessa que fizemos no batismo. Segundo as escrituras, as pessoas que se batizam testificam perante a Igreja “que se arrependeram verdadeiramente de todos os pecados e estão dispostos a tomar sobre si o nome de Jesus Cristo, com o firme propósito de servi-lo até o fim”. (D&C 20:37; ver também 2 Néfi 31:13; Morôni 6:3.) Quando participamos do sacramento, estamos renovando esse convênio e todos os outros que fizemos nas águas do batismo. (Ver Joseph Smith, *Doutrinas de Salvação*, 2:336, 340-41.)

Como segundo sentido óbvio, assumimos o nome do nosso Salvador ao nos tornarmos membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Esta igreja leva seu nome por um mandamento dele. (Ver D&C 115:4; 3 Néfi 27:7-8.) Todo membro, seja jovem ou velho, faz parte da “família de Deus”. (Efésios 2:19.) Como verdadeiros crentes, como cristãos, assumimos contentes o seu nome. (Ver Alma 46:15.) Como o Rei Benjamim ensinava: “Por causa do convênio que fizestes, sereis chamados progênie de Cristo, filhos e filhas dele, pois eis que neste dia ele vos gerou espiritualmente.” (Mosiah

5:7; ver também Alma 5:14; 36:23-26.)

Sempre que proclamamos publicamente a fé nele, nós também assumimos o nome de Jesus Cristo. Todos temos muitas oportunidades de proclamar nossa crença a amigos e vizinhos, colegas de trabalho e conhecidos. Como o Apóstolo Pedro ensinava aos santos de sua época, nós também devemos santificar o Senhor em nosso coração e estar “sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que (nos) pedir a razão da esperança que há em (nós)”. (I Ped. 3:15.) Isto estaremos guardando com o mandamento moderno: “Tomai sobre vós o nome de Cristo e falai a verdade com sobriedade.” (D&C 18:21.)

Um terceiro sentido é discernido pelos suficientemente amadurecidos para saber que um seguidor de Cristo é obrigado a servi-lo. Nas escrituras, muitas referências ao nome do Senhor parecem ser referências à obra do seu reino. Assim, quando Pedro e outros apóstolos foram açoitados, eles se regozijaram de “terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus”. (Atos 5:41.) Paulo diz a certos membros que haviam ministrado aos santos, que o Senhor não se esqueceria de sua obra e “do trabalho de caridade que para com o seu nome mostrastes”.





Membros do Primeiro Quorum dos Setenta, da esquerda para a direita: Élderes Jack H. Goaslind, Jr., Angel Abrea, H. Burke Peterson, Victor L. Brown. Segunda fila, da esquerda para a direita: Élderes Jacob de Jager, Vaughn J. Featherstone, Robert E. Wells.

(Heb. 6:10.) De acordo com esta interpretação, testificando o desejo de tomar sobre nós o nome de Jesus Cristo, indicamos nossa disposição de fazer a obra do seu reino.

Nestes três sentidos relativamente óbvios, vemos que assumimos o nome de Cristo quando somos batizados em seu nome, quando pertencemos a sua Igreja e professamos fé nele, e quando fazemos a obra do reino.

Existem ainda outros sentidos, sentidos mais profundos que os membros mais maduros da Igreja devem entender e ponderar quando participam do sacramento.

É significativo que ao participar do sacramento, não testificamos que *tomamos sobre nós* o nome de Jesus Cristo, mas sim que *desejamos fazê-lo*. (Ver D&C 20:77.) O fato de afirmarmos somente o desejo ou disposição indica que é preciso algo mais antes de realmente tomarmos sobre nós esse nome sagrado no mais importante sentido.

Que futuro evento ou eventos este convênio contempla? As escrituras sugerem duas sagradas possibilidades, uma concernente à autoridade de Deus, particularmente como exercida nos templos, e a outra, intimamente relacionada, concernente à exaltação no reino celestial.

O nome de Deus é sagrado. A oração do Senhor começa com estas palavras: "Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome." (Mat. 6:9.) Do Sinai veio o mandamento: "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão". (Êxo. 20:7; Deut.

5:11.) A revelação moderna equipara isto a usar o nome de Deus sem autoridade. "Portanto, que todos os homens se acautelem de como tomam em seus lábios o meu nome", adverte o Senhor na revelação moderna, pois "muitos há que... usam o nome do Senhor, e usam-no em vão, não tendo autoridade." (D&C 63:61-62.)

Consistentes com estas referências, muitas escrituras que se referem ao "nome de Jesus Cristo" são claramente referências à autoridade do Salvador. Este é sem dúvida o sentido quando os setenta comunicam a Jesus que "pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam". (Luc. 10:17.) Quando Doutrina & Convênios descreve os apóstolos desta dispensação como "os que desejarem de todo o coração tomar sobre si o meu nome", o faz no mesmo sentido. (D&C 18:27.) Mais adiante os Doze são chamados de "testemunhas especiais do nome de Cristo no mundo todo," e os que oficiam "sob a direção da Presidência da Igreja e em nome do Senhor". (D&C 107:23-33.)

À guisa de ilustração, o Velho Testamento contém muitas referências ao nome do Senhor num contexto significando claramente sua autoridade. A maior parte delas tem a ver com o templo.

Quando os filhos de Israel ainda não haviam atravessado o Jordão, o Senhor lhes disse que quando entrassem na terra prometida, haveria um lugar onde o Senhor seu Deus faria "habitar o seu nome". (Deut. 12:11; ver também

Deut. 14:23-24; 16:6.) Em revelações subseqüentes, o Senhor e seus servos se referem repetidamente ao futuro templo como uma casa "ao nome do Senhor", Deus de Israel. (Ver I Reis 3:2; 5:5; 8:16-20, 29, 44, 48; I Crônicas 22:8-10, 19; 29:16; II Crônicas 2:4; 6:5-10, 20, 34, 38.) Após a dedicação do templo, o Senhor apareceu a Salomão dizendo-lhe que santificara o templo "a fim de pôr ali o meu nome para sempre". (I Reis 9:3; II Crônicas 7:16.)

Assim, nas revelações modernas o Senhor fala dos templos como casas edificadas "ao meu santo nome". (D&C 124:39; 105:33, 109:2-5.) Na inspirada oração dedicatória do Templo de Kirtland, o Profeta Joseph Smith roga ao Senhor uma bênção para "teu povo sobre quem o teu santo nome será colocado nesta casa". (D&C 109:26.)

Todas essas referências aos templos antigos e modernos como casas edificadas "ao nome" do Senhor, obviamente implicam algo muito mais significativo que a mera inscrição de seu sagrado nome no edifício. As escrituras falam de o Senhor colocar seu nome num templo, porque ele dá autoridade para que seu nome seja usado nas sagradas ordenanças dessa casa. Isto é o que o Profeta quer dizer, quando fala de o Senhor "colocar" seu nome sobre seu povo nessa casa santa. (Ver D&C 109:26.)

O desejo de tomar sobre nós o nome de Jesus Cristo pode, portanto, ser entendido como desejo ou disposição de tomar sobre nós a autoridade de Jesus Cristo. Neste sentido, ao participar do sacramento testificamos o desejo de participar das sagradas ordenanças do templo e receber as maiores bênçãos acessíveis ao homem mediante o nome e pela autoridade do Salvador quando ele decide nos conferi-las.

Outro evento futuro que poderemos ter em mente quando testemunhamos o desejo de assumir esse sagrado nome, diz respeito ao nosso relacionamento com o Salvador e as incompreensíveis bênçãos que esperam aqueles que serão chamados pelo seu nome no último dia.

Dizia o Rei Benjamim ao povo: "E digo-vos... que não se dará

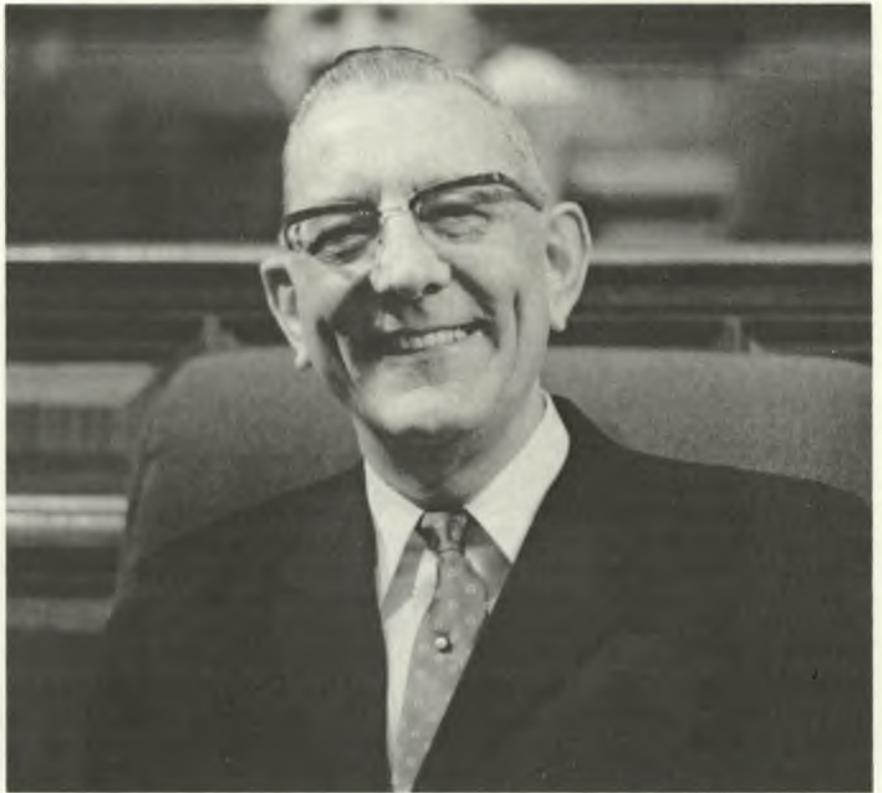
nenhum outro nome e não haverá nenhum outro caminho ou meio pelo qual os filhos dos homens possam obter a salvação, que não seja em nome de Cristo e através de Cristo, o Senhor Onipotente." (Mosiah 3:17; ver também 2 Néfi 31:21.) Pedro proclamou o "nome de Jesus Cristo, o nazareno" aos líderes dos judeus, afirmando-lhes que "debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos." (Atos 4:10, 12; ver também D&C 18:21.)

As escrituras proclamam que o sacrifício expiatório do Salvador foi pelos "que crerem em seu nome". Alma ensinava que Jesus Cristo, o Filho Unigênito do Pai, viria "libertar o mundo de seus pecados, sim, os pecados de todos os que crerem firmemente em seu nome". (Alma 5:48; 9:27; 11:40; Hel. 14:2.) Nas palavras do Rei Benjamim: "Quem quer que isso cumpra será encontrado à mão direita de Deus, porque saberá o nome pelo qual será chamado; pois que será chamado pelo nome de Cristo." (Mosiah 5:9.)

Assim, pois, aqueles que exercem fé no sagrado nome de Jesus Cristo, se arrependem dos pecados, entram em seu sagrado convênio e guardam seus mandamentos (ver Mosiah 5:8), têm direito ao sacrifício expiatório de Jesus Cristo. E quem assim fizer, será chamado pelo seu nome no último dia.

Ensinando os nefitas após a ressurreição, o Salvador se referiu à asserção escriturística que diz "deveis tomar sobre vós o nome de Cristo". E explicou: Porque por este nome sereis chamados no último dia. E todo aquele que tomar sobre si o meu nome e perseverar até o fim, será salvo no último dia." (3 Néfi 27:5-6.) O mesmo ensinamento é repetido numa revelação moderna que ainda adverte: "Se eles não conhecerem o nome pelo qual serão chamados, não terão lugar no reino do meu Pai." (D&C 18:25; ver também Alma 5:38.)

O Livro de Mórmon esclarece o que significa ser chamado pelo nome de Jesus Cristo. Quando o Salvador mostrou seu corpo espiritual ao irmão de Jared, apresentou-se como o Pai e o Filho, afirmando que mediante seu sacrifício redentor, toda humanidade que crese em seu



Elder Jacob de Jager, do Primeiro Quorum dos Setenta.

nome teria vida eterna através dele, e "se tornarão meus filhos e filhas". (Êter 3:14.) Abinádi diz, referindo-se àqueles que crêem no Senhor e nele esperam a remissão dos pecados: "Estes são a sua semente e os herdeiros do reino de Deus." (Mosiah 15:11.) E continua explicando:

"Porque estes são aqueles cujos pecados ele tomou sobre si; são aqueles por quem morreu, para redimi-los de suas transgressões. E não são eles sua semente?" (Mosiah 15:12.)

Falando através do Profeta Alma, o Senhor explica a importância desse relacionamento: "Pois que em meu nome são chamados; e se me conhecerem se levantarão, e terão um lugar à minha mão direita, eternamente." (Mosiah 26:24.)

Por essas grandes escrituras do Livro de Mórmon aprendemos que o Senhor Jesus Cristo assumirá os pecados daqueles que se qualificam pela fé e arrependimento, e pelo cumprimento das leis e ordenanças do evangelho. Em sentido espiritual e figurado, eles tornar-se-ão os filhos e filhas de Cristo, herdeiros do seu reino. Estes são os que serão chamados pelo seu nome no último dia.

Segundo este sentido, quando testificamos o *desejo* de tomar

sobre nós o nome de Jesus Cristo, estamos comprometendo a fazer tudo o que pudermos para alcançar a vida eterna no reino de nosso Pai. Estamos declarando nossa candidatura, nossa determinação de buscar com empenho a exaltação no reino celestial.

Os que serão considerados dignos de assumir o nome de Jesus Cristo no último dia são descritos nas importantes revelações registradas nas seções noventa e três e setenta e seis de Doutrina & Convênios. Ali o Salvador revelou a Joseph Smith que, se guardarmos os mandamentos de Deus, poderemos receber no devido tempo a "plenitude" do Pai. (D&C 93:19-20.) Ali o Salvador testifica que "todos os que são gerados através de mim são participantes da glória do (Pai), e são a Igreja do Primogênito". (D&C 93:22.) "São aqueles em cujas mãos o Pai pôs todas as coisas... Portanto, como está escrito, eles são deuses que "habitarão na presença de Deus e seu Cristo para todo o sempre". (D&C 76:55, 58, 62.) "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3; ver também D&C 88:4-5.) Este é o supremo significado de tomar sobre si o nome de Cristo.

AS RESPOSTAS VIRÃO

Élder Hans B. Ringger
do Primeiro Quorum dos Setenta

“Não conheço todas as perguntas que me farão ou como encontrarei soluções para elas. Mas sei que conseguirei uma resposta quando me ocupar com elas e orar a respeito.”

Quando o sacerdote profere a oração para abençoar o pão na mesa do sacramento, ele roga que todos os que dele comerem “testifiquem” a Deus, o Pai Eterno, “que desejam tomar sobre si o nome de (seu) Filho”. (D&C 20:77; Morôni 4:3.) Este testemunho tem diversos significados.

É uma renovação do convênio que fizemos no batismo de assumir o nome de Cristo e servi-lo até o fim. Também assumimos seu nome, professando publicamente fé nele, cumprindo nossas obrigações como membros da Igreja e fazendo a obra do seu reino.

Existe, porém, algo que ultrapassa esses significados familiares, pois o que afirmamos não é que *tomamos sobre nós* o seu nome, mas que *desejamos* fazê-lo. Neste sentido, nosso testemunho se refere a certo evento ou condição futura, cuja realização não é de nossa competência, mas depende da autoridade ou iniciativa do próprio Salvador.

As referências ao nome de Cristo, nas escrituras, muitas vezes significam a autoridade dele. Neste sentido, o desejo de tomar sobre nós o seu nome significa o desejo de tomar sobre nós a autoridade de Jesus Cristo nas sagradas ordenanças do templo e de receber as maiores bênçãos acessíveis através de sua autoridade, quando ele se decidir a nos conferi-las.

Finalmente, o desejo de assumir o nome de Jesus Cristo confirma o compromisso de fazer tudo que pudermos para sermos contados entre os que ficarão à sua direita e serão chamados pelo seu nome no último dia. Neste sentido sagrado, o testemunho de que desejamos tomar sobre nós o nome de Jesus Cristo constitui nossa declaração de candidatura à exaltação no reino celestial. Exaltação é vida eterna, “o maior de todos os dons de Deus”. (D&C 14:7.)

É isto que devemos ponderar quando participamos dos sagrados emblemas do sacramento. E assim fazendo, nos gloriamos na missão do Senhor ressuscitado, que viveu, ensinou, sofreu, morreu e ressuscitou para que toda a humanidade pudesse ter imortalidade e *vida eterna*. Disto eu testifico no sagrado nome de Jesus Cristo, de que sou testemunha. Amém.



Dois dias atrás, o Élder Packer nos explicou que nos primórdios da Igreja, os santos recebiam às vezes uma carta da “Caixa B”. E uma carta da “Caixa B” significava um chamado sem ter sido entrevistado primeiro. Os presidentes da Igreja chamavam membros a cumprir missão sem nenhum aviso prévio. Sinto-me assim hoje.

É um longo caminho da Suíça até esta tribuna na Cidade de Lago Salgado. Tive de cruzar diversas

fronteiras. Tive de pedir um visto para poder entrar neste país. Mas verifiquei que toda vez que precisei cruzar uma fronteira ou falar com pessoas, fui tratado amigavelmente. É exatamente do que preciso em minha designação: amigos. Tenho alguns sentados atrás de mim. E tenho outros sentados à minha frente.

Estou realmente feliz de estar aqui e poder servir. Não conheço no momento todas as perguntas que me farão ou como encontrarei soluções para elas. Mas sei que conseguirei uma resposta quando me ocupar com elas e orar a respeito. Se agir assim, sei que serei abençoado em tudo que fizer.

Sou muito grato pelos meus líderes do sacerdócio, meus pais, irmãs, irmãos, professores da Escola Dominical, por todos que me deram forças para cumprir as designações que me dão nesta vida. Tenho esperanças de poder servir de forma a agradar ao Senhor. Sou muito grato à Primeira Presidência por esse privilégio, de ser chamado para ser uma Autoridade Geral. Deixo-vos o testemunho de que sei que nosso Senhor vive, que Jesus é o Cristo, e que Joseph Smith é um profeta verdadeiro. Isto digo em nome de Jesus Cristo. Amém.



ESTA É A OBRA DO SENHOR

Élder Waldo P. Call
do Primeiro Quorum dos Setenta

Palavras de um recém-chamado membro do Primeiro Quorum dos Setenta



Meus caros irmãos e irmãs, esta é, como diriam nossos missionários, uma situação impressionante. Neste momento quero agradecer a meus pais o bom exemplo que me deram. Houve uma ocasião em minha vida — e minha mãe que possivelmente me esteja ouvindo, não sabe disso — em que o amor que eu sabia ela me tem, foi minha salvação. Uma noite ajoelhei-me para orar, como ela me ensinara. Estava prestes a jogar fora tudo que eu tinha. E começando a orar, lembrei-me dela e do amor que me tinha. Enquanto chorava e orava durante grande parte da noite, senti-me imensamente grato por saber que ela me amava.

Sou grato por minha esposa. Em todos estes anos que estamos juntos, tive certeza de que me ama. E é por causa desse amor que dedico a minha família e ela a mim, que estou aqui hoje.

Sou grato ao Presidente Kimball. Fiquei observando alguns jovens à minha frente enquanto cantávamos "Somos Gratos a Ti" (*Hinos*, n.º 147), e acho que gostariam de estar sentados aqui

no meu lugar, junto ao Presidente Kimball.

Sei que esta é a obra do Senhor. Sei que ele vive. Eu o sei. Sei que estes homens, a Primeira

Presidência e o Quorum dos Doze são profetas e apóstolos, videntes e reveladores, e que, se os seguirmos teremos a vida eterna. Digo isto em nome de Jesus Cristo. Amém.



ELE ESTÁ NO COMANDO

Élder Hélio da Rocha Camargo
do Primeiro Quorum dos Setenta

O “evangelho é o plano de felicidade para todos os filhos de Deus neste mundo”.



Meus caros irmãos e irmãs, não podeis sequer imaginar como me sinto aqui diante desta imensa e maravilhosa congregação de santos, convidado a falar neste tabernáculo histórico. Não sei como minhas pernas suportam o corpo neste momento; é uma experiência que nunca quis ter.

Quando o Presidente Hinckley me chamou e pediu que aceitasse este chamado, passou-me pela mente um incidente na história do povo de Deus, Israel, quando teve de enfrentar seus inimigos. Eles convocaram um grande exército de soldados vigorosos e se apresentaram ao Senhor para ir combater, e o Senhor não aceitou o exército. Ele o reduziu, e foi reduzindo até restarem apenas trezentos homens. E com este exército ridículo derrotou o inimigo e destruiu os inimigos de seu povo.

É isto que sinto com respeito ao meu chamado para esta posição. O Senhor me escolheu, usando minha fraqueza e incapacidade para provar que ele é Deus, ele é o Senhor, ele está no comando. Até

mesmo usando meu pobre e trôpego inglês ele consegue realizar sua obra. É por crer nisto — eu o sei, sei que ele vive, que está no comando, conforme disse ao Presidente Hinckley — que aceito este chamado com humildade, na certeza de que o Senhor está comigo. Ele dirige, ele governa, este é o seu reino.

Sei que o Senhor vive. Sei que o Presidente Kimball é um profeta, oh! como o sei! Poderia contar-vos algumas histórias, mas o tempo não permite. Sei que sou um filho de Deus e que este seu evangelho é o plano de felicidade para todos os filhos de Deus neste mundo, e digo isto em nome de Jesus Cristo. Amém.



DEUS TEM UM TRABALHO PARA NÓS

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

“Deus vos abençoe para que vossa influência para o bem alcance todos com quem conviveis.”



Estou certo de que foram momentos proveitosos (ouvindo o testemunho dos Élderes Ringger, Call e Camargo). Gostaria de que pudessem ter-se estendido mais. São três homens excelentes e sua simples presença aqui hoje, é para mim uma prova do grande poder e da divindade desta obra.

Adoro ler o relato da visita de Morôni ao adolescente Joseph Smith, daquela noite em que ele não passava de um garoto e um mensageiro vestido de branco apareceu diante dele em seu quarto. Ele era um rapaz do campo, com muito pouca instrução formal. Três anos antes, porém, tivera uma visão que nenhum outro homem de sua geração teve, ou mesmo em qualquer geração desde então; visão esta na qual lhe apareceram Deus, o Pai Eterno e o Senhor ressuscitado.

De acordo com o testemunho do Profeta, agora viera o Anjo Morôni “e disse que era um mensageiro enviado da presença de Deus, e que se chamava Morôni, que Deus tinha um trabalho a ser feito por mim; e que meu nome seria

conhecido por bem ou por mal entre todas as nações, famílias e línguas, ou que seria citado por bem ou por mal entre todos os povos.” (JS 2:33.)

O Irmão Ringger vem da Suíça. Sua avó foi convertida pelos missionários há muito tempo. Seu pai foi um homem de grande fé, um patriarca entre seu povo, num sentido muito literal. O Irmão Ringger foi presidente de estaca entre sua gente e Representante Regional. É um homem de fé. Seu inglês talvez não seja tão elegante quanto o vosso. Mas em seu coração arde uma profunda e flamejante convicção da veracidade desta obra. Profissionalmente é um renomado arquiteto em sua pátria. Acaba de ser reformado como coronel do Exército Suíço. Quando outro dia conversei com ele a respeito de deixar seus negócios e consagrar-se inteiramente à obra do Senhor e o que isto acarretaria, fitei seu rosto forte e vi lágrimas querendo brotar, só um pouquinho. Então ele disse: “Certo. Certo. Se é o que o Senhor deseja, é o que eu quero.”

O mesmo se deu com o Irmão Call, que nasceu e se criou no México, onde a pregação do evangelho tem sido tão frutífera, onde existem atualmente uns trezentos mil membros da Igreja que falam o belo idioma conhecido como espanhol.

E foi assim com o Irmão Camargo, que chegou aqui poucas horas depois de eu ter conversado com ele pelo telefone; apenas pegou suas coisas e veio, sem uma pergunta sequer, e que fala português, a língua do Brasil, essa extraordinária nação sul-americana.

Três países! “Deus tinha um trabalho a ser feito por mim... meu nome seria conhecido por bem ou por mal entre todas as nações,

famílias e línguas... que seria citado por bem ou por mal entre todos os povos.” Estes são apenas representantes dessa maravilha e milagre que estamos testemunhando em nosso tempo, a divulgação do evangelho restaurado por toda a terra, para a bênção dos filhos do Pai onde quer que estejam.

Irmãos e irmãs, chegou a hora de encerrarmos a conferência. Voltamos agora para casa. Levemos conosco um pouco da luz de inspiração que aqui recebemos. Cada um de nós deve ser melhor por haver estado aqui. Enfrentemos com renovada energia o que nos espera.

Quando eu era garoto, costumávamos cantar na Escola Dominical: “Nossa lei é trabalhar, trabalhar; trabalhar com alegria e cantar. Pois para nós e nossa grei, trabalhar é sempre a lei.” (Hinos, nº 153.)

Que Deus vos abençoe, meus queridos companheiros, que seu Santo Espírito continue em vosso coração, que seu Santo Espírito habite em vosso lar, que a fé floresça no círculo de vossos entes mais queridos, e que vossa influência para o bem alcance todos com quem conviveis, eu oro humildemente ao prestar-vos testemunho da divindade desta obra, e pela autoridade do santo sacerdócio em mim investida, invoco sobre vós as bênçãos dos céus. Em nome de Jesus Cristo, amém.



O Testemunho Sobrevive Após Morte do Apóstolo

por Gerry Avant



O Elder Bruce R. McConkie, falecido em 19 de abril passado, pouco depois da conferência geral, foi homenageado postumamente, em 23 de abril, como um homem excepcional... um servo de Deus com grande espírito de dedicação.

Elder McConkie, 69 anos, do Conselho dos Doze, lutou contra o câncer por mais de um ano, depois de uma cirurgia de câncer do cólon, a 20 de janeiro de 1984.

Retornou aos seus afazeres, que incluíam uma visita à América do Sul, enquanto continuava com o tratamento quimioterápico. No funeral, vários oradores mencionaram como Elder McConkie, já nos últimos dias recobrou as forças e levantou-se para falar na 155.^a Conferência Geral de 6 de abril — um poderoso e comovente testemunho do sacrifício expiatório de Jesus Cristo.

O Presidente Gordon B. Hinckley dirigiu os serviços fúnebres. O Presidente Spencer W. Kimball assistiu ao funeral, bem como o Conselho dos Doze, exceto os Élderes Neal A. Maxwell e Dallin H. Oaks, que permaneceram em suas designações na América do Sul, como um tributo ao Elder

McConkie, que tinha grande interesse na obra da Igreja neste continente.

Os oradores do funeral foram: Presidente Hinckley, Presidente Ezra T. Benson, os Élderes Boyd K. Packer e James E. Faust, do Conselho dos Doze. As orações foram proferidas por F. Britton McConkie e Oscar W. McConkie, irmãos do Elder McConkie.

O Presidente Hinckley disse: "O Senhor o colocou onde estava. O Senhor o levou. O Senhor o nomeou um Apóstolo com um propósito. Ele o levou por uma razão. Nós agradecemos a ele pelo que fez enquanto esteve conosco. Agora, com certeza, apreciaremos mais o que ele escreveu."

Ele falou do conhecimento que Elder McConkie tinha das escrituras e como as amava e da perseverança em cumprir os chamados. O Presidente Hinckley disse ainda: "mesmo no ano passado, quando já não estava bem, foi infatigável no serviço do Senhor, para abrir novas áreas, fortalecer a obra missionária, edificar os santos, prestar solene testemunho da divindade de Jesus Cristo e da restauração do evangelho."

O Presidente Benson disse que "a torre de força e discernimento"

do Elder McConkie, abençoou ricamente toda a Igreja. "Graças damos ao Senhor, pois o testemunho do Elder McConkie permanecerá para abençoar um mundo que tanto necessita dele. Ninguém, que tenha ouvido seu último discurso, jamais esquecerá de seu testemunho."

Ele disse que quando uma questão doutrinária chegava à Primeira Presidência e aos Doze, Elder McConkie era chamado para elucidar e comentar o assunto.

"Quando penso em Bruce, penso nesta promessa do Senhor, em Doutrina e Convênios: 'Abri vossa boca e ela se encherá, e vos tornareis como Néfi de outrora...'" (D&C 33:8.)

Disse ainda que Elder McConkie podia facilmente ensinar o evangelho porque ele entendia o evangelho.

Elder Packer relatou três incidentes nos quais a vida do Elder McConkie foi poupada: ao nascer, quando pensaram que ele havia nascido morto; enquanto jovem, quando a perna ficou presa no estribo do cavalo, enquanto este corria desgovernado; e, recentemente, quando viveu mais de um ano além do previsto pelos médicos. Sua vida foi poupada no princípio, disse Elder Packer, porque havia uma obra a ser realizada. "Para mim, houve um grande apogeu de realizações no ministério do Elder McConkie", disse ele. Alguns podem não concordar, porque ele realizou muitas coisas, mas estou certo, quase certo disto. Se já existiu um homem com um justo propósito, este homem foi Bruce R. McConkie. Isto estava relacionado com as escrituras."

A Primeira Presidência e os Doze desempenharam um importante trabalho na publicação das novas edições das escrituras, mas isso não poderia ter sido feito sem o Elder McConkie. "Sua preparação começou em casa, onde o pai e a mãe encorajavam debates escriturísticos à mesa. Antes da missão, leu o Livro de Mórmon três vezes."

Com emoção na voz, Elder Packer falou de seu relacionamento pessoal com Elder McConkie: "Na quinta-feira passada, reunidos no templo, a mensagem veio dele e de sua (esposa) Amélia: Ele agora estava pronto para partir; pediríamos ao

Senhor? Ao altar isto foi feito. No dia seguinte, a pedido de Amélia, sua família se ajoelhou ao redor da cama para a derradeira oração familiar. Seu filho Joseph foi o porta-voz. Estavam prontos para deixá-lo partir e, no momento exato em que pediram isto ao Senhor, a morte chegou. Foi uma suave e doce experiência para a família."

Élder Faust falou da estatura de 1,98m do Élder McConkie, chamando-o de "um gigante" cujos pés tamanho 46 foram medidos três vezes pelos olhos arregalados de um engraxate, aqui no Brasil. "Como podemos medir suas poderosas mensagens, seu grande conhecimento e seus prodigiosos escritos sobre o evangelho?"

Ele disse que Élder McConkie está além da medida. "Sua contribuição à Igreja e ao mundo não pode ser calculada com precisão. Para mim, o maior tamanho de Bruce R. McConkie é o do coração, do calor do seu espírito e da profundidade do testemunho... Nós o medimos por seu pronto sorriso, grande senso de humor e pela caridade do coração."

O Élder McConkie serviu no Conselho dos Doze, desde outubro de 1972. Antes disto, serviu vinte e seis anos no Primeiro Quorum dos Setenta, ao qual foi chamado em 1946, aos trinta e um anos.

Ele foi membro do Conselho Missionário Executivo da Igreja, da Junta Educacional e da Junta de Administradores da Universidade Brigham Young. Bruce R. McConkie nasceu a 29 de julho de 1915, em Ann Arbor, Michigan, EUA; o primeiro dos seis filhos de Oscar W. e Vivian R. McConkie. Casou-se com Amélia Smith, em outubro de 1937, no Templo de Lago Salgado.

Deixa esposa e a mãe, de 95 anos de idade. Deixa oito filhos: Vivian Adams, Joseph Fielding McConkie, Stanford Smith McConkie, Mary Ethel Donoko, Mark Lewis McConkie, Rebecca Pinegar, Stephen L. McConkie, Sara Jill Fenn, quarenta e seis netos e um bisneto. Um dos filhos, Bruce R. McConkie, Jr., morreu na infância.

Estão vivos três irmãos e uma irmã: F. Britton McConkie, Margaret Pope, Oscar W. McConkie Junior e William R. McConkie. Seu outro irmão faleceu antes dele. □

Novo Presidente, Seis Novos Membros dos Setenta; Novo Bispado Presidente



A sessão de abertura da conferência geral, no sábado, 6 de abril, foi marcada pelo anúncio feito pela Primeira Presidência do chamado do Élder Wm. Grant Bangerter, do Primeiro Quorum dos Setenta, para a presidência deste quorum, a desobrigação do Bispado Presidente — Bispo Victor L. Brown, Bispo H. Burke Peterson e Bispo J. Richard Clarke — e o chamado do Bispado Presidente desobrigado para o Primeiro Quorum dos Setenta.

A Primeira Presidência anunciou também o chamado de mais três membros do Primeiro Quorum dos Setenta — Élder Hans Benjamin Ringger, da Suíça, Élder Waldo Pratt Sr., do México e Élder Hélio da Rocha Camargo, do Brasil — bem como o chamado do Élder Robert D. Hales, do Primeiro Quorum dos Setenta como Bispo Presidente, com o Bispo Henry B. Eyring como primeiro conselheiro e Bispo Glenn L. Pace como segundo conselheiro no Bispado Presidente.

As adições feitas ao Primeiro Quorum dos Setenta elevou o número de membros ativos daquele quorum para cinqüenta e três. Há também seis Autoridades Gerais Eméritas do Primeiro Quorum dos Setenta.

Élder Wm. Grant Bangerter foi chamado à Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta para preencher a vaga deixada pelo falecimento do Élder G. Homer Durham a 10 de janeiro. Membro do quorum desde sua organização em 1976, estará servindo na presidência do mesmo pela segunda vez.

Anteriormente ao seu chamado, servia como membro da Presidência da Igreja para Nordeste da América do Norte. Continuava como Diretor Executivo do Departamento de Templos.

Élder Bangerter começou seu serviço como Autoridade Geral em abril de 1975, como Assistente do Conselho dos Doze. Desde esse chamado, foi Presidente da Missão Internacional, Diretor Administrativo do Departamento Genealógico e Supervisor de Área para o Brasil, Colorado e Nevada.

Cumpriu missão no Brasil de 1939 a 1941 e retornou como presidente de Missão de 1958 a 1963. Em 1974 foi chamado pela Primeira Presidência para abrir a Missão Portugal Lisboa. Da posição de presidente de Missão foi chamado para Autoridade Geral.

Ele e a esposa, Geraldine Hamblin Bangerter, têm cinco filhos e cinco filhas, três dos quais

O Élder Victor L. Brown e o Élder H. Burke Peterson foram designados para a presidência do Templo de Lago Salgado e do Templo do Rio Jordão, respectivamente.



O Élder J. Richard Clarke foi designado Presidente da Missão África do Sul Cape Town, e o Bispo Robert D. Hales foi chamado para o Bispado Presidente.

Representante Regional, presidente de estaca e bispo antes do chamado como primeiro conselheiro no Bispado Presidente, em 6 de abril de 1972. Era engenheiro civil consultor em Phoenix, Arizona, na ocasião do chamado.

Além dos deveres relativos ao Bispado Presidente, servira também em vários comitês nacionais dos Escoteiros da América.

É natural da Cidade do Lago Salgado. Ele e a esposa, Brookie Cardon Peterson, têm cinco filhas.

Élder J. Richard Clarke foi designado presidente da Missão África do Sul Cape Town, área em que cumpriu missão quando jovem. Iniciará seus serviços a partir de 1º de julho.

Autoridade Geral desde outubro de 1976, quando foi chamado como segundo conselheiro no Bispado Presidente, Élder Clarke havia servido como bispo, presidente de missão de estaca, presidente de estaca e Representante Regional em sua terra natal, Idaho.

Era executivo de importante companhia de seguros, antes de ser chamado como Autoridade Geral.

Ele e a esposa, Barbara Jean Reed Clarke, têm 8 filhos.

Bispo Robert D. Hales servira como Presidente da Área Sudoeste da América do Norte e como primeiro conselheiro na Presidência Geral da Escola Dominical, na ocasião do chamado para o Bispado Presidente. Tem servido como Autoridade Geral desde que foi apoiado Assistente do Conselho dos Doze, em 1975.

Foi Representante Regional durante cinco anos, antes de seu chamado como Autoridade Geral. Servira também como presidente de ramo, bispo, sumo conselheiro e presidente de estaca. Foi presidente da Missão Londres Inglaterra, de 1978 a 1979.

Anteriormente ao chamado como Autoridade Geral, era vice-presidente da Chesebrough Pond's, Inc. e servira em cargos executivos para empresas nos Estados Unidos e Europa. Ele e a esposa, Marly Elene Crandall Hales, têm dois filhos. □

são filhos da primeira esposa, Mildred Lee Schwantes, falecida em 1952. Élder Bangerter é natural de Granger, Vale do Lago Salgado.

Élder Victor L. Brown, que serviu como Bispo Presidente desde abril de 1972, foi designado presidente do Templo de Lago Salgado, a partir de 1º de junho de 1985. Sucede a Élder Marion D. Hanks, outro membro da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, recentemente designado diretor-executivo do Departamento de Correlação da Igreja.

Élder Brown serviu como Autoridade Geral desde 1961, quando foi chamado como segundo conselheiro no Bispado Presidente.

Servira anteriormente, como bispo e conselheiro na presidência da estaca em Denver, Colorado.

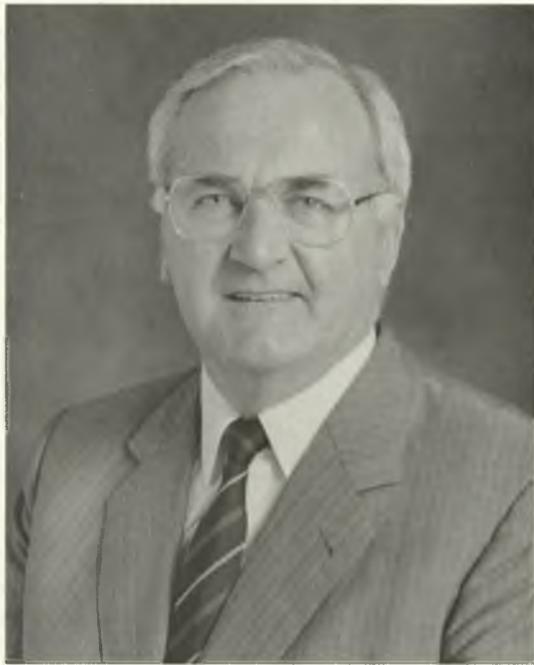
Como Bispo Presidente tinha responsabilidade por sete principais departamentos da Igreja. Foi também diretor, administrador, e consultor de várias instituições ou organizações educacionais, culturais, cívicas e comerciais.

Élder Brown é natural de Calgary, Alberta, Canadá. Ele e a esposa, Lois Kjar Brown, são pais de três filhos e duas filhas.

Élder H. Burke Peterson foi designado presidente do Templo de Jordan River, sucedendo ao Presidente Donovan H. Van Dam a partir de 1º de junho.

Élder Peterson servira como

Élder Hans B. Ringger, do Primeiro Quorum dos Setenta



Élder Hans Benjamim Ringger não é uma pessoa inexperiente aos novos chamados da Igreja. Serviu como presidente do quorum de élderes, bispo, presidente de estaca e Representante Regional antes de receber o novo chamado de membro do Primeiro Quorum dos Setenta.

Nascido a 2 de novembro de 1925, em Zurich, Suíça, foi ativo na Igreja durante toda a vida. Sua avó, Elizabeth Zebeli Ringger, filiou-se à igreja em 1896, e seus pais Carl Ringger, Jr. e Maria Reif foram também membros ativos. Ele é o sexto numa família de dez filhos. "Sempre tive bons exemplos", diz ele sobre sua família. "Sinto que ser diligente na Igreja é a maneira de aprender como o evangelho opera e de ganhar testemunho."

Sua esposa, Helene Susy Zimmer Ringger, é também a terceira geração de membro da Igreja. O casal se conheceu no baile de Sylvesterabend (Véspera de Ano-Novo) da Igreja em 1949. Casaram-se em 1952 e foram selados no Templo da Suíça em 1955, depois que foi concluído. Têm um filho e

três filhas.

O chamado foi uma surpresa para os Ringgers. Estavam na Cidade do Lago Salgado para assistirem ao Seminário de Representantes Regionais e haviam planejado ficar para a conferência. Quinta-feira à noite, irmão Ringger recebeu um telefonema, perguntando se ele poderia encontrar-se com o Presidente Hinckley. Seus filhos não suspeitaram. Irmão Ringger e as três filhas estavam sentados juntos no Tabernáculo durante a conferência, na sessão matutina de sábado. Quando ouviram o nome do pai durante o apoio, as três filhas voltaram-se ao mesmo tempo, dizendo "was" (que significa "o quê?" em alemão).

Élder Ringger, engenheiro eletricitista profissional, graduou-se em 1949. Mais tarde seu sogro, arquiteto que ajudou a construir o Templo da Suíça, sugeriu que estudasse arquitetura. Irmão Ringger retornou à escola, formando-se em 1959 em arquitetura, pela Universidade Técnica da Suíça, em Zurich. Ele acha que uma pessoa nunca é velha

demais para mudar ou aprender. "Tenho duas profissões... Começarei a terceira profissão agora."

Como bispo e presidente de estaca aprendeu muito sobre responsabilidade e fala favoravelmente de suas experiências como líder local da Igreja, onde diz, "foram os grandes testemunhos de membros fiéis que tiveram maior significado em minha designação".

Os Ringgers apreciam música, esquiar e andar de bicicleta. Élder Ringger é o único da família que não toca nenhum instrumento musical. "Ele é um bom ouvinte", diz a irmã Ringger. "Eu toco rádio", ele ri. Apreciam cantar — especialmente canções antigas da Igreja que não são mais cantadas nas reuniões.

Élder Ringger gosta muito de ler. Certa vez, quando lhe pediram numa reunião familiar, que descrevesse o passatempo predileto de seu pai, Regula disse que ele lia "somente coisas sagradas". Gosta especialmente de escrituras e história. "Para mim, escrituras são histórias", diz Élder Ringger. "É possível compreender as pessoas somente quando se conhece suas experiências... Quando se sabe por que são como são, onde estão e o que fizeram nos séculos passados pode-se compreender as pessoas". Coleciona as primeiras edições do Livro de Mórmon em diferentes idiomas e tem exemplares em todas as línguas, exceto espanhol e norueguês.

Ganhou o testemunho do evangelho pelo exemplo de membros da Igreja. "Todas as pessoas ao meu redor eram mórmons, assim vi o resultado do evangelho — nas famílias — e sei que ele é realmente verdadeiro... Obtive testemunho através de trabalho e experiências", diz ele.

Ativo em política e em muitos comitês profissionais na Suíça, Élder Ringger diz que para ser feliz, devemos andar a segunda milha. "A vida é o tempo para crescer — ganhar experiências e força. E somente podemos obtê-las quando andamos a segunda milha. Para mim, a segunda milha é uma parte da lei da consagração. Com a lei da consagração não temos limites." □

Élder Waldo Pratt Call, do Primeiro Quorum dos Setenta



Após sua desobrigação, em 1º de julho, da Missão do Uruguai Montevidéu, onde tem servido como presidente, Waldo e Beverly Call planejaram retornar à casa na Colônia Juarez. Lá, pretendiam colocar os negócios de sua fazenda em ordem, deixá-la nas mãos dos filhos, e encontrar uma casa temporária perto do Templo, onde pudessem servir, fazendo a obra vicária.

As coisas não ocorrerão exatamente dessa maneira. Realizarão seus desejos de continuar servindo — mas será através da nova designação do Élder Call no Primeiro Quorum dos Setenta. Tampouco não era o que se esperava deles. “Isto mudará completamente nossa maneira de viver, é claro.” reflete ele.

“Sempre quis estar a serviço mais do que qualquer outra coisa,” acrescenta irmã Call. “Não faz a mínima diferença o que lhe é requerido fazer na Igreja, ele está pronto.”

A vida sempre tem sido desta maneira para Waldo Pratt — quando foi chamado como Representante Regional para uma extensa área no México como

presidente de estaca da Colônia Juarez, sumo conselheiro, conselheiro do bispo e chefe de escoteiros. Tem servido nos chamados da Igreja quase continuamente, desde que se tornou membro da presidência do quorum dos diáconos, quando menino.

Em seu serviço, seu amor pelas pessoas tem sido sempre evidente. Como presidente de Missão, tem enfatizado que a primeira preocupação de um missionário não deve ser atingir quotas, mas encontrar famílias que ainda não ouviram o evangelho e dar-lhes a oportunidade.

Em seu novo chamado, diz ele, “Sinto-me profundamente humilde e fraco. Mas sinto que (freqüentemente, ele inclui a esposa em suas referências) podemos amar as pessoas. Podemos ensinar-lhes senso comum no evangelho — princípios básicos do evangelho de fé, arrependimento, batismo, o dom do Espírito Santo, honestidade, paciência e amor.”

E de que maneira o chamado afetará a irmã Call? Será uma oportunidade de “estar com ele, de

compartilhar seus altos e baixos”, responde ela.

“Ela sempre tem estado lá quando desanimado”, diz ele. “Ela tem sido amável e paciente e sempre salienta coisas positivas.”

A Irmã Call diz que seu esposo demonstra muita força de vontade para com o novo chamado. Talvez a maior delas seja obediência. “Ele é totalmente obediente aos Irmãos, à doutrina da igreja e ao Senhor e ele sempre o tem sido.”

Mas oferece outro apoio também. “Jamais salienta o negativo com relação às pessoas. Seu método de ensino é dar ênfase ao positivo.”

Seu filho Pratt salienta que o pai aprendera liderança através de experiência na Igreja. Além disso, as pessoas confiam nele porque conhecem sua honestidade e tem uma admirável “capacidade de trabalhar duro. Jamais teme ao executá-lo.”

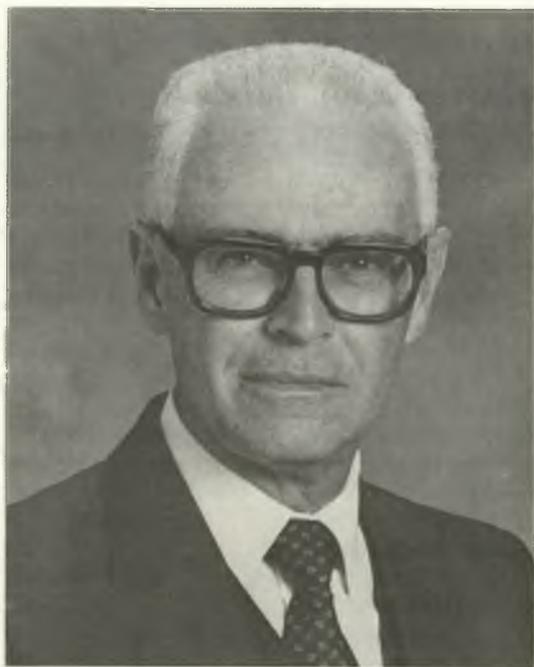
Waldo Pratt Call, Sr., nasceu na Colônia Juarez, em 5 de fevereiro de 1928. Ele e a esposa eram namorados durante o curso colegial; conheceram-se na Academia da Estaca de Juarez. Eles têm sete filhos: Sandra (Sra. John Hatch); Rebeca; W. Pratt Call, Jr., Robert David; Mark Anson; Nancy e Jon Dana. Têm dezoito netos.

Élder Call diz que aprendeu serviço e trabalho duro de seus pais, Charles Helaman e Hannah Skousen Call. (Charles Helaman Call era neto de Helaman Pratt, filho do Élder Parley P. Pratt, do Conselho dos Doze). Charles e Hannah Call ensinaram seus treze filhos a trabalhar e estabeleceram um exemplo de serviço da igreja. Quando estavam suficientemente desenvolvidos para receber designações da Igreja, essas designações tinham prioridade sobre os trabalhos domésticos se houvesse conflito.

Élder Call graduou-se pela Universidade de Brigham Young em 1955 como bacharel em agronomia e horticultura. Além de administrar seu pomar (maçãs, pêssegos, peras) e fazenda, lecionou durante 9 anos, na Academia da Estaca de Juarez, matérias variando de música a matemática e anatomia.

Com esses ricos conhecimentos e devoção ao evangelho, Élder Call agora prepara-se para este importante serviço no reino do Senhor. □

“Um Caminho de Aventuras”



A flexibilidade está entre seus muitos atributos.

O caminho que levou de sua carreira como oficial no Exército brasileiro a uma vida tranqüila de fazendeiro e membro do Primeiro Quorum dos Setenta foi aventureiro para Hélio da Rocha Camargo.

Para ele, a flexibilidade tem sido um atributo importante — a disposição de aceitar e se ajustar às mudanças. Operou mudanças drásticas em sua carreira profissional, uma das quais envolvendo não somente seu modo de vida mas também sua crença religiosa há muito acalentada.

Todavia, a disposição para efetuar modificações e nadar contra a correnteza sempre foi a característica da família Camargo.

O sobrenome Camargo não é de origem portuguesa como a maioria em nosso país, mas espanhola. O primeiro representante de sua linhagem vindo ao Brasil, aqui aportou na época do Brasil colônia, em um navio espanhol que se dirigia ao Peru. Ficou tão

impressionado com o país que decidiu deixar a embarcação e ficar com os novos amigos.

“Ele é o ancestral de todos os Camargo daqui”, explica Irmão Camargo.

Outrossim, em uma nação predominantemente católica, seus antepassados estavam entre a minoria protestante que perfazia 10% da população.

Prossegue ele: “Meu pai era metodista e minha mãe presbiteriana.” O primeiro faleceu quando Hélio tinha doze anos de idade.

Quando o jovem Hélio chegou à idade de escolher uma carreira, escolheu a Escola Militar e tornou-se oficial no fim da Segunda Guerra Mundial. Continuou no Exército sob o comando de um oficial chamado João Figueiredo.

O caminho desses dois homens cruzou-se novamente anos mais tarde, quando Figueiredo era general e Camargo se tornara um civil e santo dos últimos dias.

Ele sempre fora quase um SUD por muitos anos, sem o

reconhecer. “Eu não fumava, nem bebia. Fiquei impressionado com a vida dos jovens missionários da Igreja. Tinham boa aparência, eram asseados e estavam dando de seu tempo para ensinar o evangelho. Pensei que gostaria de ter meus filhos criados daquela maneira.”

Sua carreira foi interrompida por um ferimento causado por um tiro acidental, que o incapacitou por algum tempo. Após a cura e exoneração do Exército, entrou no mundo dos negócios. Isto, porém, não o satisfazia e matriculou-se em um seminário metodista, com a esperança de vir a ser ministro naquela religião. Uma das matérias incluía o estudo de doutrinas de outras igrejas. Nessa ocasião, Irmão Camargo fez uma pergunta sobre os mórmons, que ninguém conseguiu responder. Recebeu a incumbência de encontrar um membro da Igreja e convidá-lo a explicar suas crenças à classe. Entrou em contato com o escritório da Missão em São Paulo e o presidente mandou dois élderes realizarem a tarefa.

“Não apenas explicaram o que queríamos saber, mas também pregaram o Mormonismo e nos convidaram ao batismo.

“Admiramos sua audácia e reconhecemos que tinham muita fé e coragem.”

A partir desse encontro com os missionários, teve início um conflito entre os líderes do seminário e ele, resultando no fim de seus estudos.

“Disse-lhes que não poderia batizar criancinhas até que estivesse convencido da validade dessa doutrina.”

Nos oito meses seguintes, estudou e ponderou religião; leu “Uma Obra Maravilhosa e um Assombro”, do Élder LeGrand Richards, do Conselho dos Doze. Finalmente se convenceu de que o evangelho, conforme ensinado pela Igreja, era verdadeiro e solicitou aos missionários que o visitassem e ensinassem, assim como a sua esposa.

O testemunho de um élder que estava terminando a missão comoveu-o particularmente. Irmão Camargo não pôde deixar de notar

que seu terno e sapatos estavam bastante gastos. O élder falou-lhes de seu pai, um humilde lojista que lutara muito para mantê-lo na missão.

“Disse a minha esposa: ele não é rico; na verdade é um rapaz pobre e ainda vem e passa dois anos ensinando-nos o evangelho.”

A família foi então batizada, para o descontentamento de outros parentes que permaneciam contrários à Igreja.

Ao mesmo tempo que estudava o Mormonismo, também se dedicava ao estudo de

Administração de Empresas. Trabalhou para algumas grandes companhias e depois iniciou um negócio próprio de equipamentos para fazendas. Finalmente se tornou fazendeiro.

Lembra de que quando se filiou à Igreja, em 1957, menos de mil brasileiros eram santos dos últimos dias. Hoje o número de membros da Igreja é de aproximadamente 230.000. Foram organizadas estacas e um templo foi erguido.

Os cinco filhos vivos do casal foram selados no Templo. São eles: Fernando José da Rocha Camargo,

casado com Sueli Fernandes de Souza, atualmente presidente de estaca. Têm três filhos.

Paulo Sérgio, casado com Solange Cristina Rego, conselheiro numa presidência de estaca. Têm dois filhos.

Márcia, casada com Atílio Perovane, conselheiro na Missão Rio de Janeiro. Têm uma filha.

Josué, casado com Sandra A. Calandrelli, conselheiro numa presidência de Distrito. Têm dois filhos.

Milton, conselheiro num bispado, casado com Patrícia Brito. Têm três filhos.

Tércio, falecido aos 21 anos.

Três deles cumpriram missão de tempo integral, assim como o genro, tornando-se realidade o sonho de ver os filhos semelhantes aos missionários mórmons.

“A Igreja foi a maior ajuda que tivemos na educação de nossa família. Nossos filhos têm sido exemplo para todos os outros parentes.”

Hoje, ao supervisionar os assuntos de sua região, lembra-se do tempo em que havia ali somente dois distritos e sonhavam com a organização de estacas. Atualmente a região conta cinco estacas.

“Nossa maior necessidade é o desenvolvimento de liderança. Estamos trabalhando muito com isso e tentando trazer à Igreja membros inativos. Temos feito muitos batismos e a Igreja está crescendo rapidamente.”

Mesmo com este grande crescimento, ainda há um longo caminho a percorrer para que a Igreja se torne predominante no Brasil, com sua população de mais de 100 milhões de habitantes.

“Quando o Presidente Hinckley me perguntou se eu aceitaria este chamado”, diz o Élder Camargo, “disse-lhe que o faria porque sei que esta é a Igreja de Jesus Cristo e ele está no comando. Eu sei que, com a ajuda do Senhor, posso realizar essa obra — mesmo diante de minhas limitações. Não tenho qualquer dúvida de que ele esteja no comando.” □



Élder Rex D. Pinegar, à esquerda, do Primeiro Quorum dos Setenta, Élder J. Thomas Fyans, da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta e irmã Ardeth G. Kapp, presidente-geral das Moças.

Henry B. Eyring, Primeiro Conselheiro no Bispado Presidente



"Tem certeza de que está fazendo a coisa certa com sua vida?", perguntou sua esposa Kathleen Johnson Eyring.

A pergunta surpreendeu o professor Henry Bennion Eyring. Estava no auge de sua bem sucedida carreira, tendo prazer em lecionar numa faculdade em uma das principais universidades do país. Encantava-se com o relacionamento da família da esposa, a beleza natural de Palo Alto, e o ambiente geral físico e espiritual de sua vida.

Para um homem instruído em Física e Administração, servir como bispo de uma crescente família, a resposta lógica era evidente. Como sua esposa, Kathleen, porém, o bispo Eyring aprendera que a voz do Espírito freqüentemente transcende a lógica. Desta forma, a única resposta certa a esta pergunta surpreendente seria através de oração.

No prazo de um mês após aquela oração, fui convidado a ser o presidente do Ricks College",

lembra o bispo Eyring.

Quando jovem, aprendera do pai, o renomado cientista Henry Eyring, a jamais se preocupar com o futuro. "Faça somente as lições de casa e veremos o resultado do teste amanhã", diria seu pai. Durante toda a vida esta simples declaração ajudou Henry B. Eyring a estar preparado para dar o melhor de si — como estudante, e depois como missionário quando militar na Base da Força Aérea de Sandia, então na presidência do distrito de Cambridge Massachusetts, durante a faculdade, como bispo em Stanford, como presidente do Ricks College, como Comissário de Educação da Igreja e agora como membro do Bispado Presidente da Igreja.

Com casais como os Eyring é sempre impossível saber qual dos dois está certo, quando um atribui ao outro como sendo a força espiritual do lar. Os dois tornaram-se um em propósito.

"Certa vez, enquanto acampados", conta a irmã Eyring,

"um forte vento exigiu que Hal segurasse a estaca da barraca na areia durante toda a noite. Durante os últimos vinte e dois anos de nossa vida de casados ele tem 'segurado a barraca' tanto nas horas calmas quanto na tempestade".

Acrescenta ainda que durante o desastre da Represa Teton, estava presente, removendo a lama, esfregando paredes, bem como organizando grandes refeições na faculdade e participando na distribuição de suprimentos e recursos. "Sua capacidade de ser metódico e criativo, forte, porém submisso, tem enriquecido minha vida imensuravelmente", diz a elegante e afável mãe de seis, que não mostra como poderia tê-lo derrotado no tênis em seu primeiro encontro.

Modestamente, ele insiste que foi ela quem estabeleceu o exemplo em Rexburg. E atribui a ela qualquer bem que tenha sido capaz de realizar lá.

Freqüentemente, sem se importar quão cedo a irmã Eyring se levante pela manhã, seu marido está de pé, põe a mesa e prepara um desjejum maravilhoso. Seja holinhos ou biscoitos, o prato principal é sempre as escrituras.

"Ele tem ensinado o evangelho em nosso lar com grande clareza e convicção, a fim de tornar tudo mais claro para o nosso entendimento", afirma ela, "ele tem vivido isto."

Seu amor à pintura com aquarela, por exemplo, encontra expressão ao criar materiais bem elaborados e coloridos para a reunião familiar, exemplificando o lema, "ser o melhor que puder".

O pai da irmã Eyring recentemente oficiou o casamento do filho mais velho, Henry e Kelly Ann Child, no Templo de Lago Salgado. Stuart está cumprindo missão no Japão, onde Henry também serviu. Matthew e John estão servindo no quorum do Sacerdócio Aarônico, preparando-se para a missão. O casal Eyring tem duas filhas, Elizabeth e Mary Kathleen. □

Glenn L. Pace, Segundo Conselheiro no Bispado Presidente



Cerca de doze anos atrás, Glenn Pace começou a avaliar as metas de sua vida — e as considerou deficientes. Aproximadamente aos trinta anos havia concluído o curso superior e mestrado pela Universidade de Brigham Young, trabalhara para duas filiais da "Big Eight", firma de contabilidade, e foi administrador-chefe financeiro para uma companhia de desenvolvimento regional. Suas metas profissionais eram de fácil alcance; seu potencial de ganhar, ilimitado.

Mas sentia-se também, profundamente insatisfeito e inseguro com respeito à direção que deveria tomar. "Tenho tentado conservar a "barra de ferro" e a "barra de ouro", ambas ao mesmo tempo, pensa o Bispo Pace. Quando decidi submeter minha vontade ao Senhor, quase de um dia para outro as nuvens se dispersaram e vi uma nova direção.

Sua mudança na orientação levou-o a solicitar o cargo de gerente de contabilidade no Departamento de Bem-estar da Igreja. Não foi admitido por quatro meses. Mas tinha tanta certeza de que trabalharia para a Igreja, de modo que nesse ínterim, trocou

seu luxuoso carro por um Volkswagen, a fim de se adaptar à mudança no estilo de vida. Emergiu deste período de transição determinado a dar o que quer que o Senhor requeira. A 6 de abril, o Senhor exigiu seu serviço de tempo integral, quando foi apoiado como segundo conselheiro no Bispado Presidente.

Quando adolescente, Glenn Pace já havia aprendido muito sobre intangibilidade no servir ao Senhor, observando o trabalho de seu próprio pai. Kenneth Pace era o tipo de bispo, cuja radiante bondade cativava o amor e lealdade das pessoas tanto dentro quanto fora da religião. Quando Glenn começou a namorar uma jovem na vizinhança, Jolene Clayson, seu avô a aconselhou, "Esteja certa de esperar por Glenn enquanto ele estiver na missão, porque jamais encontrará alguém tão bom quanto o filho do Bispo Pace."

Jolene esperou e casaram-se no Templo de Lago Salgado após Glenn retornar da Missão dos Estados da Nova Inglaterra — onde aprendera a apreciar a diversidade das pessoas que ensinara, de todas as variedades de formação e níveis de educação. Bispo e irmã Pace têm agora quatro filhos e duas

filhas — o mais velho servindo missão nas Ilhas Cook e o mais jovem terminando o primeiro grau. No seu trabalho no Departamento de Bem-estar, irmão Pace encontrou a combinação que satisfaz perfeitamente tanto suas aptidões profissionais quanto instintos humanitários. Após trabalhar na área financeira por 5 anos, tornou-se diretor regional dos Serviços de Bem-estar e depois diretor de administração de campo. Em julho de 1981, tornou-se diretor administrativo.

Sua visão sobre os princípios de bem-estar foi aperfeiçoada nas reuniões semanais de sexta-feira à tarde com o Presidente Marion G. Romney, que freqüentemente lia para ele escrituras e discursos sobre bem-estar do Presidente J. Reuben Clark. Ele relembra e falava sobre os próprios princípios básicos. Tentava sempre fazer-me ver além da fazenda de bem-estar, além do armazém, para o *porquê* que eles foram instituídos — para ajudar as pessoas a ajudarem a si mesmas." Na estante de livros, no escritório do Bispo Pace estavam colocados sete cadernos de apontamentos de folhas removíveis, contendo todos os discursos sobre princípios de bem-estar que ele pesquisara. Estes o guiaram no "grande desafio de separar princípios de tradições, objetivos de programas."

Exatamente há um ano atrás, irmão Pace visitou países subdesenvolvidos, especialmente para ver membros da Igreja da classe econômica baixa. "Quando o evangelho penetra na vida das pessoas tornam-se suscetíveis aos ensinamentos temporais bem como os espirituais". Esta experiência fez-me sentir que podemos fazer mais para salvar nosso povo temporalmente." Sua sensibilidade às necessidades no mundo, novamente se tornaram mais profundas com sua recente visita à Etiópia, onde ele e Elder M. Russell Ballard, da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, administraram as despesas das contribuições da igreja para assistência aos carentes. Estas experiências têm proporcionado ao Bispo Pace uma visão precisamente adaptada para ajudar a dirigir os assuntos temporais da Igreja.

Bispo Glenn L. Pace está confiante na habilidade do Senhor de torná-lo apto ao trabalho diante dele. Ele é um homem firme no caminho. □

